



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ACOMPANHAMENTO INDIVIDUALIZADO DE UM ALUNO COM
DÉFICIT DE ATENÇÃO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS
PEDAGÓGICAS**

BRUNA MONTEIRO DE OLIVEIRA

BRASÍLIA
2012

BRUNA MONTEIRO DE OLIVEIRA

**ACOMPANHAMENTO INDIVIDUALIZADO DE UM ALUNO COM
DÉFICIT DE ATENÇÃO: CONSTRUINDO ESTRATÉGIAS
PEDAGÓGICAS**

Trabalho Final de Curso apresentado
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia à
Comissão Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília,
sob a orientação da professora Dra.
Sandra Ferraz de Castillo Dourado
Freire.

Orientadora: Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

BRASÍLIA
2012

Monografia de autoria de Bruna Monteiro de Oliveira, intitulada “Acompanhamento individualizado de um aluno com Déficit de Atenção: Construindo estratégias pedagógicas”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade Brasília, em 22/06/2012, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire – Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professora Dra. Fátima Lucília Vidal Rodrigues – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade Brasília

Professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz – Examinadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Msc. Ângela Anastácio Silva – Suplente
Secretaria de Estado de Educação, Governo do Distrito Federal

Brasília
2012

Dedico esta monografia a minha mãe Francisca Maria Cunha Monteiro e ao meu Tio Junior Eudes Cunha Monteiro que sempre me ajudaram e me apoiaram em todas as fases da minha vida, e a todas as pessoas que tenham dificuldades de aprendizagem decorrente do Déficit de Atenção.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que sempre atendeu e ouviu minhas preces, e sempre guiou meus caminhos.

À minha mãe, que foi a minha base e o suporte para eu crescer na vida.

Ao meu tio Junior por ter acreditado em mim.

À minha linda vizinha Luiza por ter cuidado de mim e ter me dado carinho.

À minha madrinha Rosângela por ter me ajudado nas aulas de reforço.

Ao meu padrinho Claudio por ter me dado bons conselhos de pai.

À minha grande psicóloga e madrinha Rosa Maria pelas lindas palavras de conforto.

À minha querida amiga Elaine de Andrade que me apoiou na minha caminhada acadêmica e em todos os meus momentos de tristeza.

As minhas amigas Hellen Maísa, Camila Rocha, Thais dos Santos, Aletícia, Natalha, Shirlei e Fernanda pelo apoio e pelo carinho.

Ao Mauricio, pelo amor e pela amizade.

Por ter conhecido e ter aprendido com Vera Lúcia, Simone Marchese, e toda equipe da Universidade Corporativa do Tribunal Regional Federal da Primeira Região. Obrigado por valorizarem meu trabalho e incentivarem a minha vida profissional.

A minha querida professora e orientadora Sandra Ferraz pelos aprendizados e pela perseverança que teve comigo.

A minha professora Tereza Cristina por me ensinar com dedicação e paciência.

Especialmente para as professoras Sirley, Solange, Maria José, e Aldeneide por terem me ajudado no estágio supervisionado e terem acreditado em mim.

Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo compreender os aspectos envolvidos no trabalho pedagógico e no processo de aprendizagem e desenvolvimento de um aluno com Transtornos de Déficit de Atenção (TDA) do sétimo ano do Ensino Fundamental, priorizando divisar possibilidades que potencializem o seu sucesso escolar. Tem como objetivos específicos (1) identificar processos de aprendizagem envolvidos no trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula; (2) construir estratégias pedagógicas para intervenção individualizada coordenada com o trabalho pedagógico realizado em sala e analisar os efeitos dessas estratégias na aprendizagem dos conteúdos escolares e no desenvolvimento da subjetividade do aluno; e (3) refletir sobre as possibilidades de aprendizagem e as possibilidades de um trabalho pedagógico que potencialize o sucesso escolar e as perspectivas de futuro de sujeitos com TDA. O referencial teórico elenca temas como aprendizagem e desenvolvimento, adolescência, histórico e conceituação do TDA, e estratégias pedagógicas. Enfatiza a perspectiva histórico-cultural sobre os processos de mediação e participação ativa do sujeito na construção do conhecimento. A pesquisa empírica seguiu uma abordagem qualitativa de caráter exploratório. Foi realizado um estudo de caso com um aluno do sétimo ano diagnosticado com TDA, considerado com grandes problemas de aprendizagem pelos profissionais da escola. Contou com entrevistas individuais com a orientadora educacional, com duas professoras e com o próprio aluno. Depois, foi realizada uma intervenção por meio de encontros individualizados entre pesquisadora e aluno. Foram utilizadas estratégias pedagógicas específicas com o objetivo de promover as aprendizagens e o desenvolvimento do aluno na escola. As análises priorizaram as perspectivas dos participantes sobre os processos de aprendizagem e sobre as práticas pedagógicas no trabalho com alunos com TDA. Resultados sinalizam a diferença na compreensão entre as diferentes profissionais sobre o TDA e os diferentes posicionamentos diante do sujeito em estudo. Entretanto, a partir das entrevistas e das intervenções, houve uma mudança de atitude tanto das profissionais como do próprio aluno em relação ao favorecimento da aprendizagem e seus efeitos no desenvolvimento cognitivo do aluno. Foi possível demonstrar a importância de um acompanhamento pedagógico individualizado e sua potencialidade se coordenado com as ações pedagógicas em sala de aula e nas demais instâncias institucionais.

Palavra-chave: Transtorno de Déficit de Atenção. Ensino, aprendizagem e desenvolvimento. Estratégias pedagógicas. Intervenção individualizada.

ABSTRACT

This work aims at understanding issues regarding teaching and learning processes faced by a seventh grade Elementary School student with Attention Deficit Disorders (ADD) in order to propose pedagogical strategies which foster processes towards optimum school achievement and self development. Specific objectives are set to (1) identify learning processes within classroom pedagogical practices; (2) create pedagogical strategies to be implemented on individual intervention sessions and analyze their effects on student's learning and on student's self development; finally, (3) reflect upon teaching and learning possibilities and pedagogical practices that empower ADD students to succeed in school and in life. Theoretical chapters approach themes like learning and human development, adolescence, ADD's historical and conceptual overview, and pedagogical strategies approaches. Based on a historic-cultural perspective, chapters give emphasis on mediation processes and active participation of subjects on knowledge construction. Empirical work comprised a case study of a seventh grade Elementary School student. It counted with individual interviews with the student, two of his teachers and the School Counselor. It also comprised individual pedagogical intervention sessions with the student and the researcher. Special pedagogical strategies were designed for those sessions in order to promote student school achievement and development. Analysis gave priority to participants' perspectives about learning processes and current and about ideal pedagogical practices to better work with ADD students. Results show there are understanding differences among professionals about ADD. Also, they show different positions about understanding student learning needs. However, after interviews and during intervention, it was possible to identify attitudes changes by all the participants towards the student and his learning possibilities. Individual pedagogical intervention sessions can become a productive resource to foster learning and student development, especially when coordinated with classroom and school pedagogical actions.

Keyword: Attention Deficit Disorder. Teaching, learning, and human development. Pedagogical strategies. Individual intervention.

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO

<i>Minhas Recordações</i>	1
---------------------------------	---

INTRODUÇÃO8

CAPÍTULO 1 – ADOLESCÊNCIA: APRENDIZAGEM ESCOLAR E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO11

1.1. Processos de aprendizagem e desenvolvimento	11
1.2. Desenvolvimento psicológico do <i>ser</i> adolescente	14

CAPÍTULO 2 - TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS18

2.1 Transtorno de Déficit de Atenção	19
2.1.1 <i>Um breve levantamento histórico e sua Conceituação</i>	20
2.1.2 <i>A causa do Transtorno</i>	23
2.1.3 <i>Passando pela adolescência e lidando com o Déficit de Atenção</i>	26
2.1.4 <i>Contexto escolar e familiar: adquirindo um relacionamento saudável</i> ..	27
2.2 Dificuldade de Aprendizagem	29
2.2.1 <i>Conceituação e perspectiva histórica</i>	29
2.2.2 <i>Subjetividade do aluno no contexto escolar</i>	31
2.3 Estratégias Pedagógicas no Processo de Aprendizagem	34
2.3.1 <i>Estratégias de aprendizagem no contexto escolar</i>	35
2.3.2 <i>Estratégias: Motivadora, Interdisciplinar e Transdisciplinar</i>	37
2.3.3 <i>Propondo diferentes tarefas</i>	38
2.3.4 <i>Acompanhamento individualizado: estimulando e motivando o aluno</i> ...	41

OBJETIVOS43

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA44

3.1 Contexto da pesquisa empírica	47
3.1.1 <i>Estrutura da Instituição</i>	48
3.1.2 <i>Projetos Escolares</i>	48
3.2 Sujeitos.....	49
3.2.1 <i>Aluno Arthur</i>	50
3.2.2 <i>Orientadora Educacional</i>	51
3.2.3 <i>Professoras</i>	51
3.3 Procedimentos e instrumentos	52
3.3.1 <i>Entrevista individual com o aluno</i>	52
3.3.2 <i>Entrevista individual com professores</i>	53

3.3.3 Entrevista individual com Orientadora Educacional	54
3.3.4 Intervenção individualizada	54
CAPÍTULO 4 – RESULTADO E ANÁLISE	57
4.1 Entrevista com Arthur	58
4.1.1 Sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e aprendizagem	61
4.1.2 Sobre o trabalho pedagógico.....	62
4.1.3 Sobre as relações familiares.....	64
4.2 Entrevista com profissionais da educação	66
4.2.1 Sobre o Transtorno de Déficit de Atenção.....	66
4.2.2 Sobre o aluno Arthur	72
4.2.3 Sobre o desenvolvimento escolar do aluno Arthur.....	78
4.2.4 Sobre a aprendizagem do aluno em uma área disciplinar	91
4.3 Intervenção dialógica e acompanhamento pedagógico: Aluno com Déficit de Atenção	96
4.3.1 Intervenção 1: Leitura e interpretação de textos e de imagens.....	98
4.3.2 Intervenção 2: Jogo de xadrez e interpretação de texto.....	100
4.3.3 Intervenção 3: Interpretando a reportagem: esporte	101
4.3.4 Intervenção 4: Produzindo o texto a partir da história em quadrinho..	103
4.3.5 Intervenção 5: Criando um jornal da escola.....	105
4.3.6 Intervenção 6: Pesquisa na internet: texto sobre futebol e sua relação com o substantivo comum e o próprio.....	106
4.4 Análises	111
4.4.1 Demandas escolares e dificuldades de aprendizagem	112
4.4.2 O trabalho pedagógico	113
4.4.3 Estratégias de intervenção dialógicas seus efeitos.....	115
4.4.4 Sobre as possibilidades de aprendizagem	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	
<i>Aprendendo com a pedagogia: subsídios para um futuro melhor...</i>	122
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124
ANEXOS E APÊNDICES.....	126

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

QUADROS

Quadro 1 – Lista de sintomas apresentadas por Mattos	23
Quadro 2 – Sujeitos da pesquisa	50
Quadro 3 – Descrição das sessões.....	55
Quadro 4 – O TDA na perspectiva dos profissionais da educação	70
Quadro 5 – O aluno Arthur na perspectiva dos profissionais da educação	77
Quadro 6 – Desenvolvimento escolar na perspectiva dos profissionais da educação	89
Quadro 7 – A aprendizagem do aluno em uma área disciplinar na perspectiva dos profissionais da educação	94
Quadro 8 – Produção de texto	109
Quadro 9 – Atividade I: Classificação dos substantivos	110
Quadro 10 – Atividade II: Classificação dos substantivos.....	111

FIGURAS

Figura 1 – Córtex pré-frontal: localização das disfunções relacionadas ao TDAH	25
Figura 2 – Imagem funcional do cérebro: atividade do córtex pré-frontal.....	25

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento	127
APÊNDICE II: Termo de consentimento; entrevista com o aluno	128
APÊNDICE III: Carta de intenção – Intervenção Pedagógica.....	129
APÊNDICE IV: Roteiro de entrevista com as professoras do Ensino Fundamental	130
APÊNDICE V: Roteiro de entrevista com a Orientadora Educacional	132
APÊNDICE VI: Roteiro de entrevista individual com o aluno.....	134
APÊNDICE VII: Atividades 1 – Interpretação de texto	137
APÊNDICE VIII: Atividade 5 – Roteiro de Pesquisa.....	137
ANEXO I: Atividade 2 – História em quadrinho.....	138
ANEXO II: Atividade 3 - Criando um jornal da escola	139
ANEXO III: Atividade 4 – Imagem: Região Brasileira.....	139

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TDAH: Transtorno de Déficit de Atenção

DDA: Distúrbio de Déficit de Atenção

DA: Déficit de Atenção

SOE: Serviço de Orientação Educacional

DSM: Desordens Mentais

MEMORIAL EDUCATIVO

Minhas Recordações

Ao longo de todas as minhas vivências acadêmicas, olho para trás e percebo o quanto cresci, não só como pessoa, mas como ser humano que foi capaz de amadurecer em todos os aspectos. Para começar a contar sobre minha vida, faço um breve resumo sobre quem eu sou. Sou filha de uma professora de Geografia e filha de um advogado já falecido, tenho dois irmãos por parte de pais diferentes, vinte e um anos, e nasci em Brasília, no dia 26 de abril de 1990.

Primeiramente, gostaria de dizer que todos os relatos que serão contados aqui sobre minha vida deram o real significado para essa monografia. Quero começar a falar sobre a minha infância e adolescência, pois foram primordiais para o meu processo de desenvolvimento. Minha infância foi muito marcante, pois, a meu ver, não foi tão comum como das outras crianças. Em função do amor da minha mãe e da minha família, aprendi a amar as pessoas e respeitá-las como elas são. Tive que enfrentar muitos desafios em todos os momentos da minha vida. Mas, devido a influencia da mãe, do meu tio Junior e de todas as pessoas que me apoiaram, esses desafios foram superados.

A partir dos cinco anos de idade, quando meus pais se separaram, muitos problemas emocionais começaram a aparecer, desenvolvendo assim, um grande impacto significativo na minha vida escolar, agravando algumas dificuldades de aprendizagem que eu já trazia. Não tenho muitas lembranças do meu pai. Talvez por isso, minha mãe fazia questão de reforçar o quanto ele me amava e o quanto a gente era feliz pelo tempo que ele esteve conosco. Sei que alguns episódios foram marcados por uma sensação de sofrimento inexplicável. Entretanto, hoje entendo que as partes boas são aquelas em que ele sempre quis o meu melhor. Não me queixo de um desses episódios da minha vida, pois, de certa forma, também tive uma infância muito boa com as minhas primas e com o carinho da minha família.

Do começo da minha vida escolar tenho lembranças tranquilas. Estudava em uma escola de freiras chamada Anjo da Guarda onde tinha uma professora com um sorriso muito bonito. Lembro que quando ela passava um batom vermelho ela ficava muito linda. A parte que eu tinha mais vergonha era nas apresentações escolares onde tinha um palco enorme com cadeiras, cortinas de teatro, e era um espaço grande em que nós fazíamos nossas apresentações. Era engraçado porque, antes de fazermos nossas

apresentações para os pais e familiares, a Irmã dava jujuba para termos coragem de fazer a apresentação. Ela dizia: “só vai ganhar jujuba quem apresentar”. Mesmo com a vergonha não tinha ninguém que não quisesse ir, porque ganhar uma jujuba era o que todo mundo queria. Lembro que na hora do intervalo a gente corria para a casa de bonecas para brincar e cantava a música da “borboletinha tá na cozinha”. Era uma casinha de madeira pequena, toda rosa que entrávamos nela. Nossa, eu adorava essa casinha! Sem falar nas professoras: que adoráveis e pacientes! Esse foi um dos momentos mais inesquecíveis, porque apesar de tudo, meu pai ainda estava presente e participava em tudo o que eu fazia.

Segundo relatos da minha mãe, eu tinha dificuldades de aprendizagem desde quando tinha três anos e meio, pois quando ela me colocava em uma mesa de vidro transparente para fazer os deveres de casa eu tinha dificuldades de memorizar e aprender. Ela colocava as vogais debaixo da mesa de vidro e dizia: “Bruna isso aqui é A E I O U”. Mas, quando colocava de novo as cartas das vogais eu não sabia e não entendia. Como meus pais eram educadores, eles detectaram ali os primeiros sinais de dificuldade de aprendizagem por meio de episódios como esse que ocorreu com atividades com cartas do alfabeto.

Com o passar do tempo, minhas dificuldades continuaram e, em função das exigências da escola apareciam cada vez mais. Minha mãe acredita que as dificuldades que eu tive foram devido a duas coisas: o sofrimento que tive com a separação dos meus pais e o fato de que quando ela estava grávida de mim, ela não se alimentava direito por fazer faculdade. Trabalhava muito, só se alimentava quando saía a última pessoa do escritório de contabilidade onde trabalhava. Por não ter uma orientação nutricional, fazia uma alimentação frugal. Bem, essas hipóteses também foram motivo de conflito entre meus pais. Quando minha mãe ligava para meu pai para dizer que eu tinha dificuldades, ele argumentava que não podia ser em função da separação, porque muitos casais se separavam e não tinham filho com dificuldade de aprendizagem. Em uma conversa com ele, minha mãe lembrou-o do episódio quando eles estavam me ensinando às cartas do alfabeto.

Ao ir para uma escola classe da Asa Norte, as professoras e minha mãe detectaram que eu tinha muitas dificuldades para aprender o conteúdo das matérias, principalmente quando estava na terceira série, na matéria de matemática. Então, me colocaram à tarde na aula de reforço na minha própria escola. Para mim, por mais que a professora de matemática ensinasse, não entrava nada e minha situação só ia se

complicando cada vez mais. Chegou ao ponto do meu pai ir à escola brigar com a professora.

Nessa época, eu gostava muito das visitas do meu pai na hora do intervalo ou até mesmo nos horários de aula. Depois, ele passou a não ir mais. Levou um tempo para eu me conformar com isso. Mesmo com minhas dificuldades, minha mãe e meu tio Junior me ajudaram muito nos deveres de sala, nas tarefas de casa, e principalmente nas provas. Meu tio até me ajudou a fazer um trabalho de ciências. Lembro que esse trabalho tinha ficado muito bonito e a professora acabou me dando nota dez. Na quarta série foi muito difícil porque como só tirava nota mediana nas matérias, precisava tirar uma nota muito boa no fim do ano para passar para a quinta série, caso contrário iria reprovar. Com muito esforço, e ajuda dos professores, da minha mãe e do meu tio, consegui passar de ano.

Na quinta série e na sexta série fui para outra escola localizada também na Asa Norte. Foi uma experiência incrível nesta escola. Isto porque, mesmo sabendo que ainda tinha dificuldades de aprendizagem, foi um período em que aprendi muito e pude desenvolver meu cognitivo e minha atenção. A escola agregava uma sala psicopedagógica com vários recursos como jogos e outros instrumentos pedagógicos, e tinha uma psicopedagoga especializada para os alunos com dificuldades de aprendizagens. Nas reuniões de pais, os professores falavam que eu desviava muito à atenção nas aulas e que, por não prestar atenção e não me concentrar, eu não conseguia entender a aula. Então, aí é que tomaram uma decisão que mudou minha vida me colocando nesta sala psicopedagógica.

Na sala de aula, eu me distraía facilmente e às vezes ficava no mundo da lua. Não conseguia em hipótese alguma me concentrar e quando fazia os exercícios em casa eu tinha muita dificuldade, principalmente nos deveres de português de interpretação de texto. Perto do final do bimestre, me recordo que tinha tirado nota baixa na prova de matemática e de português, e como era de costume minha mãe ir às reuniões de pais, ela foi conversar com a professora de matemática sobre isso, e começou a chorar. De alguma forma ela se sentia culpada em função da separação do meu pai e sabia que isso havia afetado de alguma forma minha vida escolar. Então minha mãe me colocou na sala de recursos pedagógicos para desenvolver minha concentração.

Não lembro muito como foi cada aula, mas lembro de que jogávamos muito quebra cabeça, jogo da memória, usava objetos para exercitar a matemática, tinha umas peças que a gente montava criando casa, castelo, usava a imaginação para montar, tinha

muito brinquedo e muito livro, a gente fazia desenhos e muitas outras atividades. A partir dessas estratégias que foram trabalhadas comigo, pude começar a estudar mais, a me concentrar nas aulas, a fazer mais os deveres, e me interessar pela aula. Para completar o meu rápido desenvolvimento, nessa escola, acabei descobrindo a dança do ventre. Adorava dançar. Como a professora de educação física fazia aula de dança, ela decidiu oferecer aulas de graça na escola. Logo me matriculei com outras colegas. Todas as meninas adoravam e eu amava.

Nos anos finais do ensino fundamental, passei pela escola da Asa Sul e pela escola do Lago Sul; essas duas escolas me marcaram porque apesar de tudo que passei nas outras escolas não me sentia fraca e nem inferior a ninguém. Percebi o quanto eu era determinada nos estudos e o quanto estava me sentindo responsável por mim mesma. Quando cheguei no ensino médio, meu tio Junior e minha mãe estavam pretendendo me colocar em uma escola particular. Como sempre estudei em escolas públicas, foi muito difícil querer estudar numa escola particular. Acreditava que eu não fazia parte do mundo de pessoas de classe alta. Achava que não conseguiria aprender como essas pessoas estavam aprendendo, me achava inferior. Diante da minha opinião, minha mãe e meu tio tentavam me convencer o quanto que seria bom para mim se estiver em uma escola de ponta, o quanto eu iria aprender e crescer. Confortavam-me dizendo que eu não deveria ligar para o que os outros pensavam de mim, pois as pessoas tinham que me respeitar do jeito que eu era.

De tantas e tantas conversas deixei de lado minha resistência e resolvi enfrentar o Colégio JK. Quando cheguei à escola, realmente percebi que as pessoas eram diferentes em sua forma de ser e que tinham uma visão de futuro. Pensavam em passar no vestibular da UnB a qualquer custo. A escola agregava simulados, aulas interativas, oferecia cursinho pré-vestibular à tarde, os professores eram altamente engraçados e centrados, mas uma coisa eu consegui perceber: que por mais que eu fosse diferente, outras pessoas também eram. Havia pessoas arrogantes por um lado, mas, pelo outro, havia pessoas como eu, amigas e humildes. A partir disso, comecei a fazer cursinho pré-vestibular da Asa Norte com o objetivo de passar na Universidade de Brasília. Estudava de manhã no colégio e, à tarde, ia direto para o cursinho. Não sabia ao certo o que queria, meu pensamento estava centrado em serviço social, biblioteconomia e arquivologia. Mas, nesse momento, sabia que queria um futuro melhor para mim.

Nesta época, meu Tio Junior passou no concurso do Bombeiro em Goiânia e acabou morando lá. Como ele sabia que em Goiânia havia Universidades Públicas, ele

me convidou para fazer prova na nova cidade em que ele estava morando. Aqui em Brasília, existe uma forma de entrar na Universidade que é o Programa de Avaliação Seriada (PAS). Em Goiânia, o nome desse programa se chama Sistema de Avaliação Seriada (SAS). Resolvi fazer o SAS para a Universidade Estadual do Goiás e passei o ano viajando para realizar as provas.

O cursinho e o Colégio JK deram um norte na minha vida acadêmica. Quando fui fazer a última prova em Goiânia, percebi que o ponto de corte da minha nota já estava alta e que era a hora de fazer a escolha do curso. Não vou mentir, mas, o que eu mais queria era ficar perto da minha família e quando fui optar pelo curso, a primeira coisa que optei foi escolher a cidade mais próxima de Brasília. Escolhi Formosa. Os cursos que tinham lá eram: português, matemática, ciências naturais, história, geografia, física, química. Não queria nenhum desses cursos. Havia um pelo qual me apaixonei e que ainda me apaixono até hoje, que é a pedagogia. Resolvi. Optei por pedagogia e fui fazer a última prova decisiva. Depois de duas semanas, saiu o resultado pelo Jornal de Goiânia e meu tio me ligou de madrugada me dando o resultado. Foi muito engraçado, porque todo mundo gritava, ele gritava de um lado do telefone e minha mãe e eu do outro.

Ir para Formosa todos os dias era difícil, mas só de estar fazendo um curso superior, isso para mim era o mais importante. Eu amava aquela Universidade apesar de ser pequena e com pouca estrutura física. Recebi trote e fui para casa toda cheia de farinha. Dancei dança do ventre na aula de fundamentos da arte na educação. Fui a congressos e palestras. Visitamos escolas do entorno da região. Fiz parte do projeto de artesanato. Ensinamos as crianças a lerem. Os professores eram excelentes! Nossa, era um barato! Fiquei mais ou menos um ano e três meses quando me disseram que podia tentar transferência para a UnB. Fiz a prova de transferência e passei na Universidade de Brasília.

Um dos conteúdos fundamentais da pedagogia que eu mais gosto é de psicopedagogia e psicologia na educação. Tive muitos professores que marcaram minha vida na Faculdade de Educação. Começo a falar sobre minha orientadora, Sandra Ferraz. Ela é uma professora muito organizada e responsável que me fez realmente aprender e compreender a matéria de orientação educacional. Outro professor marcante foi o Professor Renato Hilário, de Projeto 3 de educação de Jovens e Adultos no Paranoá. Com ele aprendi a ser solidária, amiga, a ouvir o outro e agir em grupo. Outra

professora importante foi a Ângela Anastácio, com a sua simpatia e sua atenção que me envolveram.

A parte do meu curso que mais admiro em todos esses anos é saber que um pedagogo pode estar atuando em várias áreas da educação e não somente dar aulas. Claro que essa é a função principal, mas tudo que está ligado à educação envolve a pedagogia. Uma das minhas primeiras práticas como pedagogo foi atuar em uma Universidade Corporativa do Tribunal Regional Federal como estagiária de pedagogia. Nesse estágio, aprendi muitas coisas relacionadas a educação a distância e sobre a organização e avaliação. Amadureci mais como pessoa e pude aprender a ser mais responsável, especialmente, a administrar o meu dinheiro. Foi uma experiência que ainda sinto falta e que realmente quero seguir.

Quando fiz meu estágio supervisionado, que é de cunho obrigatório da faculdade, tive vontade de fazer algo relacionado à psicologia da educação e à psicopedagogia. Queria muito compreender como aprendem alunos com Déficit de Atenção. Como mencionei anteriormente sobre o meu processo histórico, quando criança tinha muitas dificuldades de me concentrar para aprender, e um olhar psicopedagógico me ajudou a compreender o mundo escolar de outra forma. Também me ajudou a centrar nos meus objetivos de vida. Isso foi um fato que me marcou muito, e ainda me marca por saber que fui diferente dos demais colegas de sala e que nem por isso deixei a peteca cair quando mais achava que não poderia conseguir.

Comecei fazer o estágio supervisionado na escola do Paranoá. Realizei diversas atividades na escola com os professores e com a orientadora educacional. Acompanhei o dia a dia desses profissionais, especialmente, o da Orientadora Educacional. Fiz entrevistas aplicadas e observações para identificar sua função na escola, suas práticas pedagógicas, a sua contribuição à educação. Entre meus objetivos de estágio, também estava o levantamento de demandas daquela realidade, saber por meio desses profissionais a respeito dos problemas, das especificidades daquele contexto e, principalmente, sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos.

Portanto, percebi que a instituição não havia psicopedagoga e sim somente uma orientadora educacional. A partir disso, vi que poderia ajudar a escola com a minha formação. Sabia que não tinha ainda nenhuma especialização nessa área, mas a minha vontade era grande de poder ajudar os alunos que tinham dificuldades de aprendizagem. Fiz um levantamento acerca de alunos com baixo rendimento escolar e, junto à

Orientadora Educacional, tomei conhecimento de um aluno com Déficit de Atenção diagnosticado clinicamente.

Logo me prontifiquei para fazer um estudo e um trabalho diferenciado com esse aluno. A orientadora educacional atendeu ao meu pedido. Fez contato com a mãe do aluno e a mãe acabou permitindo fazer um acompanhamento individualizado com seu filho. Marcamos um horário especial todas as manhãs na biblioteca e passei a pesquisar e elaborar estratégias pedagógicas para trabalhar as dificuldades que esse aluno tinha. Foi uma experiência rica em observação, tanto na sua forma de lidar com o trabalho escolar no atendimento individualizado, como na sala de aula. Em muitas das minhas leituras teóricas encontrei diversos meios para ajudá-lo nas suas diversas dificuldades. Pude avaliar e propor estratégias pedagógicas nos encontros para assim e contribuir no aprendizado do aluno. Foi a partir desse trabalho que se delineou meu interesse de pesquisa para a monografia.

Desta forma, voltando a falar sobre minha vida acadêmica explico que todas as experiências de estágios, aulas presenciais e semipresenciais, exposições, visitas em congressos, participação nos projetos de pesquisa e grupos de estudos, palestras, projetos de extensão, e os estágios de um modo geral do curso de pedagogia me transformaram e me trouxeram sabedoria para contribuir com minha formação. A Faculdade de Educação me tornou mais humana e mais profissional, neste lugar aprendi a amar mais as pessoas e consegui construir relações de amizades muito forte que vou levar pelo resto da vida.

Para finalizar, quero dizer que nada é por acaso. As coisas acontecem porque tem que acontecer, é preciso ajudarmos uns aos outros para que as limitações do próximo não sejam empecilho para que ele cresça e se desenvolva. Talvez se não tivesse a ajuda da minha mãe, dos meus professores, do meu tio, e de todas as pessoas que fizeram e fazem parte da minha talvez não seria essa pessoa que sou hoje. Portanto, é a partir da ajuda do outro e, principalmente, das nossas fraquezas, que temos que nos erguer e nos levantar e dizer: - eu posso.

“A maneira de ajudar os outros é provar-lhes que eles são capazes de pensar”

Helder Câmara

INTRODUÇÃO

Quando realizei o estágio supervisionado no primeiro semestre de 2011, em uma escola pública de 5ª. a 8ª. séries, já tinha o interesse por conhecer mais a fundo as questões envolvidas sobre as dificuldades de aprendizagem. No trabalho junto à Orientadora Educacional, passei a conhecer o caso de Arthur que, dentre os muitos alunos que apresentavam suspeitas de déficit de atenção e/ou hiperatividade em função das dificuldades de aprendizagem, era o único que possuía um diagnóstico clínico.

O interesse pelo tema específico sobre o processo de aprendizagem e desenvolvimento de um aluno com Transtorno de Déficit de Atenção nasceu devido à necessidade em compreender o mundo pedagógico no qual estava inserido esse aluno. Decidi investigar os problemas de aprendizagens existentes nesse caso, propondo estratégias e buscar alternativas eficazes para promover o desenvolvimento do aluno na escola.

Esse é um tema que muitas escolas talvez não tenham parado para refletir: o tratamento pedagógico diferenciado com alunos com Déficit de Atenção (DA). Muitas vezes o professor é capaz de reprovar um aluno sem entender ou reconhecer a importância de desenvolver um trabalho e um acompanhamento pedagógico mais centrado e mais atencioso com esses alunos. Muitas vezes, o aluno em seu mundo escolar não consegue se desenvolver cognitivamente devido à interferência do desvio de atenção nas aulas, nos exercícios e nas atividades realizadas, na falta de métodos didáticos que o auxiliem no seu desenvolvimento intelectual. Tudo isso se reflete decisivamente na sua motivação para aprender e na própria concepção de si. A importância de estudar o aluno com DA implica em ter um olhar mais crítico sobre o seu processo educacional e sobre o seu desenvolvimento pedagógico e aprender sobre a sua dificuldade de aprendizagem, a fim de propor estratégias que viabilizem a sua formação.

A partir de uma reflexão intensa sobre o assunto e de leituras anteriores, acredito que seja preciso que todo o aluno com DA tenha um acompanhamento pedagógico diferenciado, pois essa “falta” pode resultar em diversas dificuldades de aprendizagem. No seu ambiente escolar, os professores, a direção, a coordenação, e principalmente a família devem, de forma coordenada, utilizar meios e alternativas eficazes para o desenvolvimento do aluno. Todavia, a escola deve avaliar e inserir recursos tanto

tecnológicos, didáticos, como pedagógicos para fazer as devidas intervenções; profissionais qualificados e com formação específica; um trabalho diferenciado em sala de aula; e um espaço físico adequado para o atendimento individualizado.

Entretanto, na realidade concreta e prática da maioria das escolas, essas são medidas que demandam ações e decisões de várias ordens. Ao observar e acompanhar o caso de Arthur na sexta série/sétimo ano, algumas questões surgiram: Como se caracteriza o desenvolvimento da pessoa com Transtorno de Déficit de Atenção? Na escola, como são as dificuldades e as possibilidades de aprendizagem do aluno com Déficit de Atenção? Como é o trabalho pedagógico desenvolvido nas séries finais da Educação Fundamental? É diferente das séries iniciais? Como deve ser um trabalho pedagógico que potencialize o sucesso escolar e as perspectivas de futuro de sujeitos com Transtornos de Déficit de Atenção?

No caso específico de Arthur, considere que a experiência escolar dele deveria contar com estratégias pedagógicas individualizadas, buscando soluções a partir das atividades desenvolvidas, para assim valorizar o seu potencial individual, sanar as suas devidas dificuldades na realização do trabalho escolar e contribuir para o sucesso de sua aprendizagem. Portanto, o presente trabalho não se direciona somente a explicar e caracterizar o Déficit de atenção, mas em analisar e refletir sobre a experiência escolar de um aluno com DA sob o olhar do próprio aluno e dos diferentes agentes pedagógicos que atuam nessa realidade, e propor a construção de estratégias para o trabalho individualizado a partir de um trabalho de intervenção realizado por mim na condição de pesquisadora.

O primeiro passo, para a investigação foi delinear os objetivos para saber sobre os aspectos envolvidos no trabalho pedagógico e no processo de aprendizagem e desenvolvimento de um aluno com Transtornos de Déficit de Atenção nas séries finais da Educação Fundamental, priorizando divisar estratégias pedagógicas que potencializem o sucesso escolar do sujeito com Transtornos de Déficit de Atenção. Dos objetivos, desenhamos a proposta metodológica, aplicando instrumentos de pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Prevendo a ação participativa do pesquisador em situações de intervenção, realizando um estudo de caso a partir dos diferentes procedimentos empreendidos, a partir de uma entrevista reflexiva com os sujeitos do estudo de caso.

Entre os resultados, destacamos analisar as demandas escolares, as dificuldades de aprendizagem de um aluno com déficit de atenção, o trabalho pedagógico que é desenvolvido com um aluno com Transtornos de Déficit de Atenção nas séries finais da Educação Fundamental, as estratégias de intervenção dialógicas e seus efeitos dessas estratégias na aprendizagem dos conteúdos escolares e no desenvolvimento da subjetividade do aluno, as possibilidades de aprendizagem e de um trabalho pedagógico que potencialize o sucesso escolar e as perspectivas de futuro de sujeitos com Transtornos de Déficit de Atenção.

O presente trabalho consta de três partes: o memorial que articula minhas recordações alinhando com o interesse pelo trabalho; a monografia dividindo entre dois capítulos a serem estudados, a metodologia aplicada, o capítulo de resultados e discussões, seguido pelas considerações finais; e por último as perspectivas futuras.

CAPÍTULO 1

ADOLESCÊNCIA: A APRENDIZAGEM ESCOLAR E O DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO

O indivíduo se constitui enquanto tal não somente devido aos processos de maturação orgânica, mas, principalmente, através de suas interações sociais, a partir das trocas estabelecidas com seus semelhantes.

Tereza Rego (2011, p.109)

O sujeito adolescente é um *ser* capaz de desenvolver as suas potencialidades e seu cognitivo quando é motivado, incentivado, incitado, ou aguçado em sua aprendizagem por aqueles que participam de seu desenvolvimento, favorecendo sua transformação em sujeito, agente de sua vida. O ser que aprende, o ser que se desenvolve é um *ser* que está em constante mudança. Mas, isso ocorre no encontro com o outro, pelo uso da mediação e, no caso da escola, por meio da intervenção pedagógica apropriada. A partir dessas considerações, o presente estudo teórico traz questões sobre o adolescente, enfatizando sua aprendizagem e seu desenvolvimento. Através da abordagem de diversos autores, os processos da aprendizagem do adolescente, e a importância da construção da sua subjetividade. Exploraremos também aspectos que envolvem a função dos profissionais da educação e familiares no processo de aprendizagem escolar.

Tal enfoque tem o intuito de buscar compreender e entender as particularidades intrínsecas e extrínsecas do adolescente em seu processo educacional, para ajudá-lo na construção do seu conhecimento. A temática da mediação e o papel do outro como sendo o veículo formador e preceptor passa a ser fundamental, especialmente quando tratamos de alunos com dificuldades de aprendizagem. Temos o objetivo de refletir sobre como intervir em seu processo, de forma em que o sujeito ensinante seja o elemento crucial para o progresso do ensinado.

1.1. Processos de aprendizagem e desenvolvimento

O processo de aprendizagem, apropriação de conhecimentos e o desenvolvimento do sujeito em todas as suas capacidades, e potencialidades se

constituem antes mesmo de entrar numa escola. Ocorre a partir das vivências com o outro e com a singularidade do próprio indivíduo. Aos poucos, suas aprendizagens vão se configurando através dos ensinamentos aprendidos no decorrer da sua vida, e o sujeito vai se desenvolvendo através dos aprendizados que foram disponibilizados através da sociedade e da cultura.

Antes de entrar na escola, a sua subjetividade e seus conceitos do mundo já estão se desenvolvendo, e muitos processos de aprendizagem já estão se configurando antes mesmo da experiência escolar. A escola vem para dar um suporte e subsídios não só para que o aluno aprenda os conteúdos e realize tarefas, mas também oferece um contexto para ele desenvolver a sua subjetividade. A escolarização se torna, então, o processo pelo qual o indivíduo desenvolverá sua aprendizagem e, aos poucos, se desenvolverá em todos os sentidos.

Na perspectiva histórico-cultural, aprendizagem e desenvolvimento são processos de mudanças e estão inter-relacionados. A aprendizagem é o momento de encontro com o novo. Vygotsky (1989) acredita que todo o novo tem a marca social. O caráter histórico está em que a forma que o sujeito se relaciona com o novo se baseia em formas de relações aprendidas ao longo das suas experiências. Desenvolvimento, para Vygotsky, é o resultado das múltiplas aprendizagens que empreendemos e que são internalizadas de tal forma que passam a fazer parte do nosso funcionamento no mundo, com o outro e conosco mesmo. A respeito disso, Rego (2011) trata esse assunto como: “O aprendizado é considerado, assim, um aspecto necessário e fundamental no processo de desenvolvimento das funções psicológicas superiores” (p. 70-71, referenciando Vygotsky, 1984, p. 89-103). Ao contrário de Piaget, em que o desenvolvimento guia os processos de aprendizagem, para Vygotsky, a aprendizagem antecede o desenvolvimento.

Para explicar como que se dá a aprendizagem da cultura, mesmo no contexto escolar, Vygotsky apresenta a noção de Zona de Desenvolvimento Proximal. É por meio desse processo que se configura a aprendizagem que, quando bem sucedida, é internalizada e passa a fazer parte do funcionamento do sujeito. Nesse momento, a aprendizagem encontra-se com o desenvolvimento.

Os adultos, assim como as crianças, aprendem e reaprendem com a sociedade. O outro é o ser mediador no processo de aprendizagem e desenvolvimento. Estamos sempre aprendendo seja em casa com nossos pais, seja na rua com os colegas, seja na escola com os professores. Estamos sempre buscando aprender com o outro. Pois, é

com a ajuda do outro, ou com a sua intermediação que se estabelecerá conexões entre o real significado para o potencial de crianças e adolescentes que estão em constantes transformações. O pleno desenvolvimento da criança se dá mediante a sua aprendizagem, Vygotsky afirma que “O que a criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos poderá fazê-lo amanhã por si só” (1989, p.113), sendo assim, se houver uma aprendizagem bem definida e bem adquirida com a ajuda do outro, provavelmente a criança terá autonomia para fazer só. E, conseqüentemente quando chegar à vida adulta, os aprendizados terão constituído possibilidades para um adulto continuar se desenvolvendo.

Mas, como sabemos que a criança já desenvolveu? Como sabemos o grau de desenvolvimento de um indivíduo? Em seu livro *A formação social da mente* (1989), Vygotsky aborda uma questão interessante sobre um estudo feito com duas crianças. É válido notar, como o mesmo menciona, que estas crianças com idades iguais podem ter um desenvolvimento diferente, pois quando uma tem o contato ou mediação de um adulto, pode-se observar um grau de maturação diferente da outra. Por isso, cabe observar que a diferenciação no qual Vygotsky coloca buscou determinar um método para saber o grau de desenvolvimento de determinada criança.

Rego (2011) caracteriza a Zona de Desenvolvimento Proximal em virtude do texto de Vygotsky como: “A distancia entre aquilo que ela [o educando] é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza em colaboração com os outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial)...” (p.73). Esse método é uma diferenciação do conhecimento e do desenvolvimento que a criança tem com o que ela ainda irá adquirir pelo ensinamento do outro e na interlocução com a sua própria história de aprendizagens e com um futuro de possibilidades que estão por vir.

O mais importante para o presente trabalho é o entendimento de que a zona de desenvolvimento precisa ser mediada pelo outro. É de extrema importância perceber que o outro precisa estar no processo de desenvolvimento, pois senão, a aprendizagem e, conseqüentemente, o desenvolvimento por si só não terão efeito. Vemos que, tanto no dia-a-dia quanto na escola, isso precisa ser efetivado não só pela criança que tenta fazer sozinha, com sua autonomia e busca pelo aprendizado, como pela mediação das pessoas que estão envolvidas no processo de aprendizagem do indivíduo, seja de forma intencional ou não.

Usar a mediação como um “recurso” é de extrema importância para o desenvolvimento e aprendizagem do sujeito, é fazer com que o mesmo aprenda novas formas de conhecer. Mediação não significa apenas o enquadramento de métodos ou técnicas ou recursos, mas a junção de vários elementos lingüísticos e simbólicos envolvidos em diversas combinações cognitivas que, unidos pela percepção e ação humana, se configurará em novos aprendizados. Ao falar da mediação simbólica, Rego (2011, p. 54) comenta, a partir de umas das obras de Vygotsky, que “... à análise de como a relação entre o uso de instrumentos e a fala (...) afeta várias funções psicológicas, em particular a percepção, as operações sensório-motoras, e a atenção”. Portanto, é através da forma de elementos no qual o professor possibilite ajudar o aluno a centrar a sua atenção e sua concentração nos meios de adaptação pedagógica no qual esteja aprendendo e se desenvolvendo.

Para Vygotsky, a mediação se dá pelo uso de instrumentos e signos que intermedeiam a ação social. Por sua vez, instrumentos e signos funcionam como meios para centrar a memória e o aprender, possibilitando ampliação do compreender através dessa mediação. É isso que acarretará mudanças no comportamento e na mente humana, e assim possibilitar o desenvolvimento cognitivo.

Em relação a isso, César Coll (2004) afirma que “Os agentes ativos na Zona de desenvolvimento proximal não incluem apenas pessoas, como crianças e adultos com grau diverso de experiência, mas também artefatos, como livros, vídeos, suporte informáticos, etc.” (p.99). Portanto, o desenvolvimento do aluno em caráter de aprendizagem não precisa propriamente e somente do outro como um agente externo capaz de fazer devidas mudanças de aprendizagem, mas que o outro proponha no processo educacional do aluno intervenções mais significativas e interativas. O outro precisa desenvolver instrumentos significativos para deixar que a criança ou o adolescente faça sozinho mediante os seus ensinamentos estratégicos por meio de recursos que facilitem e desenvolva melhor a sua intersubjetividade e o seu cognitivo.

1.1 Desenvolvimento psicológico do *ser* adolescente

Sobre o desenvolvimento humano e, especialmente sobre o adolescente, Erik Erikson (1972) aborda a adolescência a partir de um conjunto de fatores que existem desde a infância até a fase adulta. Destaca que logo cedo os pais ensinam a seus filhos como se comportar e os guiam ao entrar na fase escolar. O posicionamento dos pais de

alguma forma se materializa nas relações que os filhos estabelecem com os seus professores e colegas de sala de aula, assim como na relação com a escola que a criança passa a estudar. O desenvolvimento da identidade de uma criança começa quando seus pais lhe ensinam como seguir, e dão subsídios verbais e intelectuais para que a criança se comporte de determinada maneira com todos em sua volta. Os professores ensinam como falar com os amiguinhos de sala, como se comportar, e, da mesma forma, acabam ensinando a encontrar a sua própria identidade.

Quando nenhum desses mestres (professores ou os próprios pais) não dão essa base, conseqüentemente causará um desequilíbrio no seu desenvolvimento, havendo impactos emocionais e diversos comportamentos psicológicos. O desenvolvimento da identidade de uma criança se dá através da construção social das pessoas que estão ao seu redor. Passa por uma série de etapas sucessivas que precisam ser vencidas. Dessa forma, Erikson (1972), afirma que os adolescentes “precisam, sobretudo, de uma moratória para a integração dos elementos de identidade atribuídos nas páginas precedentes às fases da infância” (p.129). Uma identidade bem guiada no início do seu processo terá mais chances de resultar em um adolescente bem desenvolvido psicologicamente e intelectualmente.

Contudo, ao sair da fase de criança, fase em que se sente segura com o seu modo de vida e com as pessoas ao seu redor, e ir para a fase da adolescência, passa buscar para si decisões e escolhas. Escolhas estas que sempre são pensadas e repensadas a partir dos conflitos criados na negociação do seu papel na sociedade, revendo meios de serem aceitos e julgamentos prestados em detrimento do social. Com um novo olhar sobre a perspectiva de futuro e decidir sobre o que vai ser no futuro, o adolescente passa por crises de indecisões quanto ao mundo do trabalho e quanto à sua existência, quanto ao sentido da vida e a incerteza das suas possibilidades.

Na tentativa de querer afirmar a sua identidade, o adolescente se apoia nos ensinamentos e aprendizados oriundos das fases anteriores e construídos através de diversos meios tanto cultural como social em que está vivendo. O reconhecimento das especificidades desse período desenvolvimental deve ser levado em consideração no trabalho pedagógico com adolescentes, pois a crise da adolescência afeta as motivações do aluno para aprender.

Quando Vygotsky menciona sobre a criança em seu processo de desenvolvimento, deixa claro que na Zona de Desenvolvimento Potencial há a mediação entre os significados que a criança já tem e os significados que o outro traz. Ao

mencionar o *ser* adolescente no tópico acima, nos traz a tona uma interessante questão sobre o processo de ensino-aprendizagem do adolescente. Vygotsky trata do desenvolvimento concebendo a criança em processo de formação em que a descoberta do mundo e de si é mediada pelas pessoas que a rodeiam. Por outro lado, Erikson concebe a criança com suas vivências relativamente pré-determinadas pela cultura em que a família está inserida. Nesse caso é a família, depois a escola, que exerce influências decisivas na formação da identidade do adolescente. Entretanto, a Zona de Desenvolvimento Potencial se apresenta como importante contexto de transformação e de possibilidades de ação.

Levando em conta os jovens com quem convivemos e conhecemos nos dias atuais, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, devemos fazer as seguintes indagações: será que o adolescente tem mesmo o “outro” para ajudar no seu processo de aprendizagem e desenvolvimento? Quando não há esse apoio, o que fazer? Devido a uma tendência atual ao isolamento, que problemas surgem para o não aprender? São essas perguntas que professores, familiares e todos os que ensinam e convivem com o adolescente deveriam se questionar.

Como mencionado anteriormente, estamos em constante processo de aprendizagem, e com o adolescente não é diferente. Resta saber se, na vida real, as pessoas que atuam como “professores sociais”, ou seja, aqueles com o propósito de ensinar a alguém em outros ambientes fora da escola, fazem parte da Zona de Desenvolvimento para o *ser* adolescente. Erikson formula em seus textos sobre a adolescência que por mais que o indivíduo aprenda com o outro, ou seja, com a sociedade, o adolescente também precisa desenvolver as suas crises internas. Afirma que:

a personalidade se desenvolve de acordo com uma escala predeterminada na prontidão do organismo humano para ser impelido na direção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições significantes, ao mesmo tempo que está cômico da existência desse círculo e pronto para a interação com ele. (ERIKSON, 1972, p. 92)

A escala predeterminada que o autor menciona referem-se às crises psicológicas e sociais que o adolescente passa. Infere que a personalidade é como um conjunto de meios tanto externos quanto internos que vão agir para desenvolver todos os aspectos cognitivos, afetivos e sociais do adolescente. Em seu artigo, Oliveira (2006, citando

Carvalho, 1996) comenta sobre a construção da adolescência como objeto da psicologia de Erikson:

“... Erikson constrói o triângulo pai-mãe-filho, através de um modelo que reúne em um vértice a família, no segundo a dimensão tempo-sociedade-cultura e no terceiro o próprio indivíduo. Em outras palavras, coloca as dimensões institucional, sociocultural, histórica e biológica em interação” (p. 428).

No entanto, é imprescindível na formação da personalidade, a existência de um círculo de interações, ou seja, do apoio social familiar, escolar, que interaja na sua formação como cidadão.

Dessa forma, podemos concluir que a aprendizagem não só depende da sociedade e do outro, e não só depende da interação do sujeito com o outro. Também depende do desenvolvimento de recursos psicológicos e da superação de suas “crises”—tanto de natureza sociopsíquicas, como biopsíquicas—que interfiram na sua aprendizagem e no seu desenvolvimento. Diante dessa constatação, é preciso que os docentes sejam competentes para fazer essa mediação no processo de aprendizagem do adolescente. Também precisamos de uma sociedade mais comprometida com a formação de seus cidadãos e capaz de proporcionar condições de o adolescente se desenvolver em todos os sentidos.

CAPÍTULO 2

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Lembre-se: ele faria melhor se pudesse. Acontece que ele não pode ainda, sem ajuda.
Paulo Mattos (2003, p.68)

Através de uma abordagem reflexiva e crítica sobre a mediação do outro e sobre o papel do professor no processo educacional do indivíduo, o presente trabalho busca conhecer o Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), suas causas e sua interferência na aprendizagem escolar do aluno. Enfatiza o acompanhamento individualizado para possibilitar as aprendizagens demandadas pela escola, e que possibilite desenvolver no aluno a autonomia para aprender. A mediação nesse caso é um desafio. É uma busca por encontrar e alavancar mecanismos de dificuldades tipicamente relacionadas ao não aprender em detrimento da falta de concentração nas tarefas escolares e na aula em si de alunos com TDA. Por essa razão, encontramos em Cesar Coll e outros autores orientações valiosas sobre estratégias de aprendizagem para o contexto escolar que podem ser utilizadas inclusive em intervenções individuais com alunos com TDA.

A estrutura deste capítulo se divide em três partes, na primeira parte teórica se refere propriamente ao Transtorno de Déficit de Atenção. Apresenta definições e um breve contexto histórico, as causas (conhecidas) desse transtorno, importância do contexto familiar e escolar. Tem o objetivo de explicar toda a conjuntura do Transtorno de Atenção para compreendermos sua totalidade e mostrar a importância do tema a todas as pessoas, principalmente pais e profissionais da educação. Para assim, “desmistificar” a visão sobre a falta de atenção no aluno com TDA.

A segunda parte do capítulo trata da subjetividade do aluno ou do sujeito que por conta do Transtorno de Atenção, lida com situações muito complexas expressas em inúmeras dificuldades para aprender. Nesse segundo momento é de extrema importância, também, entender a especificidade das condições de aprendizagem em todos os seus aspectos, compreendendo sua definição e sua contextualização histórica de maneira em que possamos entender o seu processo e seus significados, e principalmente os significados e as subjetividades do aluno quanto ao não conseguir aprender. Porém, é importante ressaltar as particularidades de intervenção e processos

pelos quais as dificuldades de aprendizagem se transformam em possibilidades, quando se compreende o aluno a partir do desenvolvimento da sua subjetividade no contexto escolar.

Mediante todas essas observações acerca do TDA e sobre a dificuldade de aprendizagem, a última parte do capítulo, porém a principal, aborda estratégias pedagógicas no processo de aprendizagem, onde trata da sua importância no contexto escolar, dos tipos de estratégias, da escolha de tarefas e, por fim, as possibilidades do acompanhamento individualizado. O tema é importante para fundamentar o trabalho de intervenção pedagógica realizado com o aluno Arthur e apresentado na parte empírica.

2.1 Transtorno de Déficit de Atenção

Todos nós seres humanos seja um adulto ou uma criança, desviamos recorrentemente nossa atenção do foco de uma ação, por pequena que seja, por diversas razões: um assunto inacabado, prestar atenção em outra coisa e quando nos damos conta estamos pensando em outros assuntos. Ou quando lemos um texto e, ao acabarmos de lê-lo, nos damos conta que não entendemos nada, e depois temos que ler tudo novamente até compreendê-lo. Ou às vezes perdemos o ônibus por não ter prestado atenção ao horário de saída do mesmo. Em muitas situações, acabamos nos deparando com esse tipo de dispersão ou com um nome comum diz “desligando” do momento presente, de um tempo, de um espaço, de recordação, de uma determinada explicação etc. Quantas vezes essas vivências ocasionaram momentos de estranho transtorno, com consequências danosas? Quando ocorrem de forma sistemática e muito frequente, levam a muitas dificuldades de interação em determinados contextos sociais, principalmente naqueles contextos diretivos e estritos como a escola.

Ter isso é realmente natural, somos seres humanos, capazes de pensar, repensar e por mais distraído que uma pessoa se torne ou é, é a partir dessas fortes impressões a cerca da falta de atenção que leva a muitos indivíduos a crescerem e a terem vontade de desenvolver seu cognitivo e a progredir como ser humano reprodutor do seu próprio conhecimento.

Mas, quando é um sujeito que tem dificuldade de expressar e de compreender determinado assunto, um tipo de conhecimento, e ou de certo modo leva tempo para conseguir entender e compreender as coisas à seu redor devido a ter Transtorno de Déficit de Atenção? Sujeitos com esse tipo de transtorno são aqueles que “vivem no

mundo da lua”, que demoram muito tempo para entender algo, passando assim a ter comportamentos diferentes caracterizados como quietos demais ou hiperativos ou inquietos demais.

Para Silva (2003) esse comportamento é caracterizado como um trio de base alterada, ou seja, é a alteração da atenção, da impulsividade e da velocidade da atividade física e mental que configura o Distúrbio de Déficit de Atenção. Isso pode levar o indivíduo a estabelecer seus comportamentos como desatenção, agressividade e inquietude. Contudo, este trabalho se conduz apenas em discutir a um tipo de trio de base que é a desatenção, não cabe aqui falar em todo o seu conjunto. No entanto, é claro que os outros trios relativos à hiperatividade ocasionam a desatenção que não pode ser deixado de ser pontuado. Contudo, o foco a ser tratado é a causa e seus fatores da falta de atenção em adolescentes com Déficit de Atenção. Apresentando assim, sua conceituação, seu levantamento histórico, suas causas, e sua adequação do adolescente no contexto familiar e escolar.

2.1.1 Um breve levantamento histórico e sua Conceituação

Antes de realmente definir o conceito de Distúrbio de Déficit de Atenção (DDA) ou Transtorno de Déficit de Atenção (TDA), normalmente citado, é de caráter único fazer um breve levantamento histórico desse sintoma. Silva (2003) esclarece em seu livro “Mentes Inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas, e hiperativas” o contexto histórico do DDA abordando diferentes possibilidades de pesquisas que muitos teóricos identificaram a desatenção. Começa expondo, que em 1902, George Still fez uma palestra relacionada a seu estudo feito com várias crianças com comportamentos um tanto indisciplinados, agressivos, emotivos, desatentos e a outros relacionados ao não seguimento de regras e a não aquisição de seu controle moral nas crianças. Defendia que a razão das crianças serem dessa maneira era porque os pais tinham uma “ligação hereditária de comportamento” (p.170) como alcoolismo, depressão, e outras alterações comportamentais.

Logo depois, vários médicos norte-americanos estudaram os estudos de Still presumindo que “as crianças estudadas nesse período tinham comum o fato de serem sobreviventes da pandemia encefalite¹ ocorrida entre 1917-1918” (SILVA, p.170).

¹ Encefalite: são inflamações agudas do [cérebro](http://pt.wikipedia.org/wiki/Encefalite), comumente causadas por uma [infecção](http://pt.wikipedia.org/wiki/Encefalite) viral. Retirada do domínio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Encefalite>.

Através desses estudos, perceberam que esse tipo de pandemia ocasionava vários comportamentos inadequados e alterados como a impulsividade, a atividade física e a falta de concentração que, adiante em outros estudos, verificaram que poderia ser o componente biológico como fator preponderante para essas inexplicáveis alterações.

Por outro lado, posteriormente, notaram que crianças que tinham lesão cerebral, a exemplo da pandemia tratada anteriormente, apresentavam também esses comportamentos alterados. Mas, mostravam serem “inteligentes”. Por isso, médicos e estudiosos denominaram esse tipo de lesão cerebral de “Disfunção Cerebral Mínima”, que de forma errônea passou-se a entender que as crianças que apresentavam comportamentos alterados, eram crianças que tinham essa disfunção cerebral.

Em 1937, conceitos foram mudados com relação aos comportamentos alterados a partir da criação de um medicamento chamado anfetaminas, feito por Charles Bradley. Crianças com comportamento hiperativo, ao usarem esse medicamento, passaram a diminuir os seus sintomas hiperativos. Muitas discussões foram feitas em torno do conceito de hiperatividade, uns acreditavam que advinham de forma genética, e outros achavam que o ambiente externo favorecia, como por exemplo, a causa da lesão.

Em 1968, publicou-se um manual diagnóstico e estatuto de desordens mentais (DSM – II) através das denominações que estavam criando a respeito dessas desordens. Buscavam assim, não só a partir da inquietude de investigar sobre a hiperatividade, mas também de conceituar e indagar questões do comportamento que levavam a falta de atenção. Silva (2007) aborda que nessa época muitos estudos já se faziam relacionado ao Déficit de Atenção:

Muito embora, tendessem a ignorar o fato de que um grande número de crianças apresentasse déficits de atenção sem qualquer sinal de hiperatividade. Era evidente que mais pesquisas deveriam ser realizadas para responder a essas e outras questões. (p.172)

Em 1970, passou a se ter um olhar diferenciado sobre o comportamento da desatenção quando uma pesquisadora chamada Virginia Douglas defendeu sua teoria de que a falta da manutenção da atenção não vinha somente de comportamentos hiperativos. Em 1976, outros estudos foram sendo colocados, como os de Gabriel Weiss, notando que a hiperatividade só chegaria somente até a adolescência, e os outros fatores comportamentais como o Déficit de Atenção e a impulsividade sumiriam na fase adulta. Através dessa concepção, tanto os adultos como os adolescentes passaram a dar

mais atenção a esses problemas e de certa forma o seu reconhecimento foi começando a se estabelecer em virtude de outra publicação do DSM III pela Associação Americana de Psiquiatria trazendo assim diversas conceituações quanto a seus aspectos tanto clínico como causais, formulando a falta ou a alteração da atenção como foco dentro do distúrbio, e também denominando a síndrome como DDA. (SILVA, 2007)

Em 1994 criou-se o DSM IV com o intuito de realmente, e somente nessa época, mostrar as verdadeiras características e a composição do DDA. Dividiu o Déficit de Atenção (DA) em três partes classificando-as, não necessariamente nessa ordem. O primeiro se classifica em predominantemente desatento, o segundo em predominantemente hiperativo-impulsivo, e o terceiro representa sua intensidade no mesmo nível dos sintomas de desatenção e hiperatividade/impulsividade. O DSM IV trouxe uma conclusão e um aspecto importante em relação à síndrome, podendo em suma constatar a prevalência do referido sintoma em criança, adolescente e adulto, questionando o não-desenvolvimento tão intenso quando chegar a fase amadurecida do sujeito. Houve aqui a valorização e a admissão do sintoma predominante, o Déficit de Atenção.

Segundo o estudo de Silva (2007), o Distúrbio de Déficit de Atenção é uma alteração da atenção, uma síndrome comprometida e uma instabilidade de atenção. O termo “Distúrbio” e “Déficit” às vezes é entendido como uma deficiência, mas esse termo não significa ter uma deficiência. Referem-se nada mais do que a falta ou o desvio de atenção em determinadas tarefas cotidianas ou na sua organização de vida. Às vezes, a pessoa é incapaz de se concentrar e desenvolver algo em virtude de seus grandes ou médios lapsos de dispersão.

Para Mattos (2003) o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), é formado por três componentes a hiperatividade e ou impulsividade, a desatenção, que está em estudo, e a combinada que nada mais é que são os sintomas de desatenção e hiperatividade. Menciona que um comportamento de portador de TDAH influi predominantemente no outro. Por exemplo, existe portador com sintomas de desatenção em forma de hiperatividade, e hiperatividade na forma de desatenção. Ou seja, um indivíduo às vezes nem é desatento, mas acaba sendo por ser hiperativo ou inquieto, acaba desviando sua atenção, somente para o que lhe atrai ou “para a bagunça”. Ou então, ele pode não estar prestando atenção por estar por estar movendo os pés incessantemente quando está sentado. Também existe outro fator importantíssimo no qual ele pode ser desatento sem ser hiperativo abordado neste

capítulo. Portanto, uma influi ou não sobre a outra, mas às vezes é ou não componente da outra. Se tratando de desatenção Mattos (2003. p.28-29) mostra um lista de sintomas enfrentados pelo individuo com Distúrbio de Atenção, caracterizando como desatento e como distraído, com falta de atenção, que não consegue se concentrar, e que se esquece de realizar algo, e por isso, deixa de realizar e nem terminar as suas atividades, não consegue se planejar, acabando perdendo um compromisso importante, e não consegue entender a aula. Lista abaixo em nove divisões os sintomas de um indivíduo com Déficit de Atenção:

Quadro 1 – lista de sintomas apresentadas por Mattos

1. Presta pouca atenção a detalhes e comete erros por falta de atenção;
2. Dificuldade de se concentrar;
3. Parecer esta prestando atenção em outras coisas numa conversa;
4. Dificuldade em seguir as instruções até o fim ou então deixar tarefas e deveres sem terminar;
5. Dificuldade de se organizar para fazer algo ou planejar com antecedência;
6. Relutância ou antipatia para fazer deveres de casa ou iniciar tarefas que exijam esforço mental por muito tempo;
7. Perder os mais variados objetos ou esquecer compromissos;
8. Distrair-se com muita facilidade com coisas à sua volta ou mesmo com seus próprios pensamentos. É comum que os pais e professores se queixem de que estas crianças parecem sonhar acordadas;
9. Esquecer coisas no dia-a-dia.

2.1.2 A causa do Transtorno

Através de muitos estudos desenvolvidos em torno desse transtorno, estudiosos começaram a pensar sobre a causa dessa disfunção, para então, compreender essas mudanças comportamentais. A causa do DDA vem através de uma modificação no “sistema neurobiológico cerebral” (SILVA, 2007) quando os neurotransmissores se tornam alterados, ou até mesmo deficitários. Sendo essa substância química o componente central para o funcionamento da atenção, e de outros comportamentos humanos ligados a atividade tanto mental como física. Mattos (2003) explicita a causa e quem herda a predisposição do TDAH como:

Estas pessoas têm uma alteração nas substâncias que passam as informações entre as células nervosas, os chamados

neurotransmissores. No caso do TDAH, são a dopamina² e a noradrenalina³ que estão deficitárias. Esses neurotransmissores são importantes especialmente na região anterior do cérebro, o lobo frontal (p.44)

Esses neurotransmissores dão suporte para o funcionamento das funções cerebrais. Quando esses neurotransmissores não conseguem trabalhar devido a essa ocorrência, altera essas funções causando o transtorno. Não significa dizer que o cérebro de um indivíduo com DDA seja imperfeito em relação a um cérebro de um indivíduo sem esse tipo de distúrbio. É apenas diferente. É possível identificar que as crianças e adolescentes com isso têm os mesmos componentes cognitivos e psicológicos que o indivíduo “normal” tem. A única diferença é justamente essa desorganização de seus impulsos e lapsos do DDA que impossibilita sua relação social devido à seus comportamentos diferentes. Contudo, talvez não prejudique ninguém, mas com certeza prejudica a si próprio, especialmente quando o sujeito está em ambiente muito controlado.

Dessa forma, a explicação para esse disfuncionamento é em decorrência também de estudos e exames feito através imagens do cérebro para entender essa eventual causa. A imagem de tomografia, chamada PET SPECT (emissão de pósitrons) que visualiza o funcionamento do cérebro, analisa assim a região pré-frontal, ou lobo frontal, do cérebro em que identifica a falta de uma regulação e de um controle cerebral nos indivíduos com DDA. Silva (2007) explicita, com base nessa afirmação, que essa neuroimagem é evidenciada “... nas pessoas com DDA, recebe um menor aporte sanguíneo do que deveria e, como consequência, há uma diminuição do metabolismo nesta região, que, ao receber menos glicose (oriunda do sangue), terá menos energia e funcionará com seu desempenho reduzido” (p.178). Contudo, o lobo frontal, que é essa parte do cérebro no qual está localizado, acontece exatamente esse descontrole cerebral, porém, essa parte cerebral é responsável por organizar e reorganizar o comportamento do indivíduo assumindo função de controlar suas atividades mentais, seus impulsos, seus estímulos e suas emoções.

² Dopamina atua no cérebro promovendo, entre outros efeitos, a sensação de prazer e a sensação de motivação. Retirada do domínio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dopamina>

³ Noradrenalina: influenciam o humor, ansiedade, sono e alimentação junto com a Serotonina, Dopamina e Adrenalina. Retirada do domínio: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Noradrenalina>

A imagem abaixo (figura1) mostra a localização do lobo pré-frontal. Na outra imagem (figura 2) mostra o cérebro de um indivíduo com TDAH quando tenta se concentrar, havendo um desequilíbrio da ação de neurotransmissores:

Figura 1 – Córtex pré-frontal: localização das disfunções relacionadas ao TDAH⁴

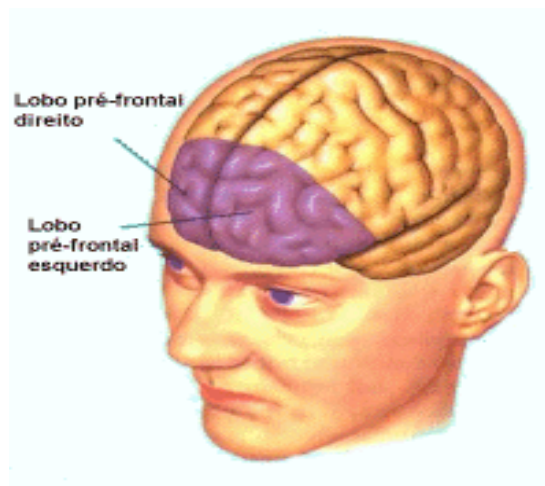


Figura 2 – Imagem funcional do cérebro: atividade do córtex pré-frontal em pessoas com TDAH⁵



Na figura 2, podemos observar uma comparação entre dois cérebros, um cérebro perfeito e um outro cérebro com uma falta de aporte sanguíneo na parte pré-frontal como Silva explicitou anteriormente. No entanto, o lobo frontal tem justamente a ação de organizar o funcionamento de suas funções comportamentais. Quando isso não acontece é porque os neurotransmissores não conseguiram equilibrar e nem ativar os

⁴ <http://www.orientacoesmedicas.com.br/hiperatividadedda.asp>

⁵ Imagem realizada por meio de SPECT (tomografia computadorizada por emissão de fóton único), retirada do domínio: <http://www.dda-deficitdeatencao.com.br/oquee/index.html>.

neurônios, causando e alterando o comportamento humano em virtude desse desequilíbrio da parte pré-frontal.

Em virtude disso, resta sabermos se a causa do déficit dessas funções cerebrais vem realmente e somente de questões biológicas (fatores genéticos), ou se vem de fatores genéticos e fatores externos, ou se vem somente de fatores externos. Ao certo podemos concluir que, através de estudos científicos, essa disfunção cerebral, ou o DDA propriamente dito, é hereditário. Silva (2007) aborda sobre essa incidência questionando a contribuição desse fator genético para o surgimento do distúrbio afirmando que “Isso é constado por estudos epidemiológicos que mostram uma maior incidência da síndrome entre parentes de crianças com DDA em comparação com parentes de crianças não-DDA.” (p.177).

Por outro lado, não existe somente esse distúrbio em caráter genético, podendo ser também em detrimento de fatores externos, ocasionado por traumatismo em geral e complicações no período de gestação, acidentes, e outros traumas fora de gestação. Todavia, existem ainda muitas pesquisas sobre o comportamento humano para assim entendê-lo a fundo também sobre os mecanismos cerebrais em si que ativam e causam esse distúrbio, e ainda analisar se os ambientes desestruturados influenciam e contribuem ou não para esse eventual transtorno. Desta forma, apesar de muito ter que ser estudado sobre DDA verifica-se que sua análise tanto histórica e suas causas estão trazendo importantes, ainda que sejam mínimas, contribuições e informações para o progresso e o sucesso educacional do aluno na escola nos dias de hoje.

2.1.3 Passando pela adolescência e lidando com o Déficit de Atenção

O momento da adolescência é uma fase de diversos conflitos. Conflitos tanto externos, ou seja, o controle das pessoas que estão ao seu redor sobre o adolescente; e conflitos internos que são o autocontrole, o sentimento de independência e responsabilidade, a autoconfiança, a auto-estima, a busca e a aceitação da sua própria identidade. Esses dois tipos de conflitos geralmente no adolescente são fixados como um desequilíbrio de diversas formas seja emocional, familiar, e outros. Essas crises podem ser percebidas numa discussão do adolescente com os pais, e até pessoas que não são de sua família, conseqüentemente, essas brigas são ocasionadas pelo seu desequilíbrio interno e externo.

Possivelmente, essas crises no adolescente com Déficit de Atenção serão mais graduais e mais desequilibradas. Por conseguinte, os pais colocam culpa no seu filho rotulando-o de avoado, lento, lerdo, preguiçoso, desorganizado e etc. Os professores, por sua vez, colocam a culpa no aluno por ser incapaz de realizar uma tarefa até o fim e ser muito disperso na sala de aula. Os seus colegas de sala tentam se afastar dele por ele ser tão devagar e não conseguir pegar o ritmo dos alunos. Todas essas hipóteses observáveis no cotidiano das escolas e na relação familiar do aluno com déficit de atenção são plausíveis. A maioria das pessoas já deve ter presenciado algo assim parecido, seja com um irmão, com um aluno, ou com um colega de sala, por mais que não tenha tido um diagnóstico conclusivo de DA.

Todas essas crises e desequilíbrios agravados pela marca social dos rótulos e estigmas, o sentimento de impotência de não conseguir fazer algo, tornam o sujeito, que está em descobertas da sua identidade, a passar com mais intensidade pelas crises de identidade. Essas crises envolvem significados e conflitos emocionais acerca de si próprio e seu psicológico acaba por passar por diversos problemas em detrimento dos fatores externos em conjunto com o seu transtorno de atenção. É comum o adolescente com TDA ter baixa autoestima e, a não ser que tenha a mediação de um adulto muito presente, provavelmente não se sairá bem na escola, acabando se desinteressando pelo estudo. No entanto, é muito comum não notar fisicamente o distúrbio de atenção em uma criança ou em um adolescente. A síndrome vai se mostrando aos poucos, pelo comportamento do indivíduo nos momentos de interação, na realização das atividades etc. Essa mistura de passar por um estado de construção e aceitação com sua falta de atenção pode ser bastante difícil para o adolescente que não tiver uma educação e uma família que se empenhe em promover o seu desenvolvimento, o seu sucesso escolar e o seu sucesso de vida.

2.1.4 Contexto escolar e familiar: adquirindo um relacionamento saudável

Existem vários tipos de famílias, aquelas que ensinam de determinada maneira sobre os erros de seus filhos cometendo os mesmos erros; as que aceitam e não param para refletir sobre “os erros” cometidos pelos seus filhos; e as que não conseguem educar, ao contrário, conseguem somente brigar, gritar, e até bater por perder a devida “paciência”. São diversos comportamentos inadequados frente ao adolescente. No caso do filho, do aluno com Déficit de Atenção, deve-se ter uma atenção e um apoio

substancial quando se trata de dar educação seja por parte da família seja por parte da escola. Contudo, não é querendo afirmar que todas as famílias são assim, mas são necessárias famílias que eduquem e se esforcem para verem realmente seus filhos progredirem. Muitos pais criticam seus filhos sem ao menos saber escutá-los e ouvi-los. Um filho com déficit de atenção precisa ser ouvido e escutado, precisa ser motivado e elogiado. Mattos (2003) descreve como deve ser encarado pelos pais e professores o sentimento de alguém com transtorno de déficit de atenção:

Assim, em vez de criticar seu filho por aquilo que ele não consegue fazer, é melhor elogiá-lo no momento em que ele consegue fazer as coisas de forma adequada. Desse modo, em vez de ressaltar suas falhas, você estará evidenciando o que ele tem de bom, seus progressos e a capacidade que tem de melhorar se ele se empenhar”. (MATTOS, 2003, p.67)

As escolas precisam estar mais informadas a respeito deste assunto e precisam de uma gestão que provoque mudanças para o ensino de seus alunos. No entanto, segundo Castro e Nascimento (2009): “as escolas não estão preparadas e, todavia, precisam aprender. Se mesmo aquelas famílias com alto poder aquisitivo, as quais, podem recorrer as escolas particulares, os pais e as crianças encontram problemas, imagine nas escolas públicas” (p.41). Embora os autores não falem de mediação, podemos concluir que, ainda no ambiente escolar, há uma falta tanto de professores capacitados como de recursos pedagógicos: sala para o acompanhamento pedagógico, a consciência da diminuição de alunos por turmas e, principalmente, a aquisição de outros meios e métodos estratégicos em meio ao acompanhamento individualizado, para assim, atender essa clientela e desenvolver um trabalho de qualidade.

Castro e Nascimento (2009) elencam sugestões sobre a conduta adotada pela escola e pela família para atender às necessidades do aluno com TDA: ser verdadeiro, sincero, franco, e falando a verdade para e com a criança; explicando de forma que ele compreenda, não supondo nada que não seja verdade; responder sempre o que foi perguntado e se não saber responder procurar saber sem responder de forma errada; procurar saber, conhecer e se informar sobre o assunto de DA antes de tomar qualquer decisão precipitada; mostrar para a criança que ele é capaz e explicar que seu Distúrbio de Atenção não é uma doença ou algo deficitário; motivá-lo e incentivá-lo com coisas e situações positivas; explicar para todos da turma sobre seu distúrbio de forma que não o envergonhe e nem o faça passar por situações constrangedoras; observar se a criança

não está usando a causa do seu problema para não realizar e fazer suas tarefas e continuar indo bem na escola, e alinhar a família e a escola como parceiros para enfrentar essa situação de maneira que possa ensinar a todos os envolvidos sobre o assunto.

Outro aspecto importante é trazido por Silva (2007) quando menciona sobre a compreensão sistêmica desse sintoma: “... o destaque das dificuldades pessoais causadas pelos sintomas de DDA no contexto familiar, profissional-acadêmico ou social da vida de cada indivíduo” (p.173). O adolescente com DDA pode passar por inúmeras situações desconfortantes, podendo adquirir vergonha ou medo de se expor em sala de aula. Muitas dos problemas familiares podem resultar em problemas psicológicos e de relacionamentos futuros, existirão várias dificuldades que o adolescente passará em decorrência do distúrbio, mas com a devida orientação, com um acompanhamento pedagógico diferenciado, e diversos apoios tanto por parte da família como da escola darão sustentação e a base para a aprendizagem e o desenvolvimento do indivíduo.

2.2 Dificuldade de Aprendizagem

2.2.1 Conceituação e perspectiva histórica

A primeira coisa quando buscamos compreender o que é uma dificuldade de aprendizagem é entender o cognitivo do aluno. Muitos estudiosos, psicólogos, e diversos profissionais vêm tentando definir a dificuldade de aprendizagem propriamente. Porém, ao longo dos anos muitas opiniões acerca do tema foram se construindo, com concordâncias e discordâncias distintas. Nessa concepção, cabe entender que a dificuldade de aprendizagem é uma dificuldade no qual o aluno não segue a mesma trajetória que a maioria das pessoas em perceber, organizar e reestruturar determinados conhecimentos no processo de ensino-aprendizagem.

Entretanto, existem muitas dificuldades de aprendizagem, tanto de ordens emocionais, como comportamentais, físicos, biológicos, de audição, de fala, de comunicação e de muitos outros fatores que impactam grandemente o aprender na escola. Quando um aluno percebe que não está conseguindo seguir os ritmos de aprendizagem igualmente os outros alunos de sua sala de aula, acaba se sentindo frustrado ou até mesmo desistindo de aprender por se sentir desmotivado em razão de suas dificuldades de aprendizagem.

A concepção de dificuldade de aprendizagem só surgiu nos anos de 1963, quando um grupo de pais em Chicago organizou um movimento social para entender melhor por que seus filhos, geralmente meninos, tinham dificuldades na leitura. Acreditando que os problemas eram de ordem biológica, procuraram especialistas médicos. À época, tais problemas foram classificados como uma modalidade de “deficiência” leve, mas que não garantia o atendimento pelos centros de ensino especial. Então, esse grupo de pais criou uma fundação com o objetivo de estudar, atender e orientar crianças com dificuldades de aprendizagem. A partir disso, o psicólogo Samuel Kirk, passou a chamar esse problema escolar de dificuldade de aprendizagem (*learning disabilities*), criando, logo depois, a Associação de Criança com Dificuldade de Aprendizagem. Na época, o foco principal era nas dificuldades na linguagem e na escrita (SISTO, 2007).

Sisto descreve a história da Dificuldade de Aprendizagem em três etapas históricas e começa a questionar que,

Como é evidente, as dificuldades de aprendizagem não apareceram de repente e apenas em 1963. Trata-se de um problema que sempre ocorreu, mas que, a partir desta data, recebeu dos estudiosos uma unificação terminológica e uma limitação de campo, já que a unificação conceitual tem percorrido um longo caminho, com debates, polêmicas, acertos, e desacertos. (SISTO, 2007, p.22)

Sisto explica que por mais que as “descobertas” tenham se iniciado nos Estados Unidos e no Canadá, muitos psicólogos e estudiosos entendiam as dificuldades de aprendizagem como problemas ocasionados devido a uma disfunção cerebral. Também acreditavam que a criança que tinha problemas mentais acabavam acarretando a aprendizagem tanto da escrita como na leitura. Logo depois, essa concepção foi se alastrando e diversos e outros estudiosos resolveram estudar essas indagações mais a fundo para entender o que realmente levava a uma criança ter dificuldade em determinada aprendizagem.

Paralelamente, a partir de 1917, o pesquisador Orton e outros colaboradores, notando que a dificuldade de aprendizagem não era uma questão puramente lesional que Alfred Strauss defendia, e sim um problema que podia ser resolvido com a intervenção. Orton e outros procuraram defender as intervenções no enfoque dessas dificuldades de aprendizagem nas leituras através de programas instrucionais.

As pesquisas eram feitas somente com crianças, até 1960 esses estudos se tornaram muito importante para as descobertas de soluções das dificuldades de aprendizagem, porém, surgiram assim influências de pesquisadores e estudiosos sobre a questão das intervenções intensivas para extinguir determinada dificuldade. De 1963 a 1990, a dificuldade de aprendizagem passou de um enfoque médico para um enfoque educacional ou psicoeducacional. Com a influência de Samuel Kirk, pais de alunos se reuniram para combater este problema. Dessa forma, foi elaborado um programa de intervenção com as habilidades do próprio aluno. Nessa época, criaram-se e intensificaram-se conselhos, serviços educacionais, associações sobre a dificuldade de aprendizagem, e também comitês para reforçar a sua estruturação e conceituação.

Hoje há uma grande diferenciação quanto os fatores históricos em que foi sendo instaurado a sua conceituação e as suas implicações práticas da dificuldade de aprendizagem. Sabemos que existem inúmeras implicações sejam psicológicas, neurológicas, biológicas, sociais e dentre outros fatores no ser humano que talvez não denomine a dificuldade de aprendizagem, mas que o sujeito pode vir a adquirir essas dificuldades, em detrimento desses fatores ou componentes externos e internos que impulsionam a dificuldade de aprendizagem.

Todavia, as pessoas são diferentes, por isso suas limitações e suas dificuldades são distintas em virtude na conduta de seus transtornos, de suas limitações físicas e cognitivas, e de muitos outros fatores que podem gerar dificuldade de aprendizagem tanto geral quanto específica. Portanto, uma dificuldade de aprendizagem consiste em fatores que impedem e limitam o sujeito a aprender de forma convencional, seja na área da leitura, dos cálculos, do raciocínio, da interpretação, e de outras áreas da aprendizagem.

2.2.2 Subjetividade do aluno no contexto escolar

A fase da adolescência é uma fase de constante desenvolvimento. Por essa razão, a sociedade atual impõe ao sujeito se comportar de acordo com as suas regras. Quando um adolescente demonstra dificuldade de aprendizagem, ele precisa estar se adaptando no seu contexto social. Garcia (1998) descreve a dificuldade de aprendizagem na adolescência como: “Parece que a adolescência é especialmente difícil para as pessoas com dificuldades de aprendizagem, uma vez que a transição para a vida adulta exige habilidades cada vez mais complexas, muitas delas do tipo acadêmico, o que influi na

adaptação” (p. 93), no entanto, o autor deixa claro em seu texto sobre dificuldade de aprendizagem que o adolescente, quando tem alguma dificuldade de aprendizagem, recorre as suas aptidões, ou seja, as suas devidas capacidades de um modo geral.

No mundo conturbado, cheio de disputas tanto acadêmicas quanto social, o adolescente acaba por ter que enfrentar suas dificuldades de aprendizagem usando as suas próprias defesas perante a adaptação. Conforme a sua dificuldade de aprendizagem, o adolescente acaba usando as suas aptidões, para assim, conseguir se “adaptar” na sociedade e ao mesmo tempo minimizar ou excluir a suas particulares dificuldades de aprendizagem. Dependendo da dificuldade de aprendizagem ou do transtorno que o inviabiliza, o aprendizado do adolescente ou de qualquer sujeito, de certa forma, ocasiona comportamentos e condutas no qual a sociedade não está acostumada a se adequar.

É preciso compreender o mundo subjetivo do aluno para conseguir ajudá-lo no seu processo de aprendizagem e entender suas dificuldades. É preciso entender todo o seu processo de desenvolvimento e aprendizagem, não perdendo o que já existe, a sua história escolar e todo o seu processo de aprender. É a partir da compreensão de como o sujeito aprende que podemos construir alternativas mais eficazes para aguçar no aluno a vontade de construir o conhecimento e conseguir construir a sua própria subjetividade escolar.

Segundo González Rey e Mitjáns Martínez (2006), cada dificuldade de aprendizagem tem suas particularidades. Não há como englobar todas elas em uma só. Além do mais, cada dificuldade tem diferenças e particularidades que estão inseridas no contexto e processo de desenvolvimento de cada indivíduo. Essas dificuldades podem se constituir de duas maneiras: (a) quando a dificuldade de aprendizagem surge com o sujeito desde o nascimento e, ao ingressar na escola, o mesmo não consegue seguir o ritmo dos padrões escolares devido ao desenvolvimento curricular da escola; (b) quando as dificuldades se estabelecem na subjetividade em função das relações vivenciais principalmente na escola. Nesses casos, o sujeito passa a se defrontar com experiências adversas relacionadas à aprendizagem, não conseguindo aprender em detrimento de bloqueios psicológicos gerados no conjunto de vivências sociais-família, cultura, sociedade e escola.

Em virtude disto, os processos motivacionais precisam ser levados em consideração tanto no planejamento das estratégias pedagógicas como na relação estabelecida entre professor e o aluno no momento das intervenções, de forma a

mobilizar a disposição do aluno diante da aprendizagem. Estratégias que prevêm soluções de problemas dentro das possibilidades de aprendizagem do aluno em processo de construção de conhecimento tendem a ser mais motivadoras, mas são dependentes da interação interpessoal.

Muitas vezes, o fracasso escolar está relacionado com as dificuldades de aprendizagem construídas na fase escolar. Quando não, esses problemas de aprendizagem não são superados, podem permanecer pelo resto da vida. O aluno poderá ter, inclusive, a sua formação profissional comprometida. Nestas considerações, o aluno acaba desmotivado em estudar e fazer as atividades diárias da escola por se sentir impotente e incapaz de não conseguir acompanhar o ritmo da aula. Conforme a questão da motivação sobre o sentimento de incapacidade do aluno, o autor Boruchovitch (2007) reflete:

É evidente que, muitas vezes, dificuldades de aprendizagem são agravadas por problemas motivacionais e que problemas motivacionais também se traduzem direta ou indiretamente em dificuldades de aprendizagem, tornando-se, com frequência, muitas vezes, a discriminação correta dos problemas, uma tarefa árdua, mesmo para os especialistas. (p. 49)

De acordo com a abordagem do autor, podemos concluir que o fracasso escolar dos estudantes pode surgir pela devida desmotivação nos estudos que eles vivem nas escolas brasileiras, no qual acontece o “alto índice de repetição e de evasão escolar” (PATTO, 1993 citado por BORUCHOVITC, 2007 p. 42). De outra maneira, também é importante citar que a desmotivação por parte dos profissionais e dos alunos em si podem também acarretar a dificuldade de aprendizagem, surgindo assim, não só um enorme vácuo neste sistema, mas também de problemas micros para macros, porém envolve não somente a responsabilidade do aluno em seu desenvolvimento, mas em todos os envolvidos neste processo.

Portanto, em virtude desse pensamento Vygotsky menciona a respeito da ajuda dos envolvidos educacionais e da importância da estabilidade e da aquisição eficiente de uma escola que atenda as crianças atrasadas: “A criança atrasada, abandonada a si mesma, não pode atingir nenhuma forma evolucionária de pensamento abstrato e, precisamente por isso, a tarefa concreta da escola consiste em fazer todos os esforços para encaminhar a criança nessa direção, para desenvolver o que lhe falta.” (1989, p. 113). Desta forma, a escola é o suporte básico, para o avanço e a motivação do

desenvolvimento da criança. Não tendo seus significados de aprendizagem, seus objetivos educacionais, e todo um funcionamento plausível de adquirir mudanças transformadoras e capaz de provocar o aprendizado no aluno, sem isso, a escola nada adianta.

2.3 Estratégias Pedagógicas no Processo de Aprendizagem

É preciso compreender as dificuldades de aprendizagem de determinado contexto escolar. O contexto escolar de crianças, adolescentes e adultos; compreender o universo desses três contextos faz com que entenda as suas dificuldades de aprendizagem e compreenda quais os requisitos básicos para intervir neste processo de aprendizagem. Sisto (2007) discorre sobre a importância de compreendermos os diferentes contextos educacionais, a dinâmica dos processos e as características dos sujeitos da aprendizagem. Explica que “a necessidade de diferenciar as características das crianças, adolescentes e adultos em relação às dificuldades de aprendizagem... Entre adolescentes, a discussão gira em torno de qual estratégia de aprendizagem seria a mais eficaz” (p. 31). Sobre essa afirmação, o momento pelo qual, se conhece as dificuldades de aprendizagem existentes em determinado sujeito e suas limitações que eventualmente ocasiona a sua dificuldade, o agente pedagógico ou outro, como Vygotsky define, deve se apropriar de mecanismos estratégicos para buscar meios adequados para desenvolver as potencialidades desse sujeito.

Boruchovitch (2007) apresenta abordagens importantes em seu texto e sobre o tema “Dificuldades de aprendizagem, problemas motivacionais, e estratégias de aprendizagem”. Menciona que muitas vezes a dificuldade de aprendizagem de um aluno é mal vista pelos professores, que interpretam de maneira errônea as dificuldades como um fracasso vindo somente do aluno. Com essa concepção preconceituosa, sequer oferecem outra oportunidade de aprendizagem, no máximo, encaminham para psicólogos e médicos para tratamento clínico, não assumindo sua responsabilidade por sua forma de ensinar. Contudo, a única maneira de um professor intervir no processo de aprendizagem em um adolescente com dificuldade de aprendizagem em virtude de suas alterações comportamentais, principalmente quando se trata de Déficit de Atenção, é necessário que se usem estratégias de aprendizagem adequadas, para assim, minimizar os problemas de aprendizagem que se manifestam no ensino convencional e potencializar as possibilidades que cada aluno possui. A autora ainda afirma que “as

estratégias de aprendizagem consistem num conjunto de procedimentos que objetivam facilitar a aprendizagem” (2007, p.50). Dessa maneira, deixa claro que a utilização de meios alternativos de forma adequada e eficaz é o modo válido para conseguir intervir no processo de aprendizagem do aluno.

2.3.1 Estratégias de aprendizagem no contexto escolar

Quando pensamos em colocar em prática uma estratégia de ensino a um aluno, a primeira coisa a se pensar é como organizar toda a modalidade de ensino a ser trabalhada. Essa organização deve ser minuciosa, atenciosa e, principalmente, saber envolver todo o processo de interdependência dos objetivos da aula, do conteúdo a ser ensinado e dos métodos/procedimentos a serem utilizados. Desenvolvendo assim, objetivos e conteúdos para a melhor assimilação do conhecimento pelos alunos. Esses três moldes didáticos (objetivos, conteúdos e procedimentos) são os meios pelos quais a intervenção dará origem e suporte para a aprendizagem do aluno. O professor sabendo usar esse processo de maneira organizada e criativa conseguirá ensinar e incentivar o aluno a aprender. Entretanto, a relação que o professor estabelece no processo interventivo é fundamental para que as estratégias tenham resultado efetivo. Mattos destaca que:

O professor ideal tem mais jogo de cintura e criatividade para gerar uma variedade de alternativas,... Ou seja, ele tem que ser capaz de modificar as estratégias de ensino, de modo a adequá-las ao estilo de aprendizagem e às necessidades da criança. (Mattos, 2003, p. 91).

Não basta somente “transmitir” o conteúdo, é preciso se organizar didaticamente e criativamente e, acima de tudo, investir na relação com o aluno. É necessário articular os subsídios teóricos em conjunto com a ação ou a prática a ser desenvolvida, para assim, não cair em uma aula tradicional, linear e focada somente no conteúdo. E sim, em uma aula voltada para a aprendizagem do aluno, que utiliza várias formas interdisciplinares, transdisciplinares, motivadoras e interativas, e também com recursos pedagógicos na tentativa de envolver o aluno a desenvolver suas possibilidades de aprendizagem. Contudo, o método de ensino é basicamente uma ação a ser colocada em virtude teórica dos objetivos e dos conteúdos estabelecidos para serem atingidos. Mas é

preciso encontrar uma forma inovadora de ensinar. Através da criação de uma estratégia pedagógica que organiza os instrumentos teóricos e práticos possibilitando a sistematização do conhecimento pelo aluno, este tem mais chances de internalizar os significados aprendidos por toda a sua vida. Nessa direção, Libâneo (1994), considera que:

O uso adequado e eficaz dos métodos de ensino visa assegurar, no processo de transmissão/assimilação de conhecimentos e habilidades, a atualização das capacidades potenciais dos alunos, de modo que adquiram e dominem métodos próprios de aprender. (p.153)

As estratégias podem lançar mão, inclusive, dos diversos instrumentos tecnológicos que os jovens e adolescentes usufruem atualmente como interessantes recursos de conhecimento. Colocadas de maneira adequada na intervenção, as novas tecnologias se tornam recurso extraordinário para a aprendizagem. Contudo, assim como os jogos e a informática, diversos outros instrumentos de aprendizagem podem ser utilizados como alternativa para a aprendizagem escolar.

Se observarmos atentamente as práticas interventivas que têm êxito, notamos que as ações dos professores, ao utilizarem os recursos pedagógicos, conseguem desencadear processos importantes para o desenvolvimento da aprendizagem de alunos com dificuldades. Esse envolvimento atua em uma maior motivação dos alunos. Com base nas considerações a respeito de motivação através de atividades significativas Bzuneck (2010) descreve que “de modo geral, todo aluno passará a ver significado e importância nas aprendizagens escolares se elas aparecerem de alguma forma relacionadas com sua vida, seu mundo, suas preocupações e interesses pessoais” (p.16).

O aluno com Déficit de Atenção, em sala de aula acaba demonstrando estar desatento e disperso, chegando ao ponto de se sentir desmotivado e até mesmo incapaz de realizar seus exercícios e suas tarefas escolares. Mattos (2003) trata sobre as características ideais de um professor para crianças e adolescentes com TDAH como algo em que

o professor deverá entender bem o fato de a criança prestar atenção e se dedicar apenas àquilo que a interessa ou motiva. Essa é uma das características do transtorno que mais facilmente se confunde com uma série de outras coisas, geralmente malvistas pelos professores (p.92).

Portanto, o instrumento didático no qual o professor coloca em sala de aula, às vezes, atende os objetivos de aprendizagem dos outros alunos, mas não do sujeito que tem déficit de atenção. Suas formas de aprendizagem muitas vezes não são contempladas e nem valorizada com a devida atenção pelo professor, por achar que o

motivo do aluno não aprende não é problema seu. Mas um problema que deve ser tratado por médicos ou especialistas de seus aspectos subjacentes e ou psicológicos. Dessa forma, Oliveira (2004) afirma:

algumas dificuldades que os alunos podem apresentar e que, por não serem diretamente associadas ao fracasso de aprendizagem, são muitas vezes mal compreendidas e mal interpretadas, apoiadas na experiência no atendimento no consultório..., os professores estão realizando diagnósticos, **esclarecendo** aos pais o porquê de seus filhos não aprenderem e estão encaminhando para diversos profissionais. (p. 79-80, destaque do autor)

Para isso realmente não acontecer, tanto as aulas, conteúdos, como as tarefas que são dadas em sala de aula precisam ser valorizadas de acordo com o interesse e cotidiano do aluno. Todavia, a maneira como o professor conduz a sua aula deve ser de modo estratégico, de modo em que as estratégias sejam motivacionais e diversas outras estratégias para a obtenção da aprendizagem.

2.3.2 *Estratégias: Motivadora, Interdisciplinar e Transdisciplinar*

Em uma sala de aula, encontram-se vários alunos com níveis de aprendizagem diferentes, ou seja, aprendem em um grau diferente. Por exemplo, uns podem estar fazendo exercício e se empenham para terminar, outros deixam para fazer o exercício depois. Pode ser que uns tenham dificuldade de se concentrar no exercício e posteriormente conseguem compreender os estudos. Como os alunos aprendem de forma distinta, o professor conseguirá perceber, em cada aluno, seu grau de motivação e de aprendizagem para desenvolver aquele exercício ou aquela pergunta, ou todos os recursos didáticos proposto por seu professor. Através disso, antes mesmo de saber o seu grau de desempenho o professor precisa entender a forma como o aluno aprende, respeitando seus significados subjetivos, para então, conseguir propor metas ou estratégias eficientes. De acordo com Tapia e Montero (2004):

As atividades acadêmicas têm sempre mais de um significado, visto que contribuem para a consecução de diferentes metas. Contudo nem todas as metas têm a mesma importância para cada aluno. A importância varia tanto em função da orientação pessoal destes como das várias situações que enfrentam ao longo de sua vida acadêmica. Por isso levando-se em conta que as diferentes metas muitas vezes têm efeito opostos sobre o esforço com que os alunos enfrentam a aprendizagem, parece importante saber quais são esses efeitos para então decidir sobre que metas procurar influir e como fazê-lo. (p.178)

De certa forma, é válido notar que a atuação do professor é imprescindível na sua execução e na maneira como é assimilada à aprendizagem nos alunos. Se, por um lado, o professor utilizar meios adequados que atribua significados aos alunos, conseqüentemente, o aluno buscará motivação para aprender. No entanto, se não houver meios alternativos e de cunho útil ao aluno, provavelmente, sua motivação pelos estudos tende a ser desanimadora. O professor criando significados e utilidade ao aluno para aprender, com certeza viabilizará sua aprendizagem. Por isso, Coll (2004) afirma em suas colocações sobre a dependência do trabalho do professor em relação ao aprendizado do aluno que “os professores revisem o grau em que despertam a curiosidade dos alunos mostrando a relevância e a utilidade que pode ter para eles a realização da tarefa” (p. 179). Todavia, existem muitos fatores externos como internos que podem tanto motivar os alunos a conseguirem assimilar a aprendizagem, quanto podem desmotivar o sujeito para a sua não realização e o desinteresse na sua aprendizagem. Por outro lado, ter uma medida viável para intervir nesse processo de desmotivação, que provavelmente acarreta as dificuldades de aprendizagem, possibilita um alto grau de desempenho positivo e satisfatório advindos dos alunos.

2.3.3 *Propondo diferentes tarefas*

Dessa forma, é preciso ter tarefas ou atividades pedagógicas que sejam passadas aos alunos com dificuldade de aprendizagem. Propor tarefas e atividades escolares desafiadoras, atraentes, interessantes e que levem o aluno a pensar, a reformular problemas e ter autonomia em realizá-los. Sejam tarefas que tenham o intuito de ampliar suas disciplinas curriculares de acordo com a sua realidade social e humana. Envolvendo uma interação do ensino com a realidade para conhecer e refletir através de um diálogo de saberes, tanto teóricos como práticos e vivenciais, e propor que diversas disciplinas que sejam interativas e multidimensionais, aliadas a realidade, para formar o conhecimento e compreender o seu mundo.

Tapia e Montero (2004) apontam sobre as diferentes dimensões educacionais, especialmente, tratando do acompanhamento de tarefas escolares que “a possibilidade de propor diferentes tarefas, todas direcionadas aos mesmos objetivos – estrutura multidimensional – facilita o desenvolvimento da motivação para a aprendizagem” (p.189), no entanto, muitos professores têm a tendência de propor tarefas unidimensionais, aquelas nas quais somente a um objetivo de conhecimento é atingido,

sem ao menos fazer relação com outras tarefas diferenciadas ou disciplinares, para suprir diferentes conhecimentos no aluno. Portanto, não que seja uma crítica envolver somente uma disciplinaridade no processo pedagógico, mas fazer com que em um acompanhamento pedagógico o professor consiga envolver interdisciplinariamente diversas áreas educacionais e disciplinares com o conhecimento da realidade, desencadeando assim novos conhecimentos. Levando assim o indivíduo a pensar e a refletir globalmente. Luck (2010) trata o processo da interdisciplinaridade como um diálogo de conhecimentos:

Esse diálogo é caracterizado por atividades mentais como, refletir, reconhecer, situar, problematizar, verificar, refutar, especular, relacionar, relativizar, historicizar. Ele ocorre na interface entre uma e outra, e entre elas e o quadro referencial do indivíduo cognocente, de modo que, por essa rotatividade, constrói um saber consciente e globalizador da realidade. (p. 51)

É um modo pelo qual os educadores podem explorar essa diversidade em sala de aula. A partir de uma estrutura micro, como uma disciplina, para dinamizar diferentes disciplinas e em diferentes conhecimentos com a realidade. Portanto, é imprescindível compreender os significados que o aluno traz e suas percepções de sua realidade, tornando viável explorar alternativas eficazes, mediando-o e o fazendo perceber todos os fatores e seus níveis de percepções. Um conhecimento ou uma informação mediada passará a ter importância para cada sujeito da maneira como são apreendidos o novo conhecimento nos conhecimentos já existentes.

Nessa abordagem transdisciplinar tendo a noção do nível de realidade ou de aprendizagem do mundo, da política, da cultura, e de todas as relações sociais do indivíduo podem ser encorajadas em decorrência da mediação ou do modo como é mediado esse conhecimento, tanto de suas vivências e de sua realidade, como também de seus aprendizados constituindo a zona de aprendizagem do aluno. Esses modos estratégicos devem ser ancorado nas atividades ou nas tarefas que são passadas mediante o contato com o aluno.

Basarab Nicolescu (2000) trata as contribuições da transdisciplinaridade como um novo tipo de educação. Resgata os quatro pilares da educação proposto pela UNESCO para a educação do século XXI. Sintetiza que o primeiro pilar importante nesse processo é o *Aprender a conhecer* que significa que o aluno deve estabelecer saberes em conjunto com os saberes da realidade ou de seu cotidiano, para valorizar e

ser um suporte para a exposição das disciplinas, e explorar suas capacidades e habilidades. O segundo é o *Aprender a fazer*, explicitando que “a abordagem transdisciplinar está baseada no equilíbrio entre a pessoa exterior e a pessoa interior. Sem esse equilíbrio, “**fazer** não significa nada mais que **se submeter**.” (p.150), porém, fazer significa aprender o novo, o conhecimento potencial que há dentro do sujeito, e é despertar o sujeito criativo. Mas, para que isso realmente aconteça como o autor citou, precisa-se de uma intervenção do sujeito externo para com o sujeito interno. Sem essa canalização do outro, a construção de suas percepções não terão efeito. O terceiro pilar da educação é o *Viver em conjunto*, dessa forma, é compreender e respeitar a cultura, o interesse, a religião, a política, e toda a realidade do outro para assim aprender e valorizar a si próprio. No entanto, da mesma forma que um aluno deve agir dessa maneira, o professor tem o dever de agir e ensinar seus alunos a respeitarem a diversidade do outro. O quarto e último é o *Aprender a ser*, que na verdade é a pura transdisciplinaridade, é aprender quem somos nós, nossos objetivos, nossas atitudes, a conhecer e descobrir coisas novas, ser autônomo e responsável, a formular hipóteses, questionamentos a cerca da vida, das relações sociais e todas as formas de conhecimento.

O autor termina enfatizando a importância de uma atitude transdisciplinar que “que implica colocar em prática a visão transcultural, transreligiosa e transnacional. Decorre daí a relação direta e inquestionável entre paz e transdisciplinaridade” (NICOLESCU, 2000, p. 152). As práticas de sociais que o sujeito se relaciona e se interagem, fazem parte também de sua subjetividade. Aprender não é usar somente os mecanismos disciplinares e dos conteúdos da escola, mas interagir com o mundo do aluno, porque todos os seus significados e todos os seus contextos sociais fazem parte de sua vida. Esta esfera cultural, religiosa, e todo o contexto social que torna o ser adolescente, trás suas medidas práticas e o seu modo de vida, devendo ser voltado para o aluno por uma educação *multidimensional*, sendo valorizadas em virtude da interdisciplinaridade, dos quatro pilares da educação, e de uma forma transdisciplinar de um modo geral.

2.3.4 *Acompanhamento individualizado: estimulando e motivando o aluno*

Para realmente efetivar todas as questões e abordagens estratégicas de interdisciplinares, transdisciplinares, da organização e do planejamento didático mediante a intervenção, precisa-se, também, de que o professor de sala de aula ou o

mediador desenvolva um ensino que motive e estimule o aluno a partir de uma relação de interação com esse aluno. Portanto, Colomina, Onrubia, e Rochera (2004) destacam e definem a interatividade, trazendo sua influencia na educação e na relação professor e aluno. Analisam que a interatividade se constitui num processo de ensino e aprendizagem que se estabelece entre professor e o aluno, porém, para ter essa interação tem como requisito primordial para o desenvolvimento da aprendizagem no aluno é conhecer o envolvido, ou seja, o aluno e o seu processo educacional. Da mesma forma, o aluno, no qual precisa compreender e entender o que professor ou “outro” ensina, para que a relação de ambos seja realmente interativa e construindo de certa forma aprendizagem no aluno.

Os autores abordam uma questão importante a respeito de se ter uma análise empírica, e psicoeducacional da interatividade, pontuando que a atuação da aula a ser ensinada deve se atender a organização das fundamentações didáticas que serão desenvolvidas, no qual precisam ser sequenciadas e construídas de maneira eficaz. Logo depois, colocam a importância de se atender aos significados que são construídos pelo aluno a partir dessa didática. Através dessa interação, conseguir identificar novos significados e particularidades percebidas no aluno, para novamente, propor novas formulações didáticas e métodos que sejam eficientes para o aprendizado do aluno.

O acompanhamento individualizado é uma maneira pela qual o *agente externo*, aquele disposto a desenvolver a aprendizagem no aluno, não só usa recursos disciplinares para ajudar o aluno em seu processo educacional como também estimula, **interage, intervêm** e guia o aluno através de atividades pedagógicas. O aluno em conjunto com o outro, estabelece e desenvolve estratégias pedagógicas para o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno. Na escola, em seu processo educacional, o aluno com dificuldades de aprendizagem necessita de uma intervenção pedagógica mais individualizada e mais acompanhada. Explicita Bzuneck (2010):

Uma das tarefas de todo professor consiste em ajudar individualmente o estudante na realização de uma atividade desafiadora, explorando a zona de desenvolvimento potencial desse aprendiz. Neste caso, a suposição é de que a tarefa se apresente com um grau de dificuldade tal que, sozinho, o aluno não poderia dar conta, mas teria êxito com a ajuda de alguém mais competente, seja o professor ou um colega, num processo de interação pessoal e afetiva, que inclua diálogo, negociação e trocas de experiências. (p. 22)

Através dessa afirmação, podemos constatar e destacar a importância de um acompanhamento pedagógico. Sendo definida como um conjunto de interatividade do outro com o sujeito em processo de aprendizagem; e de uma intervenção pedagógica. Um processo meramente complementar e um recurso insubstituível para os sujeitos com dificuldades de aprendizagem, tornando um alicerce para o desenvolvimento psicoeducacional do sujeito em aprendizado. Contudo, essas atividades, construídas externamente e mediadas de forma efetiva pelo sujeito externo, transpõe para o sujeito em processo de aquisição de conhecimento, significados de aprendizagem que são internalizadas e apreendidas. Dessa maneira, as potencialidades já existentes no sujeito em processo, junto com as aplicações pedagógicas de caráter multidisciplinar de forma estratégica do agente externo ou do outro facilitam e contribuem para a aprendizagem do sujeito.

Sobre todas as considerações teóricas, seja das dificuldades de aprendizagem, seja do Transtorno do Déficit de Atenção, ou sobre o outro como sendo o papel de mediador para com o adolescente, e principalmente, das estratégias pedagógicas abordadas. Enfim, a partir de todas essas formulações e bases teóricas esse trabalho tem o intuito de analisar o processo educacional de um aluno com Déficit de Atenção, para intervir dialogicamente e pedagogicamente com esse aluno e com as profissionais envolvidas no seu processo de aprendizagem, de forma que, compreenda todas as questões subjetivas desse *ser* adolescente, para conseguir desenvolver esse aluno, e adquirir nele novos significados, e aprendizagens a partir de entrevistas feitas com todos esses envolvidos, que serão descritos, e todas as estratégias pedagógicas mencionadas nos capítulos teóricos e nos acompanhamentos pedagógicos que foram desenvolvidos com esse sujeito, que serão mostrados posteriormente, tornando um subsídio para a promoção educacional desse aluno.

OBJETIVOS

Em virtude das condições diferenciadas de aprendizagem do aluno, em contraste com o ambiente de sala de aula que exige altos níveis de atenção e de concentração por parte do aluno acreditamos que um acompanhamento pedagógico individualizado possa auxiliar a promover no aluno uma maior autonomia para com o trabalho escolar. Este trabalho tem como problema central a necessidade de compreender o mundo pedagógico no qual se insere o aluno em estudo, e as demandas que o aluno enfrenta para consolidar sua aprendizagem. Para assim, propor estratégias e buscar alternativas eficazes no acompanhamento pedagógico individualizado, no intuito de promover o desenvolvimento do aluno na escola.

Objetivo geral:

Compreender os aspectos envolvidos no trabalho pedagógico e no processo de aprendizagem e desenvolvimento de um aluno com Transtornos de Déficit de Atenção nas séries finais da Educação Fundamental, priorizando divisar possibilidades de ensino e de aprendizagem que potencializem o sucesso escolar do sujeito com Transtornos de Déficit de Atenção.

Específicos

- Identificar processos de aprendizagem envolvidos no trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula;
- Construir estratégias pedagógicas para intervenção individualizada coordenada com o trabalho realizado em sala e analisar os efeitos dessas estratégias na aprendizagem dos conteúdos escolares e no desenvolvimento da subjetividade do aluno;
- Refletir sobre as possibilidades de aprendizagem e as possibilidades de um trabalho pedagógico que potencialize o sucesso escolar e as perspectivas de futuro de sujeitos com Transtornos de Déficit de Atenção.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

No cotidiano escolar, muitos professores e profissionais que atuam na escola buscam alternativas pedagógicas para o progresso do aluno. Entretanto, muitas vezes deixam de lado um olhar mais atencioso, motivador, psicológico e mais humano para com os alunos, principalmente aqueles que têm dificuldade de aprendizagem. Uma vez que entendemos ensino-aprendizagem de forma integrada, cremos que a função do professor não é só no processo de ensino, mas principalmente no progresso da aprendizagem do aluno. A intervenção pedagógica deve estar alicerçada em bases humanas, motivadoras e incentivadoras para com esse sujeito que aprende, ainda mais se ele apresentar formas diferenciadas de aprendizagem.

A função do professor também vai além da construção de subsídios e recursos para a aprendizagem escolar. A qualidade da sua ação pedagógica em sala de aula é fundamental para o desenvolvimento geral dos alunos. No caso dos alunos com TDA, na experiência de estágio foi possível ver como é importante uma intervenção individualizada, por mais que seja contrária à opinião das teorias atuais ou de alguns professores. O acompanhamento individualizado significa não só ajudar o aluno na construção do seu conhecimento, mas dar um suporte psicopedagógico de diferentes maneiras para a que o aluno possa se apropriar dos recursos materiais e simbólicos oferecidos pela escola. Por isso, o professor tem papel fundamental na criação de estratégias pedagógicas meramente multifacetadas e motivadoras, na escolha dos melhores recursos mediadores e, principalmente, na mediação de sentidos e significados possíveis na construção do conhecimento pelo aluno. Mas o quê especificamente o professor deve observar ao planejar sua intervenção pedagógica com um aluno de TDA?

Cubero e Luque (2004) refletem sobre o aspecto da intervenção na escola como:

Visto que se trata de conceitos elaborados sobre a análise de interações didáticas ou muito controladas dentro e fora do contexto escolar (fundamentalmente fora), parece necessário um trabalho de pesquisa no contexto natural da sala de aula que ponha à prova, confirme e amplie ou redefina a utilidade de tais significados para a explicação dos processos de construção de conhecimentos.(p.102)

Para desenvolver um acompanhamento individualizado de qualidade na escola, fica claro que é preciso primeiro, identificar os alunos que mais se beneficiariam com

uma intervenção pedagógica em função de processos de aprendizagem não tão bem compreendidos pelos professores e pela escola. Em segundo lugar, é preciso conhecer o trabalho pedagógico dos envolvidos no processo de aprendizagem e desenvolvimento de alunos com TDA no segmento educacional em que está inserido, para entender a relação desses alunos com o trabalho escolar e seus posicionamentos frente à experiência escolar. Em terceiro lugar, dar voz a todos os envolvidos para caracterizar as necessidades de aprendizagem do aluno. Por fim, é importante que a intervenção potencialize o sucesso escolar do sujeito.

Com esses pressupostos e para explorar a realidade do contexto de educacional no qual está inserido o aluno, lançamos mão de uma pesquisa qualitativa. O trabalho empírico contou com um estudo de caso de um aluno com TDA. Escolhemos um sujeito do sexto ano do Ensino Fundamental para compreender também esse momento importante de transição do aluno dos anos iniciais para os anos finais do Ensino Fundamental.

O interesse pelo contexto de pesquisa e pelo sujeito surgiu ainda no estágio supervisionado, no acompanhamento do trabalho realizado pela Orientadora Educacional junto à alunos com baixo desempenho escolar e com queixas de indisciplinas. Para realizar o estudo, optamos por uma pesquisa de cunho mais exploratório sobre a investigação desses processos ditos anteriormente, de modo que, o explore para assim refletir sobre as suas implicações, e a partir apresentar as possibilidades de aprendizagem de um aluno com Déficit de Atenção que vivenciou no acompanhamento pedagógico individualizado.

A opção por uma abordagem qualitativa no presente estudo serve para fundamentar, esclarecer, analisar, e refletir sobre esses processos ditos anteriormente. Trivinhos (1997) a caracteriza da seguinte forma:

Ela compreende atividades de investigação que podem ser dominadas específicas... Esta é uma idéia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo. (p. 120)

No entanto, perpassa nesse estudo o método empírico de caráter qualitativo exploratório incluindo entrevistas individuais com o aluno alvo do estudo de caso, suas professoras, a orientadora educacional e o relato reflexivo e analítico das sessões de intervenção realizadas no momento posterior ao estágio, estendendo-se por cinco meses.

Na entrevista individual com cada um dos participantes procurou promover a reflexão, com o intuito de explorar as informações dos entrevistados para ter como ponto de investigação e análise todo o contexto que envolve o sujeito em processo de aprendizagem. Apesar de os roteiros de entrevistas terem um caráter diretivo, priorizou-se, de uma forma dialogada, reflexões sobre as questões em estudo. Szymanski (2002) define a entrevista reflexiva como:

Um momento de organização de idéias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte de experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um **caráter reflexivo**, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos. (p. 14)

Portanto, ter uma entrevista de caráter reflexivo, como foi exposto pelo autor, é essencial para a coleta de dados significativos, e subjetivos agregados pelo entrevistado. De maneira, em que possamos explorar todas as suas vivências pedagógicas, e o seu aspecto individual de seus processos intrínsecos instaurados em sua construção intrapsíquica e pedagógica, voltados para o aluno, e através do trabalho realizado com o ele.

Por outro lado, a entrevista individual de caráter dialógico e reflexivo é um instrumento importante, não somente, para a investigação das informações exploradas dos profissionais que apoiam e ensinam esse aluno, mas refletir essas informações extraídas sobre o sujeito. As informações extraídas dos entrevistados foram sistematizadas de acordo com os objetivos deste estudo. Procurando assim, investigar as suas falhas, as suas dificuldades, as suas possibilidades de aprendizagem, e todo o seu processo subjetivo e psicopedagógico aliado a esse *ser* em aprendizado para propor estratégias pedagógicas no intuito de fortalecer e construir o conhecimento desse aluno. Através da exploração e reflexão dessas investigações, busca-se um diálogo de interações e intervenções com o aluno para construir, valorizar, e aprimorar seus aspectos subjetivos e significativos, levando-o a estar mais motivado em aprender, aprender em virtude de estratégias pedagógicas a serem mostras, posteriormente, nos acompanhamentos com esse aluno, e fazer o aluno a participar dessas intervenções como agente transformador do seu próprio conhecimento.

Dessa forma, tornou-se necessário refletir e analisar o desenvolvimento de um aluno com Transtorno de Déficit de Atenção, suas dificuldades e suas possibilidades de

aprendizagem em uma escola regular da Secretaria de Educação do Distrito Federal. É importante destacar a ação participativa da pesquisadora em situações de intervenção, que se configurou em um estudo de caso a partir dos diferentes procedimentos empreendidos.

3.1 Contexto da pesquisa empírica

O estudo de caso foi realizado em uma escola da Secretaria de Educação do Governo do Distrito Federal, localizado em uma de suas Regiões Administrativas. A escola atende cerca de 1450 alunos, sendo 39 turmas distribuídas em três turnos, o Ensino Fundamental no período matutino e vespertino, sendo que 120 alunos são atendidos na escola integral; e o ensino médio no período noturno. Conta com 68 professores, 04 coordenadores, 02 supervisores pedagógicos, 02 supervisores administrativos, 03 profissionais do Serviço de Orientação Educacional, 02 voluntárias trabalham na biblioteca, 09 servidores da limpeza, 01 secretaria, 01 assistente de secretaria, 03 auxiliares de vigilância, 01 vice diretora, 01 diretora, 06 auxiliares de merenda, e 01 intérprete.

Mostrou-se ser um espaço democrático, onde os alunos podem se expressar através dos esportes, gincanas, conselhos de representantes, conselho de classe participativo e conselho escolar. Os alunos e demais servidores (professores e auxiliares) participaram da elaboração da Proposta pedagógica através de sugestões. A escola também tem uma boa relação com a comunidade que é convidada a participar de eventos e conselhos.

No contexto do estágio foi realizado um mapeamento institucional que é uma metodologia de aproximação e conhecimento em detalhes da instituição, fica evidente observar que é uma instituição voltada para a valorização e preocupação com o aluno, com a escola, e com os professores. Existe uma grande preocupação dos professores e da direção em ajudar os alunos na questão da aprendizagem e também das questões voltadas para o lado afetivo, emocional e familiar que abarca cada aluno nas suas diferentes limitações. Por exemplo, o Projeto Político Pedagógico da escola tem um cunho interdisciplinar, e desenvolve projetos que trabalham a capacidade artística, intelectual, e crítica de cada aluno nas suas diversas maneiras de se expressar. No entanto, isso é voltado não só para o desenvolvimento de aprendizagem do aluno, mas para se tornar um cidadão crítico responsável, e mais humano perante a sociedade.

3.1.1. Estrutura física

A instituição que é composta de 13 salas de aula, um laboratório de computadores, um laboratório de ciências, dois banheiros de professores (mas/fem.), dois banheiros de servidores (mas/fem.), banheiros dos alunos (mas/fem.), sala de professores, sala para coordenação, cozinha com depósito, sala de direção, secretaria, sala de orientação pedagógica, biblioteca, sala dos servidores, almoxarifado, depósito para material de educação física, quadra de esportes descoberta, e pátio. A estrutura da sala de aula possui ventilador, janelas grandes, muitas carteiras e cadeiras, mesa para o professor, e armários para colocar os livros. Em entrevista durante a elaboração do mapeamento institucional, uma profissional informou que há planos de instalar uma TV em cada sala com aparelho de DVD e quadros brancos.

Há também a sala do projeto veredas, um nome normalmente chamado na escola, ou a sala de aceleração fica no segundo andar; e tem 01 ventilador, 01 televisão, 03 janelas grandes, 34 carteiras e cadeiras, 01 mesa grande para duas professoras, 02 armários para colocar os livros, 01 quadro, 01 apagador (às vezes outros professores de outras salas vinham pegar o apagador da sala da aceleração), e 01 câmera de filmagem dissimulada.

3.1.2. Projetos Escolares

O projeto pedagógico da escola foi elaborado com a participação de toda a comunidade escolar sob o título de “A escola no meu projeto de vida” tem como objetivo central a melhora na leitura e no pensamento matemático. Nele estão estabelecidas as metas e estratégias para a melhora da escrita e leitura, para uma maior participação nos vários programas de avaliação como: ENEM, PAS IDEB. Há um Regimento Interno que é disponibilizado no manual do aluno e o currículo da SE/DF. Existem vários projetos que são desenvolvidos na escola como a escola integral, festival da paz, semana cultural e científica, jogos escolares, simulado interdisciplinar, teia do conhecimento (pesquisa e autonomia do aluno) e assalto cultural (apresentações culturais). A escola também participa do projeto de educação financeira, o mesmo é o resultado de uma parceria entre o MEC/UNIBANCO/SEEDF. A turma contemplada, bem como seus pais e professora de PD (parte diversificada), recebem orientações de como gastar, economizar etc. O projeto já está sendo realizado há dois anos e no final de

2012 será avaliado através dos resultados apresentados pelo aluno e sua família. As práticas pedagógicas em sala de aula são seminários, estudo dirigido, apresentações teatrais, roda de leituras, além dos tradicionais exercícios, atividades individuais e de grupo e provas. Na escola integral, existem as aulas de reforço em matemática e português. Há uma intérprete que atende alunos com deficiência auditiva e com déficit de atenção.

3.2 Sujeitos

Por meio das atividades feitas na segunda fase de estágio supervisionado nessa escola de ensino Fundamental do Paranoá, realizei primeiramente trabalhos e observações acerca do trabalho da orientadora educacional. Ainda nessa ocasião, foi realizada uma entrevista com ela para melhor conhecer o seu trabalho, sobre a escola e, principalmente, identificar demandas, características, possibilidades dos alunos com TDA. Uma vez escolhido o aluno ao lado de quem daria continuidade ao meu estágio, tive o contado com as professoras dele para também conseguir identificar os aspectos envolvidos no trabalho pedagógico e as demandas postas pela aprendizagem dele de forma singular.

Com o intuito de compreender todas as particularidades desse aluno com TDA priorizando divisar possibilidades de ensino e de aprendizagem que potencializassem o sucesso escolar, desenhamos um plano de ação que serviu de base para a construção do projeto de monografia. Organizamos uma série de estratégias pedagógicas trabalhadas ao longo de vários encontros com o aluno, voltada para solucionar questões de ensino-aprendizagem que emergiam na sala de aula e as quais o aluno não conseguia vencer. A base da intervenção foi o diálogo, em que todo o trabalho era feito por meio de interações discursivas entre a estagiária/pesquisadora e o aluno.

Para melhor entender o aluno, seu processo e as possibilidades de um acompanhamento individualizado, foram realizadas quatro entrevistas individuais de caráter reflexivo: com a orientadora educacional, com a professora efetiva (de Geografia), com a professora contrato (de Ciências) e, por último, com o aluno em estudo.

Quadro 2 – Sujeitos da pesquisa

Sujeito	Caracterização	Procedimento empírico	Instrumento utilizado
O aluno Arthur	14 anos, cursando 6ª. série/7º. ano do Ensino Fundamental. Diagnóstico de TDA realizado na infância. Repetente.	Intervenção pedagógica individualizado de natureza dialógica	Plano de ação com planejamento da sequência de aprendizagem
		Entrevista reflexiva individual	Roteiro de entrevista
Orientadora Educacional	Formada em Pedagogia com habilitação em Orientação Educacional, e mestrado em Ciência e Educação	Entrevista reflexiva individual	Roteiro de entrevista
Professora efetiva	Habilitação em História e Geografia, pós-graduada em Geografia e Meio Ambiente	Entrevista reflexiva individual	Roteiro de entrevista
Professora contrato	Formada em Biologia com habilitação em ciências, e pós-graduação em Gestão Ambiental	Entrevista reflexiva individual	Roteiro de entrevista

3.2.1. Aluno Arthur⁶

Arthur foi diagnosticado com TDA no início de sua escolarização, com oito anos de idade. Apresentava comportamentos diferentes dos demais, como inquieto e disperso nas aulas, faz consultas psicológicas e toma remédio controlado. À época do estágio, tinha 14 anos, e estava na 6ª série, era um aluno repetente. De acordo com suas professoras era muito tímido e quieto em sala de aula, que se dispersava facilmente. No momento atual em que se escreve esta monografia, o aluno não está mais na escola em que foi realizado o estágio, por duas razões: ele repetiu o ano novamente, e a escola não agrega mais 5ª série e nem 6ª série, somente da 7ª série em diante.

Arthur mudou-se para uma escola da Asa Sul, na qual faz acompanhamento pedagógico com aulas de reforço. Ainda faz consulta psicológica, mas com outra psicóloga. A mãe se queixa dos remédios caros que essa nova psicóloga prescreve, porque dá a receita de remédio somente para pegar uma vez ao mês, e não para pegar

⁶ Nome fictício

em vários meses nas drogarias. A mãe preferia a antiga psicóloga, porque não precisava voltar ao consultório todo mês.

3.2.2. Orientadora Educacional

A orientadora se formou na Universidade Federal do Pará e no período em que se formou era obrigatório quatro anos de pedagogia e um ano na habilitação que escolhesse (orientação educacional, coordenação pedagógica ou administração). Optou pela orientação educacional e logo em seguida começou a trabalhar. Já trabalhava como professora do ensino fundamental e era professora de matemática, mas em pouco tempo prestou concurso para orientação e assumiu nova função na escola. Teve oportunidade de trabalhar em escolas de 1^a a 4^a, depois trabalhou com alunos de 5^a a 8^a série e depois com ensino médio. Está fazendo atualmente mestrado em Ciência e Educação.

Trabalha na instituição na sala de orientação educacional no SOE (Serviço de Orientação Educacional). Foi uma conquista para ela, pois a escola não oferecia uma sala própria para desenvolver seu trabalho. Percebe que hoje o SOE está sendo olhado com mais respeito por todos da escola. Seu trabalho é de forma integrada com direção, coordenação, professores, e com a família, mas, ainda sente a ausência por parte dos pais de serem mais participativos e mais preocupados com os seus filhos. Quando há necessidade, encaminha o aluno para o psicopedagogo ou psicólogo. A secretaria de educação disponibiliza um instrumento denominado "ficha 13", onde é prescrito todo o acompanhamento que o orientador faz com o aluno. Essa ficha é repassada ao psicopedagogo ou psicólogo quando o orientador não pode resolver o caso.

3.2.3. Professoras

A professora efetiva tem quarenta e oito anos de idade, formada em Estudos sociais com habilitação para dar aula de História e Geografia pelo UNICEUB, tem especialização em geografia e meio ambiente. A professora contrato tem quarenta e dois anos de idade, e é formada em Biologia com habilitação em Ciências, e tem pós-graduação em Gestão Ambiental.

3.3 Procedimentos e instrumentos

Os procedimentos empíricos começaram depois da finalização do estágio supervisionado e se estendeu ao longo do segundo semestre de 2011 e início do primeiro semestre de 2012. Todos os procedimentos realizados no ano de 2011 foram realizados na escola, incluindo sessões de intervenção individualizada e entrevistas. As últimas sessões de intervenção foram realizadas na própria casa do aluno em estudo, devidamente autorizada pela mãe.

Fiz uma entrevista com a professora contrato de Ciências e com a professora efetiva de Geografia, para entender e compreender seu processo de aprendizagem em sala de aula, e com a orientadora educacional para entender o seu trabalho que é realizado com o aluno em estudo. Mediante as entrevistas realizadas com essas professoras e com a orientadora, surgiu o interesse e a necessidade de fazer a intervenção pedagógica, propondo estratégias pedagógicas com o aluno com Distúrbio de Atenção.

As entrevistas foram gravadas e depois transcritas, seguindo um roteiro norteador. Foram divididas em temas diferentes para que o entrevistado pudesse tratar mais sobre o assunto exposto e se organizar diante de suas falas. As questões tratadas na entrevista foram organizadas de acordo com os diferentes contextos de vivência do sujeito: trabalho pedagógico desenvolvido em sala de aula, família e escola.

Através da descrição de cada elemento do instrumento de pesquisa a ser estudado, cabe lembrar dessa forma que o estudo se resume em um instrumento de pesquisa qualitativa de caráter exploratório, que prevê a ação participativa do pesquisador em situações de intervenção, realizando um estudo de caso a partir dos diferentes procedimentos empreendidos pelas entrevistas reflexivas com os sujeitos.

3.3.1 *Entrevista individual com aluno*

O roteiro de entrevista foi estruturado por eixos organizadores para identificar o trabalho pedagógico desenvolvido dos profissionais com o aluno Arthur, entender as especificidades do desenvolvimento da pessoa com TDA e as dificuldades e as possibilidades do processo de aprendizagem do aluno e, finalmente, questões acerca da idealização de um trabalho pedagógico que potencialize o sucesso escolar e as perspectivas de futuro de sujeitos com TDA. Especificamente ao aluno, foram feitas 11

perguntas separadas em eixos de forma organizada, para identificarmos através da visão do aluno importantes mecanismos como: aprender sobre a subjetividade do indivíduo com Déficit de Atenção e compreender as suas devidas dificuldades, para então agir com as estratégias de aprendizagem. Cada roteiro pode ser conferido na seção de apêndices.

No caso da entrevista com o aluno Arthur, foi importante construir um clima agradável e descontraído para que ele pudesse responder com maior espontaneidade. Em vez de ler as perguntas das entrevistas como fiz com as professoras e com a orientadora, resolvi decorar as perguntas e ir perguntando de forma espontânea até que sua resposta fosse satisfatória. A duração da entrevista foi em torno de cinquenta minutos.

3.3.2 Entrevista individual com professores

O roteiro de entrevista para os professores foi desenvolvido para entendermos melhor o trabalho que é desenvolvido com este aluno, e também compreender suas estratégias de aprendizagem, explorou-se as concepções, experiências de vida no trabalho escolar e outras questões que foram fundamentais para entender a forma como as relações eram estabelecidas com o aluno. Foram 28 perguntas, divididas em quatro temas diferentes. As questões primeiramente estavam relacionadas ao aluno com TDA de forma geral. O segundo tema trata sobre o aluno Arthur especificamente, sua personalidade, a relação dele com a escola e com a família. E o terceiro é sobre o desenvolvimento escolar do estudante, o trabalho pedagógico desenvolvido com ele, sua aprendizagem, seu comportamento e suas relações, seu rendimento, as suas dificuldades, e principalmente suas estratégias usadas com esse aluno.

A duração da entrevista com a professora F (efetiva) durou aproximadamente uma hora e quarenta minutos, e com a professora A. (contrato) durou uma hora. Ao marcar as entrevistas percebi que as professoras se mostraram bem dispostas em fazer a entrevista, somente à professora A. que não quis entrar muito no assunto e falar mais detalhes, mas as professoras falaram espontaneamente.

3.3.3 *Entrevista individual com Orientadora Educacional*

O primeiro contato com a entrevistada, a orientadora, foi em seu local de trabalho onde reservamos um espaço na escola para desenvolver a entrevista. Utilizei como instrumento de auxílio o gravador e fiz anotações relevantes sobre os posicionamentos da entrevistada. A duração da entrevista foi aproximadamente uma hora e cinquenta minutos. Foram em torno de 33 perguntas nas quais também foram organizadas em temas, a saber: a primeira parte enfatizando a trajetória escolar e profissional da entrevistada; a segunda enfatizando as características gerais das escolas e dos alunos; a terceira é sobre o déficit de atenção na escola e seus trabalhos com esses alunos especificamente, como encaminhamentos e identificação dos alunos com TDA, atendimentos a esses alunos, a relação aluno e escola, a postura familiar, adaptação e desenvolvimento pedagógico, a interferência do Déficit de Atenção nos alunos e outros referente a esse tema.

3.3.4 *Intervenção individualizada*

No segundo semestre de 2011, busquei acompanhar individualmente o aluno Arthur, e mediante as dificuldades de aprendizagem desse aluno em estudo teve a necessidade de propor diferentes estratégias pedagógicas que possibilitasse a mediação de determinadas aprendizagens. Graças à uma abordagem dialógica, foi possível observar o sentido e o que significavam para ele as suas dificuldades e suas formas de aprender. Algumas atividades foram desenvolvidas, porém, para efeitos deste trabalho foram selecionadas duas sessões de 2011 e quatro de 2012. A primeira sessão envolveu estratégias sobre *leitura e interpretação de textos e de imagens*, tendo o intuito de ampliar no aluno o gosto pela leitura e assim aprender a interpretar um texto de forma diferente de acordo com as imagens disponibilizadas no livro de geografia. O encontro durou aproximadamente duas horas. Na segunda sessão, o jogo foi a estratégia utilizada para ampliar a aprendizagem do aluno; foi tratado o *jogo de xadrez e interpretação de texto* no qual tinha como objetivo tornar um encontro diferente por meio do jogo, favorecendo mediações para ampliar o raciocínio do aluno. Depois, foi estudado e interpretado o mesmo texto anteriormente mediante o estabelecimento de relações com a leitura.

No primeiro bimestre de 2012, deu-se a continuidade das sessões de acompanhamento individualizado, com intervenções pedagógicas baseadas em estratégias de aprendizagem. A terceira sessão utilizada para este trabalho utilizou a estratégia: *interpretando a reportagem: esporte*. Essa sessão teve como objetivo interpretar o discurso da reportagem, aprender a ler de forma diferente através de textos referentes ao esporte escolhido, o favorito do aluno. A sessão durou em torno de duas horas.

Na quarta sessão a estratégia pedagógica foi *Produzindo o texto a partir da história em quadrinho*, teve o objetivo de colocar uma atividade divertida e ousada para o aluno aprender a se expressar melhor em sua escrita e desenvolver no aluno a sua habilidade de ler e de interpretar a imagem da história em quadrinho. Na quinta sessão o sentido subjetivo de suas experiências escolares foi favorecido por meio de: *criando um jornal da escola*. O objetivo foi construir conhecimento a partir das vivências e do contexto escolar do aluno, explorando o cotidiano da escola e aprendendo a organizar suas atividades diárias, provas, suas curiosidades da escola.

Na sexta e última sessão exploramos: *Pesquisa na internet: texto sobre futebol e sua relação com o substantivo comum e o próprio*. O objetivo foi tratar o aluno pesquisador, aliando interdisciplinariamente assuntos, temas de forma significativa e criativa. A pesquisa feita na internet foi vinculada à criação de texto, resolvendo contas matemáticas, explorando aspectos geográficos referente às regiões brasileiras, e construindo através do próprio texto criado pelo aluno o substantivo comum e próprio.

Todas essas intervenções foram feitas pelo aluno com a minha ajuda, ensinando-o e criando diversas estratégias para o aprimoramento da aprendizagem, colocando ao centro da aprendizagem as mediações necessárias para que ele pudesse se desenvolver de forma mais independente. O quadro abaixo apresenta as principais estratégias utilizadas com o aluno com Déficit de Atenção:

Quadro 3 – Descrição das sessões

Intervenções	Data	Duração	Tipo de estratégia
1	Setembro/2011	2 horas	Leitura e interpretação de textos e de imagens
2	Setembro/2011	2 horas	Jogo de xadrez e interpretação de texto
3	Março/2012	1 hora 50 minutos	Interpretando a reportagem: esporte
4	Março/2012	50 minutos	Produzindo o texto a partir da história em quadrinho
5	Abril/2012	50 minutos	Criando um jornal da escola
6	Abril/2012	2 horas e meia	Pesquisa na internet: texto sobre futebol e sua relação com o substantivo comum e o próprio

Enfim, o acompanhamento individual contou com intervenções pedagógicas com um aluno com TDA. Todas as atividades se apoiaram no pressuposto de que ele precisava se tornar ativo no seu processo de aprender, dando sentido ao que via e ao que fazia. A partir de uma abordagem dialógica de caráter interventivo e interativo da ajuda ou do suporte ao outro, no caso eu como pesquisadora, para com o sujeito em aprendizado. A relação dialogada, mediando a princípio a significação sobre os assuntos foi essencial para provocar reflexões sobre os significados que a matéria pedagógica tinha para ele. Esses aspectos serão analisados em detalhes na parte de resultados e análise.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E ANÁLISES

“Nenhum aprendiz deve ser levado a aprender algo que não entende, ou algo em que não seja capaz de encontrar significação.”
Dinah Campos (2011, p. 131)

De forma em que atenda aos objetivos propostos, o capítulo está organizado de acordo com os dois procedimentos de pesquisa. O primeiro conjunto de informações empíricas a ser analisado são as entrevistas, e o segundo são as sessões de intervenções pedagógicas realizadas no acompanhamento individualizado com o aluno com Déficit de Atenção. Esta primeira parte dos resultados referentes às entrevistas está organizada de acordo com os sujeitos: o aluno com Déficit de Atenção, a orientadora educacional, a professora efetiva de Geografia e a professora contrato de Ciências.

A análise da entrevista com Arthur trata sobre o ponto de vista do aluno, a respeito das suas aprendizagens, do seu Déficit de Atenção, da sua relação tanto familiar como escolar, das suas experiências e vivências marcantes, de seu gosto por coisas do dia a dia, e etc. Essa entrevista serve para conhecermos melhor o aluno e todos os seus aspectos relacionados à sua aprendizagem interna à escola e fora da escola, ao seu Déficit, ao seu contexto de relações sociais, afetivas, e familiares; para assim, conhecer o aluno e ajudá-lo nas suas possíveis dificuldades de aprendizagem. Essas informações foram fundamentais para a elaboração das estratégias pedagógicas utilizadas nas sessões de acompanhamento individual que posteriormente será apresentado.

Logo, privilegia-se o olhar dos profissionais sobre esse aluno e sobre o Transtorno de Déficit de Atenção, a partir da aplicação das entrevistas com os três profissionais da escola envolvidos com esse aluno: a professora F (efetiva), a professora A.(contrato), e a orientadora educacional como foram descritas na metodologia apresentada. Em virtude dos temas explorados e acerca das diferentes perguntas relacionadas à aprendizagem e ao Déficit de Atenção, foram divididas e analisadas em quatro temas. O primeiro tema caracteriza-se por apresentar, sempre na visão dos profissionais, a respeito do Transtorno de Déficit de Atenção, tratando do conhecimento dos profissionais a cerca deste tema e quanto ao atendimento pedagógico e/ou psicopedagógico, de forma geral, na escola. No segundo tema, refere-se ao aluno Arthur nas perspectivas dos profissionais, destacando as principais informações a cerca desse

aluno seja sobre a relação com os colegas de sala aula ou com os professores, a personalidade desse aluno, como se comporta em sala, ainda menciona o atendimento para esse aluno, a relação familiar e o aluno, e a relação do aluno com o transtorno de atenção, a diferença desse aluno com os demais da sala, e muitas outras características sobre esse aluno.

O terceiro tema aborda o desenvolvimento do aluno Arthur, refletindo sobre a necessidade de o aluno ter um acompanhamento pedagógico, tratando de suas dificuldades e de suas possibilidades de aprendizagens, o trabalho pedagógico desenvolvido com o aluno, e as estratégias e procedimentos pedagógicos utilizados pelos professores, e outras informações do desenvolvimento do aluno. O quarto e último tema refere-se à aprendizagem do Arthur em determinadas disciplinas a qual reflete as estratégias usadas pelos professores, a atenção especial vindo de cada professor sobre o aluno com déficit de atenção, as possibilidades de aprendizagem e a suas dificuldades existentes em determinadas disciplinas.

A segunda parte dos resultados são as intervenções pedagógicas realizadas de forma individualizada a partir de uma perspectiva dialógica com o aluno Arthur. Essa intervenção tem como objetivo propor algumas estratégias pedagógicas desenvolvidas por mim, de acordo, com as informações prestadas pelos profissionais deste aluno e as observações coletadas em sala de aula. As estratégias pedagógicas adotadas com esse aluno com Déficit de Atenção surgiram com o intuito de potencializar as capacidades, habilidades, e aprendizagem do próprio aluno. Tornando o aluno motivado a querer aprender, e assim focar a sua atenção para a matéria a ser estudada, e adquirir o interesse pelo estudo. Essas estratégias, construídas a partir de cada encontro envolveram tanto a interpretação, a leitura, o raciocínio lógico, a matemática, e principalmente, a forma interdisciplinar de relacionar conteúdos e temas. Consideramos esse aspecto importante o desenvolvimento do aluno.

4.1 Entrevista com Arthur

Mas na 3ª série veio uma professora legal e me ajudou na aula, me ajudou a fazer dever, e aí prestei mais atenção na aula, eu achava que ela era boa, mas o resto achava tudo ruim
Arthur

No começo da entrevista, o aluno Arthur se mostrou muito envergonhado, e com receio de falar sobre a sua vida. Ao longo da entrevista, percebi que não queria falar

muito e nem entrar em detalhes, falando pequenas e curtas palavras. Não gostava de falar nada a respeito de sua vida, portanto, e eu tinha que ir fazendo várias perguntas até ele chegar a me responder ou a contar algo a respeito. Ao falar das experiências de sua vida o aluno contou que gosta muito de assistir televisão e principalmente de assistir aos filmes de terror, porque achava divertido e legal. Chegou a mencionar que não gostava muito de escrever porque acha muito ruim. Sua rotina diária é normal como qualquer outro adolescente. Ao chegar da escola se diverte com televisão, indo jogar bola na quadra, solta pipa e vai brincar, não havendo nenhuma preocupação em fazer os deveres. Apesar de não fazer, é considerado um aluno relativamente bom, se relaciona bem com os colegas não só da sua quadra onde mora, mas também com os colegas de sala de aula. Ao perguntar para Arthur o que ele acha dessas coisas que ele faz, ele respondeu: *“Acho boa, por mim ficaria brincando o dia todo”*. Em virtude disso, e das observações nos acompanhamentos pedagógicos com o aluno, notei que ele gosta muito de diversão e de brincar, mas de fazer deveres e exercícios ele tem muito receio e se desanima em realizá-los.

O aluno aprende quando encontra significados no conteúdo ou na atividade. O que chama a atenção do aluno terá boas chances de se interessar pela matéria. Em um exemplo disso: Arthur disse que gostava muito da matéria de matemática porque tinha uma professora na escola que era muito divertida, e ele adorava as suas aulas porque a professora era brincalhona. Quando perguntei a ele sobre qual era seu (a) professor (a) preferido (a), ele logo respondeu que era *“a professora de matemática, porque ela é divertida, e ela ensina brincando, e eu gosto dela”*. Quando as aulas são divertidas e prazerosas, e quando o professor, no uso de suas estratégias, fixa esses significados, o aluno consegue desenvolver melhor as suas tarefas e principalmente aprende melhor.

Para entender melhor a vida de Arthur e a respeito da sua história e de suas lembranças mais marcantes quando criança, contando sobre sua vida escolar, chegou a falar que havia alguns professores muitos chatos e outros que eram legais. Em relação ao seu desempenho nas matérias, o aluno às vezes, ele se sentia “bom” e às vezes “ruim” na realização das atividades da escola, porque muitos professores passavam muitos deveres e toda hora chamavam a sua atenção, e isso ele não gostava. Quando perguntei qual professor que ele menos gostou ele disse: *“A professora E. da escola classe, porque vivia enchendo meu saco e é muito chata; fala as coisas reclamando, ficava toda hora chamando minha atenção sem fazer nada”*.

Nota-se que o aluno se aborrece quando alguém o pressiona, ou quando chama a sua atenção acaba não gostando. E com isso limitava o seu aprendizado, portanto, ninguém gosta de ser ‘chamado a atenção’, e um aluno com TDA não é diferente. Muitos professores acham que o aluno vai aprender de verdade quando é pressionado, aprender não significa impor algo. É preciso que todo o professor tenha estratégias e ofereça as mediações necessárias, não só para aquele aluno com Déficit de Atenção, mas para todos os outros alunos.

O aluno disse que a vida dele atualmente é muito tranqüila, contudo, não tem muitas lembranças de quando era criança. Em sua trajetória escolar se recordou que cada ano em que passava, refletiu dizendo: *“vinha professor chato, mas na 3ª serie veio uma professora legal e me ajudou na aula, me ajudou a fazer dever, e aí prestei mais atenção na aula, eu achava que ela era boa, mas o resto achava tudo ruim”*. Arthur menciona como essa professora era com ele, a professora demonstrava ser tão legal por ajudá-lo nas tarefas e a fazer os deveres, e com isso o aluno conseguiu prestar atenção e talvez se interessar mais na aula. Portanto, quando é um professor que cobra e briga com Arthur não demonstra motivação para aprender, que no caso dele, diminuí as possibilidades de aprendizagem. Se o aluno guarda significados positivos desta professora, podemos concluir que sua professora teve uma importância significativa na vida escolar do aluno especialmente pela forma da interação. Ela teve atenção e um olhar diferenciado para com ele.

Quando Arthur era criança se achava muito ‘atentado’ e bagunceiro na sala de aula, e algumas vezes até discutia com os professores. Ele disse que hoje em dia mudou muito como pessoa. Disse que hoje é mais quieto e que mudou também a sua “personalidade”. Acha que atualmente ele amadureceu e sua idade também influenciou a ser o que é hoje. Antes ele desobedecia a sua mãe, porque ela o proibia de sair e ele saia escondido para brincar na rua, soltar pipa e jogar bola, mas agora sua mãe não proíbe de sair mais e, atualmente, é comportado.

Arthur gosta muito das suas amizades e diz que seus amigos são muito bons com ele. Brinca com os amigos da rua, e com os amigos do colégio só brinca na escola. Afirmou que todos seus amigos ajudam-no seus deveres da escola. Ao perguntar para ele o que é ser amigo, ele disse: *“É ajudar, é estar quando mais precisar, e puder contar comigo nas horas mais difíceis”*. Arthur deixa claro que ser amigo é ajudar, sabe o significado de uma amizade.

A respeito de seu futuro e de como é hoje como pessoa, Arthur mencionou que quando crescer quer ser veterinário, pois só tem um gato, um coelho e um papagaio. Gosta muito de futebol e falou do seu time da rua da seguinte forma: *“Estou mais para empresário, é o meu time lá da rua, e eu gosto. Eu sou o mais velho do time. Vou ser melhor que o Neymar. E eu quero ser como o Messi, porque o Messi é melhor e o Neymar qualquer coisinha já cai. Gosto também do Ronaldo, mas ele já se aposentou”*. Falou com muita empolgação, repetiu o quanto gostava de futebol, que adora jogar e assistir o jogo. Essas informações, enriquecidas pela disposição animada, se mostraram muito interessantes. Através disso descobrimos seus gostos tanto por animais como por futebol e consideramos isso uma possibilidade de desenvolver um trabalho *inter e trans* disciplinar com este aluno a partir dos seus gostos. Quando se conhece a fundo o sujeito e seus calores intrínsecos e extrínsecos, pode-se desenvolver e construir várias estratégias pedagógicas.

4.1.1 Sobre o TDA e aprendizagem

Quando Arthur aprendeu a ler, teve muita dificuldade, mas via seus colegas aprendendo a ler e o modo como eles liam o influenciou a ler também. Achava sua professora muito chata, porque chamava muito sua atenção para fazer os deveres e exercícios. Como tinha essa dificuldade não conseguia desenvolver a sua leitura e sua escrita. Por outro lado, já sabia fazer contas, adorava matemática, e desde cedo aprendeu a contar e saber a tabuada. Em decorrência de sua falta de atenção, ele acredita ainda que: *“Preciso me esforçar mais, porque não presto atenção na aula, e porque fico conversando com os meninos na sala de aula”*, no entanto, Arthur tem a consciência que desvia a sua atenção nas aulas, e que por isso tem dificuldade de aprendizagem, e que precisa mudar para conseguir aprender melhor.

Em virtude disso, o aluno aprende fora da escola através da brincadeira que faz junto com seus amigos, ele não lê um jornal, nem notícias, nem livros, ou nenhuma reportagem. Gosta de aprender coisas a respeito da sua vida e de suas brincadeiras: *“Aprendi a jogar futebol e a soltar pipa com meus colegas e fazer manobras com a bike. Não gosto de ler jornal. Acho que não”*. O costume pela leitura se constitui em casa e na escola, se o aluno não gosta de ler é porque ainda não tem um hábito pela leitura, e os profissionais que o acompanha e seus pais também não trazem incentivos para gostar de ler.

Sobre o transtorno, o aluno contou que não sabia de nada. Tem somente a informação que toma remédio, mas não sabe para que tomar esse remédio. Sobre o remédio ele diz que se sente normal e não sabe o que os professores acham a respeito. Se sente normal tomando os remédios, só que diz que a mãe dele acha que ele tem que parar de tomar, e ainda afirma que nunca contou para seus colegas. Antigamente, ele fazia exames e hoje não vai mais ao médico, não sabe o que o médico dizia por que não prestava atenção e ainda não sabe o que o laudo médico diz.

No entanto, o laudo médico realmente informa que o Arthur tem Transtorno de Atenção, e ainda indica a medicação. Arthur, não acha diferente seu aprendizado dos colegas de sua sala de aula, acha que o que ele aprende são as mesmas coisas que os seus colegas aprendem. Portanto, o aluno não se vê indiferente dos seus colegas em função da sua falta de atenção e concentração. E também não conhece outra pessoa que tenha o mesmo transtorno que ele tem.

4.1.2 Sobre o trabalho pedagógico

Os professores, os colegas de sala de aula, a orientadora educacional, e outros profissionais têm uma relação tranquila com Arthur. Para ele, todos os profissionais da escola são muito legais com ele. Somente, alguns professores ele acha chatos, por passarem deveres demais e por ele não conseguir entender algumas matérias, muitas vezes uma aula maçante e “chata” como ele mesmo diz, não consegue ser compreendida. O aluno ainda está de dependência, e muitos de seus trabalhos não foram entregues no prazo estabelecido, e muitos deles estavam atrasados, mas ele conseguiu entregar só alguns. No entanto, o aluno se queixa de que algumas matérias ele ainda não entende, e por ter provas que não são de marcar, múltipla escolha, e só são provas dissertativas. O aluno explica suas principais dificuldades, dizendo: *“a prova dele não tinha nenhuma de marcar X só de escrever, tentei fazer, mas consegui só algumas, entreguei só dois trabalhos de dependência”*. Nesta parte o aluno se queixa de um professor da escola ser chato e por ele passar muito dever, e que por isso não entende a matéria do professor e também por não ter conseguido fazer os outros trabalhos, e que por isso ficou de dependência na matéria de História. Sobre o dever de casa, dos trabalhos, das provas, e das tarefas de sala, ele acha que:

“É chato, é muito ruim, porque tenho que deixar de brincar para fazer esse dever; e nos outros também acho ruim. Os trabalhos são de escrever e é ruim, e as provas acho mais ou menos, é porque tem umas que são difíceis tem umas que é de marcar X e outras de escrever”.

Dessa forma, o aluno entende que se a escola passasse questões relacionadas com a matemática ele aprenderia muito mais, porque acha interessante e porque gosta muito dessa matéria. Quando é perguntado como são suas aulas, as matérias que não aprendeu, e as matérias que mais se identificou, o aluno diz: *“Foram mais ou menos, pois tinha umas matérias que não tava entendendo. A de matemática e a de inglês, porque achei mais fáceis”*. Portanto, afirma que principais matérias que teve dificuldades no decorrer do ano e que não conseguiu aprender são: *“Tive nas matérias de Geografia e História, eu não entendi tudo do primeiro bimestre, tinha dificuldade de tudo do começo ao fim”*. Por essa forma, o aluno se dedica e aprende mais nas matérias que tem cálculo, raciocínio, e língua estrangeira, e já nas matérias de humanas não conseguem entender por achar difícil e por ter professores que talvez não consigam compreendê-lo.

Quando se trata da sua aprendizagem, o aluno diz que o que atrapalha é a sua conversa. Para aprender melhor e ter uma aula boa, ele acha que: *“Os professores poderiam explicar mais e eu escrever menos”*. Não só se deve criticar os professores que continuamente ensinam de maneira tradicional, como também criticar os alunos por, de certa forma, quererem aprender de forma em que não precise ler e nem escrever, mas que para aprender só precisa necessariamente do professor ensinando. Escola não é um sistema de “eu” ensino e “você” aprende, mas é um contexto de relações pedagógicas em que se aprende de maneira recíproca, de maneira interdisciplinar, para aprender e compreender o mundo.

Mattos (2003), se atenta para os tipos de tarefas que devem ser passadas pelos professores aos alunos com TDAH, que:

Quanto mais cativante/ interessante for o material, mais provável que o estudante preste atenção e permaneça nas tarefas (pode se usar tipos variados de materiais visuais, com cores, desenhos, e gravuras). É mais interessante aprender cálculos ou como soletrar palavras em formato de jogos do que completando uma série de trabalhos escritos... o ideal é fazer com que as lições requeiram tanto participação/ atividades da criança quanto for possível. (p.106)

No entanto, os professores precisam ser mais atenciosos e compreensivos. Quando o Arthur fala qual é o professor que ensina bem e o porquê desse professor ensinar assim, ele responde: *“A professora F. de Geografia, porque ela explica bem e vai a minha mesa”*. No entanto, o aluno tem a necessidade de ter um professor presente e que acompanhe e o ajude no seu processo escolar, tendo um professor que o acompanhe e que atenda as suas necessidades pedagógicas.

Em relação às intervenções pedagógicas que ele realizou comigo, o aluno disse que gostaria que sempre tivesse. No entanto, essas aulas que ele teve ele achou: *“Boa, você veio para me ajudar e deu para esclarecer mais para fazer a prova, foi espetacular”*. Ao perguntar se a aula foi diferente das outras e o que ele aprendeu o aluno respondeu de forma tímida: *“Me ajudou mais. Apreendi tudo, a metade dos meus conhecimentos”*. Falou também que continuaria tendo essas aulas porque *“para eu estudar mais e porque vai me ajudar, me faz entender mais a matéria que eu tenho mais dificuldade”*. Contudo, o aluno sente a vontade e a necessidade de ter alguém ou outro para intervir no seu processo de aprendizagem que o ajude a minimizar as suas dificuldades de aprendizagem.

4.1.3 Sobre as relações familiares

A relação de Arthur com a família é uma relação ótima, todos gostam dele é uma criança como qualquer outra. Em relação ao seu distúrbio de atenção, sua família acha normal o transtorno e não o criticam por ser assim. Acha que as pessoas que podem ajudá-lo são seus tios e sua mãe, apesar de ter uma mãe que está sempre o acompanhando na escola. É uma mãe presente, por isso, ele mesmo diz que a pessoa que ele mais gosta é a mãe dele. Para ele as coisas que o mais lhe deixa triste é quando: *“Dormir cedo. E o que me deixa feliz é dormir até tarde, e me deixar fazer o que eu quero”*. Sobre seu futuro e suas realizações profissionais Arthur tem ainda um grande interesse em ser veterinário, e diz que para ter essa profissão é necessário estudar. E em relação a sua profissão sua mãe quer seu bem e acha que: *“Ela quer que eu seja empresário. Porque é uma boa profissão, não falei para ela sobre eu ser veterinário, mas estou deixando ela sonhar mais um pouco. Eu acho que está no direito dela de pensar assim, mas eu quero ser veterinário”*.

Para Arthur o que a escola pode fazer para ajudá-lo é: *“Explicar mais a matéria. E o que eu tenho que fazer na aula é prestar atenção mais na aula”*.

4.2 Entrevista com profissionais da educação

4.2.1 Sobre o Transtorno de Déficit de Atenção

Mattos (2003), ao começar tratando sobre os sujeitos com a síndrome de atenção, o autor define dizendo que “É comum dizer que eles vivem no mundo da lua, isto é, parecem estar sempre pensando em outra coisa (ou em um monte de outras coisas...) quando se fala com eles, quando estão estudando ou lendo, quando estão trabalhando, enfim, em uma grande variedade de situações” (p. 15). Desta forma, a orientadora educacional afirma que o significado de TDA para ela é:

“Para mim o Distúrbio de Déficit de Atenção é a dificuldade que a criança tem de se concentrar, se dispersa com muita facilidade, ele não consegue completar uma determinada frase, ele não consegue se organizar, ele não consegue centrar numa atividade que ele começou.”

De acordo com a fala da orientadora, pode se notar que em virtude da falta de atenção que o aluno tem na matéria, nos deveres ou tarefas, nas provas ou em diversas outras formas de atividades o aluno não consegue desenvolver, nem se organizar, e nem produzir pedagogicamente falando. Castro (2009) afirma que “As estatísticas referentes ao TDA demonstram que deve haver aproximadamente uma criança portadora desse transtorno em cada sala de aula com 20 a 25 crianças” (p.43). Contudo, todo professor e os profissionais da educação devem ter uma atenção especial para esses casos. Ainda falando do significado do transtorno, e suas particularidades a orientadora considera que na escola, somente, tem um aluno diagnosticado. A escola tem dois casos, um aluno com suspeita de Déficit de Atenção e o outro é o aluno em estudo, já diagnosticado com o distúrbio; sobre isso a orientadora reflete:

*“Um, até inclusive a mãe trouxe recentemente o laudo e os outros casos, são suspeitas, e eu vejo essas características e encaminho e às vezes o retorno demora, mas encaminho em ano e aí só **tenho retorno no outro ano porque a demanda é grande na rede social, e aí fico sendo cobrada pela mãe**, e a mãe diz: ‘ ai vocês não me dão retorno, o aluno continua com dificuldades na sala de aula, os professores estão reclamando, e toda semana estou ouvindo a mesma coisa, o aluno não cumpre a tarefa, o professor está falando e o aluno esta navegando’. E aí eu falo: ‘ ah! Têm consulta dele e está marcada para o dia tal, só que ainda não chamaram ’”.*

Aparentemente, para a orientadora, geralmente os pais colocam todo o fracasso escolar em cima da escola, e ainda cobram dos profissionais para estarem mais atentos. Por um lado, vemos que os pais têm dificuldade em assumir a responsabilidade, responsabilizando a escola, quando seriam eles a oferecer bases para que o aluno também se desenvolva, cobrando dentro de casa os deveres e as tarefas, e se atentando para os estudos de seus filhos. Por outro lado, existe ainda nas escolas brasileiras uma falta de atenção por parte de muitos profissionais, e ainda o descaso por parte dos governantes e autoridades que possam conseguir um atendimento mais prioritário e eficaz fora e dentro da escola para estes alunos. Falando das atividades positivas que esses alunos com Déficit de Atenção desenvolvem na escola, a orientadora educacional diz:

“Esses alunos têm horário integral, aulas de reforço e outras atividades sendo desenvolvidas como o teatro, mosaico, informática, e aula de reforço para quem tem dificuldade tudo no horário ao contrário”.

Como Luck (2010) aponta que “ainda é incipiente, no contexto educacional, o desenvolvimento de experiências voltadas para a prática intencional de construção interdisciplinar” (p. 57). Muitos projetos interdisciplinares desenvolvidos nesta escola podem ser um recurso estratégico para intervir no processo desse aluno com Déficit de Atenção, esses pontos positivos podem ser vantajosos para esse aluno. Mas, a priori, é importante que se tenha realmente um acompanhamento pedagógico individualizado para contribuir na formação do adolescente com DA e alinhar a teoria desenvolvida em sala de aula pelo professor com a construção mediática a ser desenvolvida no acompanhamento. O acompanhamento individualizado poderia até mesmo servir como uma forma de aproximar a família e educá-la com relação às necessidades de seu filho com relação ao processo ensino-aprendizagem.

Diante das considerações e análise da perspectiva da orientadora educacional, por outro lado, as professoras entrevistadas abordam suas visões acerca do Transtorno de Déficit de Atenção da seguinte maneira: Para a professora efetiva:

*“O aluno com Déficit de Atenção é aquele aluno que não consegue seguir o ritmo diário sozinho **ele tem que ter uma pessoa para estar ajudando no sentindo de estar lembrando ele de fazer as atividades**, não consegue andar sozinho; ele se esquece de anotar os recados, e não leva para casa os recados que os professores mandam assim como com relação as atividades muitas vezes **ele não consegue fazer se não tiver alguém para estar lembrando**, quando os pais não estão preparados para enfrentar essa situação.”*

Em virtude disso, a professora efetiva afirma que o aluno com Déficit de Atenção precisa de um acompanhamento pedagógico individualizado paralelo ao trabalho feito na sala de aula. Para estar auxiliando e ensinando o aluno a aprender, e a prender a sua concentração nos afazeres diários da escola e em sua aprendizagem. A mesma, ainda pontua: *“é aquele aluno que esquece normalmente dos seus afazeres, que esta sempre precisando de alguém para estar acompanhando”*.

Para a professora contrato, o TDA é:

*“uma dificuldade a mais que tem um aluno, isso implica na incapacidade de compreensão de absorver com facilidade o entendimento ao conteúdo para aprendizagem . **Todo esse transtorno dificulta a leitura, a análise de questões e o desdobramento desse aluno nas atividades diárias na escola.**”*

É possível identificar que, através das falas das professoras do aluno Arthur, a partir do transtorno de atenção, é evidente a decorrência das dificuldades de aprendizagem do aluno. A respeito do papel da escola quanto ao apoio aos alunos com déficit de atenção na escola, portanto, normalmente o aluno é acompanhado na escola pelo orientador educacional para poder estar fazendo esse papel. A professora efetiva diz:

“Na nossa, escola nós temos uma orientadora educacional, é uma pessoa assim que está disposta a resolver várias questões dessa função do orientador, agora em especial ao caso do aluno Arthur que tem déficit de atenção, ela se preocupa muito com esse aluno, sempre está acompanhando ele em conselho de classe, para dar as devidas orientações aos professores.”

A orientadora acompanha os professores com relação as suas atividades e os seus trabalhos. Até mesmo em questão de provas em que o aluno perde ou aulas de revisão pedidas ou provas de dependência. Contudo, a única forma efetiva de acompanhar pedagogicamente o aluno com déficit de atenção na escola se dá pelos projetos interdisciplinares desenvolvidos na escola, a aula integral, o apoio e o trabalho da orientadora educacional. Todavia, a visão da professora contrato sobre o apoio da escola, é: *“A nossa escola tem uma preocupação com esses alunos em termos de detectar o problema e buscar algumas soluções que possa facilitar o processo de aprendizagem desse aluno”*. Entre todas as falas, nota-se que os professores em estudo e todos os profissionais afirmam que a escola se preocupa com esses alunos, existindo algumas formas de ajudá-los. Mas, voltando a questionar sobre o acompanhamento, a

escola não oferece uma intervenção mais voltada especificamente para esse aluno com TDA.

Mesmo com essa falta, as professoras afirmam como deve ser realizado o trabalho pedagógico com o aluno com Déficit de Atenção. A professora efetiva menciona que se não houver um acompanhamento para esses alunos em questão, ela diz que esse aluno: *“vai ficar defasado dentro do ensino, dentro da serie que ele esteja fazendo se não houver um acompanhamento, porque o próprio nome já diz déficit de atenção, ele não consegue ter atenção total aos trabalhos dele, as atividades que ele tem que cumprir”*. Essa professora explicita a necessidade de um acompanhamento pedagógico para esse aluno com desatenção, e ainda explica que a necessidade dessa intenção surge a partir de suas incapacidades educativas em decorrência da sua falta de atenção, precisando assim de um ‘acompanhamento’. A professora efetiva, ainda afirma:

“O desenvolvimento de um aluno com Déficit de Atenção em uma sala tem que ter uma sequência minuciosa de atitudes e atividades propostas pelos professores de cada conteúdo. Às vezes a facilidade em um conteúdo, dificulta em outro ou outros.”

A professora efetiva entende o significado de Déficit de Atenção, sabe da importância de suas estratégias pedagógicas para a contribuição do desenvolvimento do aluno, ou seja, quando o professor provoca mudanças em suas aulas, e quando propõe, como ela mesma diz uma ‘*sequência minuciosa de atitudes e atividades*’ faz o aluno se interessar pela aula e aprender com sua aula, sem ao menos, desviar a sua atenção. A professora ainda reflete, que para superar esse transtorno o aluno: *“precisa de reforço sempre, diariamente, para o fortalecimento também da sua auto-estima. É possível tratar esse aluno com ajuda especial, que venha de fora, vai fortalecer esse aluno”*. Em suas palavras, fica evidente o quanto esses alunos com Déficit de Atenção precisam de uma ajuda extra-escolar, um acompanhamento pedagógico. A professora ainda acredita ser possível haver mudanças no aluno, desde que, consiga com a ajuda de alguém.

É importante mostrar a visão dos profissionais quanto ao TDA, compreender como sabem a respeito desse tema, e se já conheceram a partir de suas experiências com outros casos, para assim, entendermos e conhecermos melhor sobre o tema específico e podermos identificar e analisar, sobretudo, as particularidades do aluno em estudo. Portanto, o quadro abaixo apresenta uma síntese das diferentes opiniões dos profissionais acerca do TDA. Podemos organizar as informações em dois pontos

cruciais, na primeira linha (horizontal) é possível analisar o **nível de informação das profissionais a respeito do déficit de atenção** e na segunda linha, também de forma horizontal, estão **as experiências das profissionais a respeito deste tema**.

Quadro 4 – O TDA na perspectiva dos profissionais da educação

Orientadora Educacional	Professora Efetiva	Professora Contrato
<i>“teoricamente já sabia através de texto.”</i>	<i>“Eu sei sobre o déficit de atenção bem antes de ser professora, percebendo nas crianças e nas pessoas no dia-a-dia e depois observando os alunos na escola através do seu jeito e dos seus gestos”</i>	<i>“Aprendi por olhar e me preocupar com todos os alunos de uma forma que venha detectar o aluno com esse transtorno, observando as suas atitudes, a sua maneira de participar dos exercícios e a sua própria atenção diante do dia-a-dia”.</i>
<i>“Já vi a realidade na escola também a gente que tem muita experiência sabe que em toda a escola tem aluno com déficit de atenção.”</i>	<i>“Durante minha profissão eu já conheci alguns casos, muitos não, mas já conheci alguns”.</i>	<i>“Já conheci muitos casos, alunos que, por não conseguirem aprender como os outros querem aparecer diante da turma de uma forma ou de outra, atrás de chamar atenção”.</i>

(a) Nível de informação das profissionais a respeito do déficit de atenção

Analisando as três falas, sobre a sua informação sobre o Déficit de Atenção, percebemos o quanto a orientadora utilizou-se de instrumentos teórico, como a leitura de textos para poder se informar a respeito do tema TDA. No entanto, o trabalho da orientadora se difere do trabalho do professor, porém, as professoras convivem diretamente com os alunos e acabam se atentando por sua observação na sala de aula. As professoras então acabam tendo uma leitura de observação de comportamento dos alunos. Já a orientadora trabalha de forma indireta com esses alunos que apresentam Déficit de Atenção, somente, acaba orientando os pais e os alunos a respeito, portanto, quem realmente conhece e tem uma interpretação minuciosa de cada aluno é o professor. Por não estar em contato diário com os alunos nos afazeres da sala de aula, e pela especificidade do seu trabalho apoiado fortemente em teorias educacionais, a orientadora educacional tem um posicionamento mais teórico. Pode até conhecer as práticas que envolvem os processos de ensino-aprendizagem na sala de aula, mas não

chega a mencionar nada a respeito. Entretanto, demonstra estar informada a respeito das discussões e dos avanços teóricos sobre o assunto.

As professoras consideram ter aprendido sobre o Déficit de Atenção através de suas experiências, não chegaram a mencionar nenhuma preocupação quanto à uma formação teórica, não mencionam leituras. Aprenderam sobre a desatenção por ter tido ou ter visto um aluno assim. A professora efetiva considera que aprendeu a respeito do transtorno por observava as pessoas dentro e fora da escola, e a partir disso começou a notar também as atitudes dos alunos e como se comportam em sala de aula. A professora contrato menciona ter aprendido sobre o déficit quando percebeu em seus próprios alunos algo diferente, e que através disso passou a se preocupar e dar mais atenção a esses alunos.

Em torno das suas diferentes visões percebemos o quanto essas profissionais precisam estar se informando mais a respeito sobre esse transtorno, de forma em que, a postura do professor se volte totalmente para esse aluno, não somente como o mediador, mas aquele capaz de entender, compreender o aluno, e procurar acima tudo, estratégias pedagógicas diferenciadas para aplicar com esse aluno. Não basta somente entender do assunto, mas é preciso práticas efetivas que garantam as aprendizagens desses alunos. Os professores precisam se informar a respeito do problema para tomar medidas pedagógicas mais interessantes e, principalmente, que tenha significado para o aluno.

(b) As experiências das profissionais

Todas as profissionais afirmam ter conhecido algum aluno com Transtorno de Déficit de Atenção. Como a orientadora educacional lida muito com os problemas dos alunos de uma forma externa a sala de aula, a profissional costuma sempre saber pelos professores os problemas e as dificuldades dos alunos, de forma geral, acontecidos dentro da escola. Por isso, acaba lidando com essas realidades na medida em que são encaminhados esses alunos para atendimentos externos a escola, como havia anteriormente mencionado, e ainda dentro da escola com projetos interdisciplinares voltados para todos os alunos.

Nas falas das professoras, há características bastante diferentes sobre as suas experiências com algum aluno com DA. A professora efetiva afirma ter conhecido poucos alunos com esse tipo de déficit, mas apesar dessa professora ter conhecido poucos, talvez seja viável que ela tenha conhecido mais alunos com esse problema do

que ela mesma pensa. A professora contrato, de forma espontânea, reflete sobre suas falas mencionando ter conhecido muito alunos, e até mesmo já percebeu que alguns desses alunos já chamaram sua atenção nas suas aulas para também não se sentirem excluídos. Vemos que uma professora disse ter conhecido poucos alunos, e já a outra professora coloca ter conhecido e detectado muitos alunos. Muitos professores preocupados somente em oferecer sua aula, esquecem um pouco dos alunos, das suas características, da sua cultura, do seu convívio social e de outros requisitos advindos do aluno e com o aluno que são significados importantíssimos para o professor estar utilizando como forma pedagógica no contexto de sala de aula.

4.2.2. *Sobre o aluno Arthur*

A primeira observação notada no trabalho da orientadora educacional foi a falta de um atendimento e de uma parceira mais integrada com a escola para ajudar os alunos com déficit de Atenção. Aparentemente, somente os professores ajudam esses alunos com aula de reforço. O atendimento da orientadora com esses alunos, em função de suas demandas e da estrutura institucional, não permite uma exclusividade, pois acaba atendendo todos de uma forma geral sem conhecer os significados e as subjetividades de cada aluno. Seu trabalho com esses alunos em questão tem a ajuda somente dos professores e dos profissionais externos a escola.

Na escola convencional, os alunos com TDA são tratados como os outros alunos no sentido da orientação e avaliação das atividades e quanto às expectativas de aprendizagem. Em relação aos professores, alguns são mais flexíveis, outros não. Mas a relação entre os profissionais e alunos dessa escola parece saudável. As professoras e a orientadora conversam sempre nas reuniões sobre os alunos que precisam maior atenção.

Na visão delas, a relação desses alunos com os outros alunos é normal. Segundo a orientadora, nunca houve nenhuma queixa ou discriminação com esses alunos. Já a relação da família com esses alunos e com a sua participação na escola precisa de uma atenção maior. A orientadora questiona a postura familiar com esses alunos, colocando que: *“Varia, depende muito da estrutura familiar, por exemplo, a mãe do Arthur da toda uma atenção para ele, mas têm outros pais que não estão muitos preocupados não, e às vezes eu chamo e nem vem aqui”*. A orientadora percebe uma carência por parte dos pais de serem menos participativos com a escola, e menos preocupados com

as tarefas e trabalhos realizados pelo aluno, portanto, precisa-se de uma parceria mais conjunta da escola com a família e vice-versa. A falta de uma equipe mais conjunta dentro da escola, à falta de Psicólogo escolar ou psicopedagogo, e outros profissionais que podem ajudar estes alunos a progredirem e fazer as mediações com a família.

No caso da família de Arthur, a orientadora educacional menciona a participação ativa da mãe na vida escolar do aluno, sendo dessa forma, a outra base de sustentação para o progresso do aluno. A família, a escola, os professores, os acompanhamentos pedagógicos, outros instrumentos e os profissionais podem promover o sucesso desse aluno quando permitem ter todo esse apoio.

Para conhecermos melhor o aluno Arthur, as professoras descreveram sua personalidade como um garoto tranquilo, educado, respeitador, participativo em suas aulas, interessado, não tem vergonha quando quer falar, gostam dele porque não é um aluno mal educado e não dá trabalho para as professoras em sala de aula, se esta conversando, as professoras pedem para o aluno ficar quieto e ele acaba ficando, porém, às vezes fica um pouco nervoso, ansioso e algumas vezes não consegue parar de conversar, contudo, quando seus colegas estão perto chama a sua atenção.

Quando se trata do relacionamento do aluno Arthur com as professoras, a professora F. (efetiva) diz ter um bom relacionamento com o aluno, ou seja, para ela é uma relação de confiança e que o aluno se sente apoiado com os professores. Ainda afirma que a escola o apoia na medida do possível e menciona que sua relação com o aluno é uma relação de confiança e segurança. A professora F. coloca que nem todos os professores têm uma relação de confiança com o aluno, afirmando: *“não com todos os professores, mas a maioria dos professores é uma relação de confiança. Porque muitos, sabendo do problema dele, dão atenção para ele, e escutam ele na medida do possível é feito isso lá”* (professora F.) . Sobre a colocação dessa professora existem professores que até sabem a respeito do problema do aluno, mas despendem esforços para ajudá-lo. Há outros professores que sabem que o aluno tem dificuldade de aprendizagem, mas não procuram saber o porquê desta dificuldade, compreender o que está ocasionando esta dificuldade no aluno. Fingem enxergar a realidade colocando culpa no aluno, como sendo o preguiçoso, desatento, e o desleixado; ou até mesmo culpam a família de não estarem dando apoio pedagógico em casa sem ao menos ter tido um olhar mais atencioso para aquele aluno. Por outro lado, segundo a professora A.(contrato) o aluno Arthur gosta e participa de sua matéria, e a respeita.

Na perspectiva das professoras, a relação família de Arthur com a escola é uma relação boa, porém, a mãe é participativa. Vindo a escola, aparecendo no Serviço de Orientação Educacional para falar com a orientadora educacional e com as professoras. A mãe de Arthur se preocupa com seus trabalhos, deveres de casa, e as provas. Por outro lado, a participação dela não se concretiza no progresso dele na escola. Parece que não há incentivo e ajuda efetiva nas tarefas e nos estudos por parte da família. Portanto, por mais que a mãe esteja presente na escola, em casa deve haver ajuda e um retorno quanto as suas tarefas de casa, provas, e ajudando nos estudos. É possível que a família na figura da mãe ou de outro familiar, não saiba como auxiliar Arthur em suas demandas escolares, por não ter uma formação para isso. Não adianta, somente, a escola se atender as suas necessidades pedagógicas do aluno, mas a família deve ajudá-lo neste processo.

O ponto de vista da professora A. diante da postura da família em relação ao transtorno e de suas limitações menciona que:

“Tenho pedido para a mãe dele agora nesse finalzinho de semestre: ‘Olha, ele tem que fazer trabalho tal, traga ele dia tal, tira cópia do material, preste atenção e acompanha ele para ver se ele está fazendo as atividades’. Eu tenho tido esse contado com a mãe, essa comunicação”.

Dessa forma, a professora A. se atenta para que a mãe de Arthur tenha também tenha um olhar mais pedagógico sobre o aluno, que o ajude nas atividades diárias da escola. Porém, mesmo com essa orientação, não há um apoio pedagógico que o auxilie. Em suma, as professoras afirmam que sempre tem o contato com os pais, mas da mesma forma deve ser a família, no caso a mãe de Arthur, sempre mantém contato com a escola.

Quando as professoras abordam sobre a relação do aluno Arthur com os colegas de sala de aula, falaram que no começo do ano o aluno sofria muito com os colegas de sala, que ficavam rindo dele e brincando com ele. Com o passar do tempo e depois das professoras terem conversado muito com os outros alunos e com o próprio Arthur, elas perceberam que as relações melhoraram e que há mais respeito. A professora F. contou que: *“O Arthur não podia participar que eles riam, mas a partir desse momento comecei a dar **crédito para o Arthur, sempre que ele participava das aulas eu o parabenizava. Então os alunos viram que ele tinha potencial**”.* A partir da atitude

positiva dessa professora, os alunos deram mais sentido ao aluno, respeitando-o, dando assim mais coragem e iniciativa para o aluno participar de suas aulas.

Ao longo dos bimestres, as professoras colocaram que a amizade de Arthur com os seus colegas começaram a ficar melhores, mas disseram que quando ele colocava a sua sugestão às vezes ele era ignorado. A professora A. relatou que o aluno mudou um pouco no quarto bimestre, notou que o aluno estava desinteressado, e atrapalhava bastante a aula. No ponto de vista dessa professora, isso aconteceu porque o aluno foi mudado de lugar, e o aparecimento de outros colegas por perto, o seu comportamento passou a mudar e concorreu para a sua inquietação no processo de aprendizagem.

Em virtude das considerações e opiniões das professoras, o aluno Arthur, não tem nenhum problema de comunicação e nem outros problemas múltiplos com os colegas. Afirmam que o problema dele é mesmo na falta de atenção e concentração. A Professora F. explicita que:

*“Ele não tem nenhum problema físico não, ele tem mesmo é esse **Déficit de atenção**, e esse Déficit no caso dele vem acompanhado por uma falta de defesa dele, ele não consegue se defender muito das suas questões; acho ele às vezes um pouco ingênuo, **ele não tem maldade é porque ele esquece mesmo**, ele chega e fala: ‘ Professora não fiz.’ Mas, a impressão que eu tenho que ele esqueceu mesmo, não é aquele menino que lembrou e não fez porque não quis, ele acaba esquecendo, **ele precisa de alguém para estar empurrando-o ele e dá um norte a ele**, e é claro né associado a uma preguiça que normalmente os meninos da idade dele tem, ele acaba não fazendo as atividades.”*

Ela reconhece a dimensão desenvolvimental da desmotivação da transição para adolescência, em que há uma ligeira desmotivação para com o trabalho escolar. Por outro lado, deve-se notar que às vezes não significa que o aluno tenha preguiça de fazer os exercícios, mas para um aluno TDA o trabalho escolar demanda muito mais esforço e concentração. Como Arthur aparentemente não desenvolveu recursos de aprendizagem que canalize sua atenção acaba não fazendo as atividades e trabalhos e se sentindo cada vez mais desmotivado em querer aprender.

As professoras acrescentam que o Arthur conversa “normalmente” e se comunica bem com os outros alunos. Na hora da apresentação de trabalhos percebem que ele fica nervoso. Arthur fica nervoso quando falam com ele, quando perguntam algo em relação ao conteúdo, ele fica confuso e não sabe bem o que responder. No entanto, a professora A. reflete ao dizer: *“sempre converso com os meninos quando ele vai ao banheiro, para que eles não atrapalhem o Arthur na sala, deixá-lo quieto é fundamental e ajudá-lo nas atividades”*. Portanto, as professoras têm uma preocupação em mostrar

aos outros alunos a importância de deixar o Arthur fazendo as atividades de forma em que não o atrapalhe com conversas e nem que o deixe nervoso em relação a sua apresentação de trabalhos.

Sobre o comportamento de Arthur em sala de aula, o mesmo se mostra quieto, somente quando conversa com os alunos que acaba incomodando na aula, mas se conversar com ele que pare de conversar, o aluno é obediente. A professora efetiva menciona a respeito do comportamento de Arthur quanto a suas amizades de escola, questionando seu comportamento quando os outros alunos ficam fazendo brincadeiras que não lhe agrada, a professora diz: *“O problema é assim às vezes quando os meninos mexem com ele e ele revida, e acaba desenvolvendo algumas discussões com os colegas, já vi o Arthur chorando”*. Dessa forma, o aluno fica nervoso, triste, e acaba discutindo com seus colegas, somente, quando os outros alunos ‘mexem’ com Arthur. A professora contraria fala do comportamento do Arthur de uma forma peculiar, mostrando ser um menino calmo, participativo e que gosta muito de ciências naturais, na sua aula tem um relacionamento muito tranquilo com o aluno.

A professora F. explica que em sala de aula o Arthur não é tratado diferente por sua falta de atenção na escola. Ele não tem um lugar específico, e não tem uma sala especial, pois é um aluno que é tratado como qualquer outro. Afirma que:

*“Agora a única coisa que difere aí no caso, é a atenção do professor. O professor tem que estar atento pela questão do Arthur porque ele tem o Déficit de Atenção, porque o professor tem que ter **sensibilidade ao tratar das atividades extras com o Arthur** ou até mesmo das atividades da sala de aula, onde o professor tem que **mostrar que está interessado pelo aluno**, que estar **interessado que o aluno progrida que o aluno cresça**, e aí o aluno vai se **sentir valorizado e vai sentir que o professor está percebendo a presença dele** e que está querendo que ele cresça e que a partir disso ele pode vir a melhorar, e **pode vir a ter uma auto-estima e a partir melhorar todo seu problema**”*.

Mesmo com as adaptações fora de sala de aula, a adaptação precisa começar principalmente dentro da sala de aula, porém, uma será complemento da outra. Começar dentro da sala de aula significa que o professor deve olhar para esse aluno de forma em que consiga intervir pedagogicamente no seu processo. Em virtude das falas da professora F. acaba afirmando o que foi tratado anteriormente sobre a importância da interação professor-aluno. Todavia, justifica essa importância de: *“mostrar que está interessado pelo aluno”* (professora F.). Portanto, o professor tendo esse interesse pelo

aluno favorecerá seu aprendizado e conseqüentemente sua autoestima como descreve a professora.

Já a outra professora A. a contrato a adaptação do aluno se configura na sala, quando orienta o aluno. Diz que “*ensina com atividades diferenciadas e mais concentradas em relação à explicação, e exercícios.*”, mas não expõe que atividades diferenciadas para com o aluno. Notando entre suas falas da orientadora e das professoras não há uma adaptação mais individual para o sujeito em aprendizado, não consiste em ter uma sala pedagógica que explore todos os recursos com os alunos com esse déficit, para assim, fazer um acompanhamento pedagógico diferenciado.

Para entendermos realmente como é o Arthur em função desse transtorno, na tabela abaixo mostra em um quadro comparativo, a opiniões das profissionais sobre: como o Arthur é ‘diferente dos demais’ na escola.

Quadro 5 – O aluno Arthur na perspectiva dos profissionais da educação

Orientadora Educacional	Professora Efetiva	Professora Contrato
<i>“É diferente, porque é um pouco lento, quando não consegue seguir o ritmo da turma os professores os ajudam. Mandam reforço. O desenvolvimento do aluno está se dando pelo conjunto de todos que os ajudam, sala de aula e o integral”.</i>	<i>“Está dentro da Deficiência dele, ele tem Déficit de Atenção, então ele tem problema de concentração ele lê dez vezes para poder entender”.</i>	<i>“Ele se torna diferente dos demais por ter esse transtorno que faz o professor dar uma tripla atenção e um reforço não só do conteúdo para aprendizagem, mas em termos da sua auto-estima, o professor precisa passar a confiança e segurança com seu aluno de uma forma simples, mas dinâmicas, que traga tudo que esse aluno tem de bom para prosseguir nos estudos.”</i>

A orientadora educacional sinaliza que Arthur é lento na realização das atividades e que tem a ajuda do professor somente quando sente a necessidade do aluno progredir. Ou seja, quando sente que o aluno está fraco na disciplina em relação aos outros alunos ou a turma. Mas de certa forma, explicita que todos o ajudam em suas possibilidades tanto em sala de aula como no horário integral, e também no horário contrário, em que o aluno recebe reforço escolar. Resumindo, o Arthur acaba sendo diferente dos demais na visão da orientadora quando sua dificuldade de aprendizagem

se torna visível, e com isso os professores e os profissionais da escola precisam tomar medidas mais concretas.

A professora efetiva diz que o TDA está dentro do aluno, que ele se esforça muito para entender algo quando lê, e fica disperso na realização da leitura, o que impede que acaba se tornando diferente dos demais. Por outro lado, a professora contraria reflete mais a fundo colocando que Arthur é realmente diferente dos outros alunos por ter seu transtorno aliado a sua dificuldade de prestar atenção e a sua dificuldade de aprendizagem. Sendo o professor o principal agente para promover essas mudanças, de maneira em que consiga valorizar no aluno a sua *confiança*, *autoestima*, e *segurança*. Contudo, ainda menciona que para ter realmente mais sentido e significado para o aluno, o professor precisa ousar. Propor mudanças pedagógicas no sentido que colabore com o gosto do aluno, no entanto, quando a aula é prazerosa, e quando o aluno gosta da aula do professor, significados serão atribuídos no aluno para se esforçar em querer aprender.

Como vimos na abordagem teórica dos capítulos estudados, o aluno consegue adquirir interesse e motivação em aprender quando os professores ou o agente externo promovem estratégias que colaborem para o aprendizado do aluno, em que estas estratégias sejam meramente significativas e úteis para esse sujeito. Ao constituir-se no aluno essa aprendizagem significativa e essa motivação, conseqüentemente, se constroem aspectos intrínsecos de confiança e auto-estima para poder realizar outras atividades, promovendo assim a sua motivação em aprender outros conhecimentos. Portanto, as profissionais deixam claro que a ajuda do outro para esse aluno com Déficit de Atenção é de extrema importância, visto que, com o apoio de alguém irá não só ensinar o aluno em termos de conteúdos em conjunto com as suas estratégias pedagógicas voltadas para esse aluno, como também possibilita a valorizar seus aspectos intrapsicológico aliado ao desenvolvimento das suas capacidades e qualidades intrínsecas.

4.2.3 *Sobre o desenvolvimento escolar do aluno Arthur*

Em relação ao desenvolvimento escolar de Arthur, a orientadora educacional acha que deveria ser feito na escola como um todo para garantir a aprendizagem desse aluno e o sucesso acadêmico dele seria:

*“Não tenho a intenção de trabalhar com esses alunos, e acho que **deveria ser um trabalho com uma equipe, e não individualizado**. Se não tiver plano de saúde estar omissa a isso, e se tiver eu preciso do plano de saúde para estar mandando para a rede social, para que eles possam dar o atendimento. **Acompanho esses alunos de uma forma normal. Precisaria de uma equipe diagnóstica.**”*

A Orientadora Educacional não é favorável ao trabalho individualizado, mas acredita que o trabalho realizado por uma equipe seria a melhor forma de acompanhamento para esse aluno. Sinaliza que as redes sociais são uma boa alternativa, mas parece não ser efetiva. Todavia, não detalha qual seria a diferença entre o trabalho pedagógico individualizado e o realizado pela equipe. E ainda conclui afirmando:

*“Com certeza, essa falta se dá porque não tem **profissionais**, e assim eu vejo na reunião de rede social eles falam que só tem equipe de apoio de profissionais nas escolas classes e quando chega no ensino fundamental não existe **um profissional para fazer um acompanhamento para essas crianças**, e a criança que se tem que encaminhar para as redes sociais, e quando ela chega lá é uma fila de duzentos, então há uma **deficiência por parte das políticas públicas**, e tem sistemas que **esquece que aquele aluno vai continuar com Déficit de Atenção por um bom tempo na vida deles**”.*

Quando o aluno sai da fase ‘classe’ para o ensino ‘fundamental’ é uma transição na qual os profissionais e os governantes devem se atender quanto aos alunos com dificuldade de aprendizagem. A orientadora identifica a urgência e a importância de um trabalho e um apoio específico para esse aluno, mas enfatiza que o sistema não apresenta soluções eficientes na prática. Seu discurso sugere que o sistema trata de forma diferenciada os dois segmentos do Ensino Fundamental, privilegiando os anos iniciais. Embora haja medidas para esse trabalho, as mesmas não são efetivas, nem suficientes, muito menos eficientes e o sistema *“esquece de que aquele aluno vai continuar com TDA por um bom tempo na vida deles”* (orientadora educacional). Muitas vezes essa falha, e essa ausência de um acompanhamento pedagógico voltado para o aluno, constrói na escola, e na sala de aula o costume inadequado de um ensino e de um atendimento caótico voltado para a aquela prática mais tradicionalista, ou seja, aquela em que eu ensino e você aprende, portanto, ocasiona e possibilita a exclusão desse aluno em aprender e ser valorizado como os outros alunos.

Conforme, a orientadora educacional, o aluno se adapta dentro de sala de aula como fora de sala. A interação de Arthur com os colegas e com a escola em geral facilita essa adaptação, ele não fica isolado, e não acaba tendo essa dificuldade de adaptação na escola. Mesmo com toda essa ausência de atendimento em geral por parte de profissionais fora e dentro da escola, e de uma estrutura que atenda esses alunos; a

orientadora educacional acredita que o aluno Arthur possa se desenvolver e que aos poucos ele está conseguindo caminhar, comentando: *“aqui especificamente na escola acredito que ele desenvolva, eu acho assim, pelo menos perceber que ele avança que ele está caminhando, que está progredindo, acredito que sim, eu acho que sim”*, mas infelizmente a orientadora não menciona o porquê desse desenvolvimento do aluno. Mesmo com essa falta de recursos, podemos concluir que o papel do professor pode estar fazendo efeito, já que a afirmação da orientadora afirma que o aluno está progredindo. Mas de fato, entre muitas falas das professoras esse aluno precisa de ajuda, portanto, nas notas de prova e trabalhos, e notas finais bimestrais, mostram o quanto o aluno precisa de um acompanhamento pedagógico ligado a recursos mais estratégicos para efetivar a sua aprendizagem.

Existe, em cada sala de aula, um(a) professor(a) conselheiro(a), então a professora conselheira escolhida pela turma de Arthur, está voltada diretamente para esses problemas do Arthur. A partir do momento que essa professora conselheira detecta algum problema, e ou quando é avisada desse problema do Arthur, adotam alguns procedimentos que a conselheira toma a cada final de um bimestre, a cada final de um conselho de classe, portanto, costuma chamar individualmente cada professor e conversar sobre essa deficiência ou suas dificuldades que o aluno apresenta. No entanto, essa conselheira da turma de Arthur chamou a Professora F.(efetiva) e falou a ela algo que o aluno tinha reprovado e perguntou quais os procedimentos que a professora tinha utilizado em sala de aula para o desenvolvimento do Arthur. Dessa forma, para a Professora F. foi importante porque através da conversa que teve com a conselheira ela pode mudar alguns procedimentos especialmente com o Arthur, disse:

*“ao invés de ser só questão de múltipla escolha e 30% para responder eu resolvi alterar algumas questões, ou seja, **70% destas questões ser um pouco mais fáceis, de verdadeiro ou falso**, não só fazer de múltipla escolha, ou seja, as de múltiplas escolhas reconhece que é um pouco mais difícil inclusive não atenderia tanto um aluno de 6ª série, uma vez que, o aluno de 6ª série é considerado aquele aluno que ainda está construindo seu conhecimento”*

A linha de planejamento que esta professora construiu não seja é eficiente para o Arthur, uma vez que, o aluno não irá realmente aprender o conteúdo, e sim decorar ou “chutar” as questões, tornando inviável o seu desenvolvimento em relação a sua aprendizagem nessa disciplina. Muitos métodos e procedimentos que são usados pelo professor em sala de aula não são recursos suficientes para desenvolver o potencial do

aluno, pode até desenvolver em outros alunos, mas esse especificamente com Déficit de Atenção, se torna ineficaz esse procedimento. As provas de cunho tanto discursivo quanto de múltipla na escola podem ser um recurso insubstituível e prazeroso quando se utiliza de procedimentos mais voltados para o gosto do aluno e para a realidade que o mesmo se insere.

Como Arthur mencionou anteriormente, o fato de ser “chato” fazer provas de ‘escrever’, quando não é atribuído significados nesse aluno. Todavia, se o professor passa a explorar mais as características disciplinares aliados na valorização multidimensional o aluno passaria a se interessar e a se motivar em estudar para as provas. Quando a aula ou o exercício se torna ‘chato’ para o aluno, ele acaba se desinteressando em aprender o conteúdo, e a realizar as tarefas, os trabalhos e as provas, sentindo-se assim, desmotivado. A professora F. ainda justifica o porquê desse procedimento, colocando que:

“então o ideal é que houvesse uma certa facilitação ao descrever sua prova, e fazer uma prova não para diminuir seu estudo, mas sim para aproveitar seu estudo que, às vezes o aluno estuda mais as vezes para acertar uma questão valendo um ponto tem que acertar todos os itens se ele errar um item ele erra a questão, isto significa que a gente não aproveitou o restante daquilo que ele sabia. Então pensando nisso eu resolvi mudar algumas questão exatamente pensando no caso do Arthur coisa que mudou para alguns alunos.”

Não é facilitar o estudo que o aluno aprende, é através dos recursos mediáticos e interdisciplinares que faz com que o aluno aprenda. Futuramente outras situações de ensino e aprendizagem de outros educadores não facilitarão a prova para esse aluno, ocasionando posteriormente ainda mais o seu fracasso escolar e suas dificuldades de aprendizagem. O professor não deve abrir mão de explorar todos os seus recursos pedagógicos para ajudar em suas dificuldades e não “facilitando”. O ideal para o aluno com dificuldade de aprendizagem não é tornar provas e trabalhos fáceis, mas fazer com que suas atividades escolares sejam prazerosas. No entanto, a professora F. (efetiva), ainda reflete dizendo sobre sua facilitação: *“pensando nisso eu resolvi mudar algumas questões exatamente pensando no caso do Arthur coisa que mudou para alguns alunos”* (Professora F.). Ou seja, a professora F. mudou estrategicamente seu planejamento da prova por causa do aluno Arthur, esquecendo os demais alunos, deixando de afirmar que tipo de coisas são essas que ‘mudarão nos outros alunos’.

No início no primeiro bimestre, a professora F. conta que não tinha sido informada sobre o problema do Arthur, e somente no segundo bimestre é que foi passada a informação para todos os professores sobre a situação de Arthur. Sua justificativa para a sua não atenção em relação ao aluno, se deu em que acredita que o Arthur era aluno novo na escola e só depois no segundo bimestre que a orientadora recebeu o laudo médico dele. No segundo bimestre, os professores vieram perceber a dificuldade de Arthur, principalmente com a não entrega de um trabalho de geografia, a professora F, menciona a respeito disso, falando: *“eu acabei fechando a nota dele e ele ficou com zero, e eu também como professora não tinha percebido essa defasagem dele, onde eu poderia ter dado uma nova chance para ele”*, contudo, a professora reconhece o quanto não prestou atenção sobre esse aluno, dando uma nova oportunidade, continuando entre suas falas:

*“mas, já no terceiro bimestre já sabendo de toda a realidade deste aluno eu **me preocupei em ter procedimentos diferentes a respeito deste aluno**, me preocupei em estar mais próximo dele, me preocupei em **explicar a matéria e perguntando se ele estava entendendo**, sempre que eu passava a atividade **perguntando se ele estava fazendo em casa**, perguntei para ele se ele estava fazendo os trabalhos e se **tinha dúvida de fazer o trabalho**, o trabalho dele que foi em dupla junto com colega eu dei mais de uma chance para ele, e o trabalho era um trabalho escrito um trabalho com índice, introdução, desenvolvimento, conclusão, e bibliografia; e percebi que sempre estava faltando alguma coisa a partir daí eu tive a chance de estar com ele e de ensiná-lo mais uma vez sobre como fazer um trabalho escrito e principalmente resumir, e por isso tive que dar mais ou menos de duas a três chances, e só assim recolhi o trabalho.*

A medida ou procedimento, em que, a professora F. reconhece o quanto esse aluno precisa de um incentivo. Aborda vários procedimentos positivos feito com esse aluno. Procedimentos estes, com o intuito de dar atenção exclusiva para o Arthur. Dar novas chances para esse aluno, é mostrar ao aluno que ele também tem competências para conseguir realizar e concluir suas tarefas a partir dos procedimentos eficazes que são adotados pelo professor. Perguntar ao aluno se *tem* dúvidas, se *está* ou *fez* os trabalhos e os exercícios é uma maneira de interagir e chamar a atenção do aluno para acompanhar a turma e a aula, e principalmente quando a professora F. fala: *“me preocupei em estar mais próximo dele”*, no entanto, não só a intervenção deve ser eficaz, mas ter interação do aluno com a professora e da professora com o aluno.

A paciência que a professora teve de compreender o tempo do aluno, sobre a entrega do trabalho, foi excelente, pelo fato de ser um aluno novo na escola e por não

ter conhecido completamente antes o aluno, em sua falta de atenção e em suas dificuldades de aprendizagem. É claro, em toda escola tem um prazo para entrega de trabalhos e provas, mas quando você conhece o aluno e suas características, o aluno também vai reconhecer e entender aprendendo a ser responsável pelos domínios e recursos estratégicos do professor. Um aluno com Déficit de Atenção precisa ser entendido, a partir desse entendimento do professor, deve promover um ensino conforme as suas maneiras estratégicas de atuar.

A professora F. (efetiva) especifica em relação a isso que o trabalho pedagógico desenvolvido com este aluno é de estar mais atento em relação ao aluno, de estar conversando com ele e de estar chamando a mãe e o pai para estar vendo estas questões.

Contudo, ainda em relação ao trabalho pedagógico desenvolvido com o aluno Arthur a professora A. (contrato), explicita: *“O trabalho pedagógico consiste nos professores estarem sempre atentos, reforço escolar, pais e escola em comunicação, a orientação escolar ligada ao aluno”*, porém, a professora A. não menciona os aspectos relevantes de seu trabalho, mas resume e afirma de maneira geral como é os trabalhos dos professores com esse aluno. Em suma, reflete que todos dão atenção e que a escola oferece apoios de reforço escolar.

Sobre a aprendizagem do aluno Arthur a Professora F. afirma que a aprendizagem do aluno é diferente da aprendizagem dos outros alunos por ter o Déficit de Atenção, no entanto, pelas falas das professoras esse transtorno acaba atingindo e refletindo na aprendizagem do aluno. Logo depois, ainda menciona uma conversa que teve com Arthur, confirmando:

*“Arthur ficou mais estimulado, eu disse a ele que **acreditava no potencial dele** era só **ele prestar atenção** participar das aulas, fazer a leitura, tentar interpretar parágrafos que ele iria conseguir, e assim foi feito, e aí quando ele consegue interpretar na minha aula ele costuma comemorar muito porque ele participou então ele diz: ‘professora eu participei’, então eu já acho que ele consegue superar **a partir dessa vontade que ele tem de aprender**”.*

As relações interpessoais, e as interações sociais entre professor e aluno visto anteriormente nas falas, dão qualidades subjetivas e motivacionais para o aluno, assim refletindo na sua auto-estima, nas suas auto-concepções, e na sua valorização ativa das pequenas conquistas. Por mais dificultoso que seja trabalhar com o aluno com Déficit de Atenção, essa professora passou a acreditar no aluno, de forma que, passou a conversar e dar mais atenção para o aluno. Dessa maneira, o aluno passou a progredir e

estar mais ativo quanto à realização das suas atividades e tarefas. Quando o aluno é chamado à atenção na aula a realizar os deveres, ou quando é pressionado para concluí-lo, o aluno com esse distúrbio de atenção, não sentirá a menor vontade em realizá-los ou estarão desmotivados com a aula e a desenvolver a atividade e principalmente a sua aprendizagem.

No entanto, conforme a autora SILVA (2003) expressada no capítulo sobre o Déficit de Atenção, anteriormente estudado, questiona alguns itens sobre as crianças com distração, formulando que: “A criança DDA tem a atenção tão dispersa que qualquer estímulo, um barulho, um movimento, a impede de concentra-se em alguma tarefa por muito tempo. Principalmente se a tarefa **for obrigatória e não despertar nenhum interesse especial.**” (p.54), nessa linha de afirmação podemos concluir que a ‘não’ aprendizagem do aluno se dá mediante ao não contentamento de procedimentos atrelados a falta de atenção e de intervenção construídas por parte dos educadores, impondo aos alunos a devida exigência na realização de um algum instrumento de aprendizagem.

Contudo, essa professora ainda na sua citação anterior, reflete dizendo: “*eu disse a ele que **acreditava no potencial dele***”, porém, a professora motivando o aluno em querer aprender mudou através de algumas de suas atitudes dando mais atenção ao aluno, acabou que o aluno comemorou o seu acerto. E por ultimo ela ainda diz “*ele consegue superar a partir dessa vontade que ele tem de aprender*”, mas ela mesma cometeu o erro dizendo isso porque o aluno só teve vontade de aprender porque ela o motivou, ou seja, foi como ela mesma disse: ‘acreditou no seu potencial’, acreditou nele. Por outro lado, ainda a respeito disso, a professora A. (contrato) transpõe essas idéias afirmando: “*Aprendizagem dele tem a carência da concentração, de conseguir prestar atenção*”, afirma a necessidade de uma aprendizagem que exija mais a atenção e sua concentração por parte do aluno. Portanto, não basta haver mudanças a partir do aluno, porém, o aluno com Déficit de atenção e ainda com dificuldade de aprendizagem só irá conseguir com a ajuda de alguém, esse apoio deve vir do educador passando atividades, precisa-se incentivá-lo, interagi-lo com a aula e motivá-lo, criando e construindo a partir de estratégias que propicie seu aprendizado.

Sobre o rendimento de Arthur nas tarefas e trabalhos de sala e de casa, e nas provas a Professora efetiva comenta que as atividades de sala de aula são normais. As atividades são iguais quando as dos outros alunos de sala de aula; a diferença é que a professora vai até a mesa de Arthur e confere se ele esta fazendo as atividades, ou os

deveres de casa. A professora confere os exercícios para ver se ele realmente fez, porém, normalmente Arthur não faz e só acaba fazendo depois de certo tempo. Com relação às provas a professora F., diz novamente:

*“tentei **facilitar as provas** do terceiro bimestre que inclusive ele conseguiu tirar uma nota valendo 5 ele tirou 2,8 em virtude de ter facilitado a prova, e o trabalho como já falei eu **fiz uma espécie de recuperação processual dentro de um mesmo trabalho**, ou seja, não aceitando aquele trabalho que estava incompleto e dando **novas oportunidades** para que ele desse qualidade ao seu trabalho.”*

Por mais que a professora tenha ‘facilitado’ a prova para o aluno, também não significa que o aluno tenha aprendido. Arthur acabou tirando um pouco mais da metade da prova! Assim sendo, devemos nos perguntar: Será que esse aluno efetivamente aprendeu o conteúdo? Talvez não seja a maneira correta de facilitar as provas, para explorar aprendizagem no aluno, através de estratégias pedagógicas. Por outro lado, quando a professora oferece ao aluno a oportunidade de fazer de novo o trabalho, ela está criando novas possibilidades e mostrando que acredita nele e que ele consegue.

Em relação a realização de suas tarefas, a professora F.(efetiva) menciona que Arthur deixa de fazer algumas tarefas, mas consegue fazer outras. Com relação ao caderno de Arthur, ele faz em torno de 60% das atividades, aproximadamente, dependendo de cada matéria a professora ainda diz: *“**Por exemplo, matemática ele não tem dificuldade de matemática então matemática é outra realidade**, já em Geografia e História, ele já apresenta mais dificuldades, ele acaba deixando de realizar algumas dificuldades”*. Contudo, a Professora A.(contrato) aborda ainda, sobre as tarefas, que o aluno consegue realizá-la as tarefas de matemática, e seu rendimento é bom quando são essas tarefas mas somente quando ela diz: *“**quando estamos praticamente totalmente voltados para ele**, nas provas o rendimento na minha matéria é insatisfatório, principalmente nos últimos bimestres”*. As professoras deixam claro que o aluno se envolve e faz as tarefas, quando são tarefas que fazem parte do mundo dele e quando gosta. Quando são atividades em que ele não gosta de fazer, por que acha difícil. Uma professora coloca que o aluno não faz muito as suas tarefas, porque não gosta de geografia; por outro lado, a professora A. afirma que o aluno só aprende quando os exercícios ou as tarefas é voltadas para Arthur, ou seja, quando são atividades prazerosas.

Mediante o trabalho realizado com esse aluno aqui na escola, as dificuldades que a professora F. (efetiva) encontra é que o Arthur tem muita dificuldade na escrita,

coloca que ele comete vários erros de português e deveria ter um caderno de caligrafia, porque quando a professora lê o trabalho, a escrita de Arthur, sente muita dificuldade para conseguir ler a letra dele. Acaba deduzindo o que o aluno escreve, pois a professora contrato ainda encontra dificuldades quando Arthur faz o trabalho escrito:

*“ele tem dificuldade de fazer um trabalho escrito mesmo a gente falando: ‘ Olha é dessa forma que tem que ser feita.’ Mas quando deixa ele **fazer sozinho, quando pego o trabalho pra ver, vejo que ele não seguiu a linha de raciocínio.***

Dessa forma, Silva (2003) explica o porquê do aluno com DDA não ter um desempenho satisfatório, isso acontece por que: “A instabilidade de atenção é a causa desse sobe-e-desce no desempenho” (p.62), portanto, esse desvio ou essa instabilidade como a autora aborda é o motivo que leva o aluno não prestar a atenção na aula, no entanto, o professor deve propor medidas para essa instabilidade. Todavia, a professora afirma que sozinho o aluno não consegue realizar os trabalhos. A partir de seu déficit de atenção é muito provável que um aluno com esse distúrbio não conseguirá aprender sozinho sem a ajuda de alguém para assim reverter esse desequilíbrio de atenção e adquirir a aprendizagem. A professora contrato ainda relembra um momento com o aluno sobre o trabalho de dependência no final do bimestre, explicando:

“Ele não seguiu o raciocínio. Ele colocou a conclusão antes, e o índice que era para ele fazer abordando vários tópicos colocando as páginas ao lado, não colocou, ele colocou vários números escreveu como se fosse um introdução, ele confundiu o índice com uma introdução,

É natural que, quando um aluno não compreende o que o professor diz, acaba fazendo tudo errado. E quando se trata de um aluno que desvia a sua atenção para qualquer canto, isso é fato que ele também não irá prestar a atenção e possivelmente terá dificuldade na realização de um trabalho. Fará de acordo com o seu ponto de vista, como ele entendeu. De forma errada o seu “raciocínio”, aluno não foi seguiu corretamente como a professora mesma disse, e mesmo a professora explicando ao aluno várias vezes, ele não vai compreender, porém, o aluno não está envolvido, e por que esses significados que são dados pelo professor não faz ou não está fazendo parte de sua subjetividade.

No entanto, a professora menciona que a parte de conclusão do trabalho que foi explicado, o aluno conseguiu entender, dizendo: *“Já a conclusão ele **conseguiu entender: o que é uma conclusão. Apesar, de que ele escreveu um pouquinho, mas***

dentro do pequeno parágrafo que ele escreveu ele conseguiu passar o pouco que ele aprendeu do trabalho". O ponto de vista da professora, em reconhecer e valorizar o que o aluno fez é o que torna a valorização também do sujeito em desenvolvimento. Não criticando, mas reconhecendo o que o aluno fez. Mesmo que tenha se confundido sobre a introdução e o índice, o aluno entendeu o que é uma conclusão, portanto, é a partir desses significados que o aluno estabelece e desenvolve, e que o professor deve valorizar. Ainda nessas considerações da professora contrato, menciona sobre as dificuldades enfrentadas pelo aluno é que, nem sempre ele traz os deveres e ele fala: *"Ai professora! Só fiz um pouco de dever não fiz todos os deveres"*. Através disso a professora contrato ainda reflete: *"Para ser salvo de compreensão da parte dele, pois ele fica um pouco desatento, e a gente tem que ter a sensibilidade dele, de perceber se ele está acompanhando a aula mesmo, se ele está entendendo"*. A professora coloca que, por mais que ele tenha muitas dificuldades, e faz confusões, não seguindo um raciocínio, a mesma reconhece a importância do professor de estar prestando a atenção com esse aluno, notando se realmente ele está prestando a atenção na aula e se ele está compreendendo a aula. No qual, ainda menciona que é preciso compreender o aluno, reconhecer o sujeito e seus significados. Reconhece que ele é desatento e por isso, deve ter "a sensibilidade" de conhecer esse aluno e sua subjetividade.

Por outro lado, a professor A. (contrato), propõe que a dificuldade maior no aluno é a ajuda da família em casa, para estar ajudando nos exercícios e estudos de casa, dizendo: *"A dificuldade maior é que poderia ter ajuda da família, mais ela fica um pouco omissa, uma ajuda de fora poderia ser muito útil"*. A mãe de Arthur é muito ativa em querer saber sobre o desenvolvimento do seu filho na escola e de estar sempre conversando com os profissionais da escola. Mas a professora se queixa que às vezes a família não incentiva e não ajuda o Arthur na realização de seus deveres e atividades, e a estudar em casa. Em virtude disso, a professora F. (efetiva) aborda novamente algumas estratégias de aprendizagem mais eficazes com esse aluno em especial, em seu ponto de vista. Suas estratégias é fazer com que o aluno participe nas suas aulas e tenha a interação com o aluno, porém, pedi ao aluno: *"Eu peço para ele ler o parágrafo e explicar o que ele entendeu"*. A professora F. (efetiva) também interage com o aluno dando apoio para o aluno realizar seus trabalhos, passando também a dar várias chances para concluir o trabalho, e já a prova, afirma:

*“a prova de dependência agora eu fiz questão que ele fosse para a escola estudar várias vezes tentar interpretar. E é **por isso que eu pedi você para ir lá dar um reforço para ele**. E ele conseguiu tirou a nota 6,8 na prova e o trabalho já não foi tão bom quanto à prova”.*

Sobre as suas falas, percebe-se a importância de um acompanhamento pedagógico para o aluno. A professora efetiva notou-se essa necessidade, reconheceu que a intervenção pedagógica realizada com o aluno o fez tirar nota boa na prova, no qual, antes o aluno não conseguia tirar uma nota tão boa assim. Outro assunto a ser pontuado é quando a professora mostra que o aluno precisa ir para a escola para estudar, entende que o aluno precisa de mais leituras, porque não consegue interpretar. Portanto, quando há alguém o ensinando e dando a devida aprendizagem, a partir de estratégias meramente multidimensionais, que será mostrada posteriormente. A professora efetiva ainda conclui falando: *“Percebi que tenho essas estratégias e **alguém ajudando ele, ele vai conseguir andar porque sozinho é difícil dele andar**”*. No entanto, a professora afirma que além das suas estratégias de sala de aula, o aluno precisa e necessita de *alguém* o educando de forma estratégica, o acompanhando individualmente, para estabelecer o seu desenvolvimento escolar. Contudo, a Professora contrato afirma o que é preciso para o aluno aprender e a se desenvolver é através de um: *“Reforço, um treinamento para os professores para solucionar determinadas situações, e **um auxílio extraclasse**”*. Diferentemente da professora efetiva, essa professora acha que o mais conveniente para a aprendizagem escolar desse aluno, é a capacitação para os professores, e um *auxílio e um reforço* para o aluno, mas não diz que tipo de auxílio é esse para lidar com as devidas dificuldades desse aluno. As duas professoras afirmam dizendo que o aluno precisa de um reforço, ou seja, não menciona o tipo de reforço ou como seria esse reforço, mas seria preciso para esse aluno um reforço escolar, ou seja, aquele reforço atrelado às várias estratégias pedagógicas, de um acompanhamento pedagógico.

A professora efetiva acha que deveria ser feito na escola como um todo para garantir a aprendizagem desse aluno e o sucesso acadêmico dele seria logo no início do primeiro bimestre a orientadora estar orientando a todos os professores da escola, principalmente aqueles professores novatos, de estar conversando com todos e estar informando sobre aquele aluno para dar mais atenção ao aluno. Ainda acha que a escola deve criar uma estrutura de atendimento para o Arthur, de o aluno estar vindo toda semana em horário contrário, e de estar tirando dúvidas com os professores. Menciona

claramente dizendo: “*Eu creio que o Arthur teria que ter um aparato de pessoas assim do lado para estar empurrando ele mesmo. Direto com a direção, orientação e com os professores*”. É de extrema importância que o aluno tenha um acompanhamento pedagógico, mas sem o apoio da escola em geral e da família, esse procedimento com o aluno acaba não sendo tão eficaz. A função da orientadora de estar informando aos professores e aos pais sobre o aluno, a função da professora de estar o ensinando e promovendo meios interativos com o aluno para a participação e a fixação do aprendizado do aluno nas aulas, o apoio da família de estar sempre indo na escola para saber sobre o desenvolvimento e as dificuldades ainda existentes no aluno, sobre essa relação família e escola, a professora ainda afirma sobre o aparato de pessoas que ainda deve ter: “*em casa né, a mãe tem que fazer ele fazer as atividades, porque não basta só os professores está ensinando se ele não fez as atividades*”. Portanto, deve haver ainda por parte dos familiares a sua participação ativa nas questões de estudo de Arthur. Precisa-se a cima de tudo ser uma escola que envolva todos os profissionais e a inclusão familiar para construir uma união educativa em favor da educação e do desenvolvimento do aluno com Déficit de Atenção.

Abordando mais essas questões sobre o desenvolvimento escolar desse estudante. Na tabela abaixo, mostrará a visão das profissionais sobre cada tema específico, de forma horizontal. O primeiro tema tratado é sobre **a interferência do Transtorno de Déficit de Atenção na perspectiva de futuro de Arthur**, e o segundo tema abordado é **a aprendizagem e o sucesso acadêmico do aluno**.

Quadro 6 – Desenvolvimento escolar do aluno na perspectiva dos profissionais da educação

Orientadora Educacional	Professora Efetiva	Professora Contrato
<p>“Se ele não receber um acompanhamento adequado ele corre o risco de interromper o projeto de vida, por conta da situação que não foi resolvida, e é necessário que tenha o acompanhamento para que ele evolua até no projeto de vida dele, pode acontecer dele não evoluir por isso. Pode se comprometer lá na frente, podendo se tornar uma pessoa mal resolvida na vida, que vai encontrar</p>	<p>“Pode interferir se ele não tentar resolver isso, porque ele pode ser um aluno que pode ser repetente várias vezes, e com a grande repetência pode desestimular o aluno ele fica com baixa auto estima, e isso influi diretamente no futuro do aluno, e pode valer para qualquer aluno”.</p>	<p>“Na baixa auto-estima em perceber que não vai conseguir os seus objetivos”.</p>

<i>dificuldade para tudo, pode estar buscando, e buscando quando não encontrar porque não conseguiu resolver a própria situação dele”.</i>		
<i>“Acho que deveria ser um trabalho com uma equipe, e não individualizado”.</i>	<i>“Eu creio que o Arthur teria que ter um aparato de pessoas assim do lado para estar empurrando ele mesmo, direto com a direção, orientação e com os professores; dele estar vindo toda semana em horário contrario dele estar tirando dúvidas com os professores, e em casa né a mãe tem que fazer ele fazer as atividades”.</i>	<i>“Um treinamento para professores e um reforço escolar”.</i>

(a) A interferência do Transtorno de Déficit de Atenção na perspectiva de futuro de Arthur

A Orientadora Educacional afirma que se não houver um trabalho *adequado* com esse aluno pode prejudicar em sua perspectiva de vida. Coloca que necessita de um acompanhamento, mas não informa que tipo de acompanhamento é este. Por outro lado, a professora efetiva aborda que se o aluno não resolver essas questões relacionadas ao TDA, pode dificultar futuramente o seu aprendizado ocasionando assim a sua desmotivação. Além do mais, o aluno terá problemas futuros de repetência e o aumento do seu fracasso escolar. Já a preocupação da professora contrato, está ligada a autoestima do aluno, portanto, se não conseguir reverter seus problemas de atenção, no ponto de vista da professora, o aluno pode vir a ter baixa autoestima.

A preocupação das profissionais, relativo à interferência do TDA na perspectiva de futuro do aluno são problemas que se não são solucionados podem vir a prejudicar o aluno futuramente. Ocasionalmente tanto no seu processo intrapsicológico, aliado ao pensamento do fracasso ou de achar que nunca vai conseguir, e ou o fracasso advindo das suas dificuldades de aprendizagem, por não conseguir compreender e aprender como os demais devido a sua falta de atenção.

(b) A aprendizagem e o sucesso acadêmico do aluno

Nesse segundo tema a orientadora especifica o acompanhamento como um conjunto de profissionais para um atendimento necessário para com esse aluno, sem aquele acompanhamento aliado ao acompanhamento individualizado. A professora efetiva já acha que deveria ser um trabalho com todos os profissionais, ajudando esse aluno. Seja a coordenação, a direção, os professores, e todos os profissionais em geral a estarem ajudando esse aluno. Mas se retornamos entre as falas dessa professora, notamos que ela é a favor também de ter um acompanhamento pedagógico individualizado para esse aluno fora de sala de aula, no qual o aluno precisa de: *“alguém ajudando ele, ele vai conseguir andar porque sozinho é difícil dele andar”* (professora efetiva). A professora é a favor de um mediador que acompanhe e consiga encaminhar esse aluno, ou seja, a escola deveria ter vários profissionais ajudando, a família, e o acompanhamento pedagógico diferenciado para esse aluno, portanto, fazer o aluno seguir um ritmo dele está freqüentando a escola em horário contrário, como a professora mesma disse.

A professora contrato acha que deveria ser feito na escola como um todo para garantir a aprendizagem desse aluno e o seu sucesso acadêmico seria um treino com os professores em relação a esses alunos com TDA e, principalmente, ter na escola um reforço escolar para esses alunos. Muitos professores precisam conhecer mais a respeito, precisam se informar sobre as abordagens metodológicas e procedimentais que serão empregadas nesses alunos com esse transtorno. Enfim, a escola deve então propor procedimentos conduzidos por equipe especializada, observando também a aquisição de um ou seja, um acompanhamento ligado a intervenções pedagógicas para que as mediações possam ocorrer.

4.2.4 *Sobre a aprendizagem do aluno em uma área disciplinar*

A respeito da aprendizagem de Arthur em determinada disciplina, a orientadora educacional afirma que o aluno às vezes faz se empenha, e às vezes não. Tem disciplinas que Arthur se identifica menos e tem disciplinas que se identifica mais, mas quando se identifica em determinada disciplina a realiza. Portanto a orientadora menciona:

“As matérias que ele vê que tem mais dificuldades ele deixa de fazer. E as matérias como leitura que tem que se concentrar para fazer, porque vai exigir concentração então ele deixar de fazer. E a mãe falha porque falta o incentivo, e as tarefas está deixando de fazer; e as matérias que ele se identifica ele avança, as que não se identifica não avançam quase nada”.

Ainda questiona sobre o atendimento pedagógico, reclama que às vezes não pode dar um atendimento mais específico para Arthur, porém, não há uma equipe, e nem profissionais para atendê-lo. E ainda afirma: *“Esse aluno com diagnóstico precisa de muita assistência em algumas disciplinas, e muito cuidado por parte do professor para que ele não seja discriminado, mas é um aluno muito disciplinado. O negócio mesmo é a falta de atenção”*. A orientadora afirma sobre a necessidade de o professor estar mais atento nas dificuldades do aluno em alguma disciplina, e estar disposto em ajudá-lo no que for preciso. Ter atenção redobrada para esses alunos, deve ser voltado totalmente para o aluno, de forma em que, possibilite também o preparo dos profissionais quanto a esses alunos e o desenvolvimento de uma assistência mais rica e efetiva para desenvolver o aprendizado desses alunos. O problema maior do aluno Arthur, como a orientadora descreve, é a falta de atenção, contudo, não só Arthur mas alunos com Déficit de Atenção de uma maneira geral, sofrem com sua falta de concentração, nas aulas e nas atividades; mas quando se trata de matérias interessantes e que os agrada é mais provável que o aluno se desenvolva mais nessa matéria do que em outras. Quando se há um interesse por aquela disciplina será por que o professor em sua relação dialógica e interventiva que fez construir no aluno grandes aprendizados e significados.

Em virtude disso, e das falas das professoras de Arthur com suas técnicas ou estratégias pedagógicas diferentes, tem uma relação atenciosa com esse aluno, portanto, ao perguntar para as professoras sobre os recursos, meios, e/ou estratégias pedagógicas utilizadas com esse aluno, a professora efetiva responde como lida com a dificuldade do aluno, afirmando: *“Peço para que o aluno leia o parágrafo em questão e procuro saber o que ele entendeu, eu peço para ele falar o que ele entendeu, e a partir daí eu complemento com algumas explicações”*. Desta forma, nota-se a existência da aproximação entre a professora e o aluno, a presença da professora quanto aquela que o ajuda e o dar apoio necessário, perguntando ao aluno suas dúvidas, e pedindo que ele leia a parte do texto, dando uma atenção maior para o aluno.

Por outro lado, a professora contrato tem atitudes pedagógicas diferente da outra professora, não consegue ter uma atenção especial com o aluno, sua intenção é ensinar e

a função do aluno é se virar para poder aprender, nessas considerações a professora contrato afirma que lida com as dificuldades do aluno, dizendo: *“faço com que ele absorva as explicações e compreenda, mas no início ele consegue, mas quando segue nos exercícios, eu sinto o Déficit de Atenção”*. Ou seja, através disso observa-se a impaciência ou a desistência dessa professora com esse aluno, desistindo quanto propor estratégias, e ainda não ajudando a minimizar as suas dificuldades. Vemos dois exemplos, no primeiro, a professora se coloca como acolhedora, ou aquela que está disposta em ajudá-lo, aplica uma estratégia comum, no qual envolve a interação entre professor e aluno; já na segunda fala a professora deixa a cargo do aluno, mostrando que o aluno que tem que correr atrás, mostrando que ela explica, mas que o aluno não consegue acompanhar o ritmo da aula, no entanto, sequer menciona nenhuma mudança para essa dificuldade, não propõe nenhum tipo de intervenção positiva para esse aluno.

Muitas vezes, existem professores que acreditam nos seus alunos, e dão força para a sua superação, e já outros professores são incapazes de entender, ajudar e de fortalecer o potencial do aluno. Não precisa somente acreditar nele, mas propor mudanças, e essas mudanças surgem a partir do momento em que o educador se coloca como o agente provocador dessas mudanças. Esse agente externo deve ter o intuito de intervir de maneira em que consiga fazer com que o aluno desenvolva a sua aprendizagem.

Ao questionar sobre as disciplinas mais desafiadoras para o aluno Arthur a professora efetiva, afirma que a professora de matemática (professora conselheira) lhe comentou que o aluno não tem dificuldade de matemática. Portanto, ainda coloca que a dificuldade maior é nas matérias de História e de Geografia, porém, a professora efetiva afirma:

“No caso, Arthur tem dificuldades mais nas matérias de humanas, ele tem que fazer um resumo por dia da matéria que a gente ministra em sala de aula. E estar fazendo sempre exercícios e muitos exercícios, fazendo ele mesmo sozinho: Teve aula hoje de História? O que ele entendeu da aula de história? ai ele vai e escreve. Seria uma solução, para tentar melhorar na dificuldade que ele tem nessas duas matérias”.

A professora efetiva mostra um exemplo estratégico para o educador estar lidando com esse aluno com dificuldade, ou seja, do aluno estar resumindo as aulas e a fazer os exercícios pedidos pelo professor. Mas acaba mencionando estratégias a serem feitas pelo aluno para a sua própria busca de aprendizagem. Contudo, esse aluno mesmo com essas estratégias servidas para ele mesmo fazer, ele não irá fazer em função de seu

déficit, provavelmente não irá concluir os exercícios que começou, ou nem irá fazê-lo; alunos com déficit de atenção, como foi tratado anteriormente, precisa de alguém, de um educador que o ensina de maneira dinâmica. A professora contrato reflete sobre a disciplina mais atraente para Arthur são: *“Acho que artes e matemática são disciplinas desafiadoras para ele”*. Portanto, as disciplinas mais de humanas o aluno não consegue e não gosta de compreender e entender profundamente os conteúdos ensinados pelas professoras de humanas, no entanto, o aluno aprende na medida em que as professoras o incentiva, o ajuda a fazer as atividades, o apoio, acredita no seu potencial, e explica de maneira interativa.

Explorando mais a questão das disciplinas freqüentadas pelo aluno Arthur, as profissionais questionam e refletem sobre as dificuldades de aprendizagem e as possibilidades de aprendizagem. Na tabela abaixo, de forma horizontal, compões cada tema discutidos pelas profissionais. No primeiro tema discuti sobre ‘A dificuldade do aluno Arthur na matéria de cada professora’. Ainda de forma horizontal, o segundo tema a ser proposto, reflete sobre ‘As possibilidades de aprendizagem desse aluno’. Como as disciplinas são ministradas somente pelas professoras, a orientadora educacional não se vincula a essas análises abaixo.

Quadro 7 – A aprendizagem do aluno em uma área disciplinar na perspectiva dos profissionais da educação

Orientadora Educacional	Professora Efetiva	Professora Contrato
Não se aplica	<i>“Ele tentar entender a matéria. Fazer com que ele entenda aquilo que estou ministrando”.</i>	<i>“Na matéria mesmo nenhuma, o que dificulta é a falta de concentração, implica na falta de aprendizagem.”</i>
Não se aplica	<i>“Na minha matéria ele aprende a partir do momento que ele começa a participar das aulas dando opinião sobre uma matéria que eu expliquei, dizendo o que ele entendeu; quando ele sacou que ele entendeu, e ele explica o que entendeu. Tem possibilidades de aprender as coisas, desde que ele exercite as tarefas de casa rigorosamente que às vezes ele deixa de fazer as tarefas de casa e estudar”.</i>	<i>“Por minhas atividades estarem relacionadas à bastante desenhos nos exercícios, em trabalhos e provas isso ajuda muito. Ele é muito participativo nas minhas explicações, quando corrigimos exercícios oralmente”.</i>

(a) A dificuldade do aluno Arthur na matéria de cada professora

Para a professora efetiva, a maior dificuldade do aluno na sua disciplina é fazê-lo entender o conteúdo de Geografia. Já a professora contrato questiona que a maior dificuldade enfrentada pelo aluno na sua disciplina é a sua falta de concentração na explicação da sua matéria e em geral. Enquanto uma enfatiza a falta de compreensão, a outra enfatiza a falta de concentração. Acredito que as preocupações das professoras estão inter-relacionadas. Parte do que o aluno não consegue compreender do conteúdo pode ser pela falta de atenção no momento da explicação. Ao perder “pedaços” da linha de raciocínio do professor na hora da explicação, interfere com a compreensão do todo, e isso tem consequências na aprendizagem. Por fim, o professor deve reconhecer e construir recursos estratégicos para canalizar a atenção do aluno e certificar-se que ele está acompanhando e entendendo toda a explicação. O professor necessita aplicar estratégias pedagógicas em sala de aula para garantir a aprendizagem desse aluno. E, como vimos, a motivação e o interesse devem ser priorizados no momento de aprender a matéria. Assim como Arthur tem prazer em estudar matemática, as aulas das matérias de humanas precisam ser prazerosas para ele também.

(b) As possibilidades de aprendizagem desse aluno

A professora efetiva coloca que é possível o aluno aprender, desde que, o aluno se esforce para realizar as tarefas e a forma como o aluno aprende é quando o aluno participa de suas aulas. Assim, Bzuneck (2010) aborda sobre a realização das tarefas pelo aluno se dá quando *“haverá motivação por uma atividade se estiver bem claro para que executá-la”*. (p.17), o autor afirma a importância de o professor construir tarefas pertinentes e construtivas atribuindo assim significados para o aluno. No entanto, analisando a colocação da professora, acredita que o aluno pode aprender de modo em que conclua as atividades. Porém, como foi colocado pelo autor, só terá sentido e motivação para com o aluno quando existirem significados para o aluno nas tarefas. A participação do aluno nas aulas, é de extrema importância para o fortalecimento de sua aprendizagem, visto que, a partir da interação professor e aluno, vice e versa, possibilita a aprendizagem no aluno.

A professora contrato aborda que as suas tarefas são bem significativas, por apresentarem atributos motivacionais que despertam interesse no aluno, pela relação desenhos com os exercícios propostos. Portanto, essa professora sabe valorizar uma tarefa, construindo critérios que aproxime e chame a atenção do aluno para desenvolver a tarefa, de modo em que, desperta interesse no aluno. O aluno aprende melhor em sua matéria quando é participativo e quando as dúvidas são tiradas na correção dos exercícios. Contudo, as duas professoras explicitam algo em comum ao afirmarem sobre como o aluno aprende melhor, afirmando que, a forma dele aprender é quando participa nas aulas, ou seja, prova o quanto as aulas das professoras são interativas.

Conclui-se que as estratégias usadas de ambas as professoras, mostra-se que uma se restringe ao aluno buscar a aprender sem o seu apoio, e suas soluções há quando consegue articular a participação do aluno em sala de aula. Por outro lado, a outra professora caracteriza as suas estratégias, com tarefas significativas de forma que a participação e a relação do aluno com professor nas aulas sejam interativas.

4.3 Intervenção dialógica e acompanhamento pedagógico individualizado

Quando entrei na escola para fazer o estágio, já tinha vontade de observar e acompanhar um(a) aluno(a) que tivesse Transtorno de Déficit Atenção. Através das conversas e da entrevista feita com a orientadora da escola pude perceber a importância de se ter em qualquer escola acompanhamento psicopedagógico para alunos que apresentam este problema. A orientadora, verificando a minha necessidade, se dispôs a procurar algum aluno com esse problema para aprimorar meus conhecimentos acadêmicos quanto a este tema e ajudar esse aluno a progredir em sua vida escolar.

A orientadora ao fazer uma busca nos registros da escola verificou que existia um aluno com Déficit de Atenção, já com laudo médico. No entanto, procurei saber mais sobre esse aluno e me informar a respeito de quais as matérias o aluno tinha mais dificuldades. No entanto, constatei que eram as matérias de Geografia e Ciências, no qual o aluno estava de dependência nessas matérias. Acabei realizando uma entrevista com as professoras dessas perspectivas matérias que o aluno se encontra com dificuldade, e mediante o resultado dessas entrevistas realizadas com essas professoras e com a orientadora, surgiu o interesse e a necessidade de fazer a intervenção pedagógica, propondo estratégias pedagógicas para com este aluno.

Portanto, ao conversar com as professoras, me disseram que eu poderia observar o aluno em sala de aula. Ao chegar à sala de aula do aluno, a orientadora me apresentou para a sua turma dizendo aos alunos que eu era um estagiaria e que queria fazer um estudo. No entanto, a professora contrato de Ciência iria aplicar a prova para os alunos e me perguntou se eu queria observá-lo mesmo assim. Desta forma, eu disse que gostaria de observá-lo.

Observando o aluno fazendo a prova, percebi o quanto ele se distrai facilmente por qualquer coisa. Como a sala estava abafada e apertada a professora decidiu tirar alguns alunos de sala de aula e colocá-los fora da sala, perto da porta, colocando cinco alunos incluindo esse aluno em estudo. Como era fora de sala de aula o ambiente não estava propício para fazer a prova. O aluno se distraía por qualquer coisa e a qualquer hora, não conseguia se concentrar, porque havia muito barulho na escola. No entanto, ficava muito inquieto, mexia as pernas toda hora. Quando o horário da prova terminou o aluno ainda não tinha entregado, mas depois entregou.

Depois fiquei sabendo por parte da professora efetiva de Geografia que o aluno teria que fazer várias provas para passar nas disciplinas que havia ficado de dependência, e que ele precisaria de ajuda. Portanto, pedi que a orientadora entrasse em contato com a mãe do aluno para que eu pudesse dar aulas de Geografia e fazer as seguintes intervenções. Pedi para a professora de Geografia deixar, eu observar o aluno em sala de aula. Ao autorizar, entrei na sala de aula desse aluno e percebi que os alunos da sua turma são bem bagunceiros e que o aluno em questão é bem calado. No entanto, o aluno não estava prestando atenção na correção dos exercícios e nem os demais alunos; no final da aula a professora efetiva me apresentou a esse aluno chamado Arthur, dizendo-lhe que quando ele precisa-se eu estaria ali para ajudá-lo.

A mãe do aluno marcou comigo para dar aula de reforço de Geografia para o aluno, pois seria semana de prova, e ele teria que passar nas provas para não tirar notas ruins para não reprovar. Fui apresentada para a mãe do Arthur. Conversamos sobre os trabalhos que ele deveria entregar, e as provas que ele deveria estudar; então fomos à biblioteca ficamos em um ambiente calmo sem barulho para que ele se concentrasse melhor. A partir desse contato, surgiu a minha primeira intervenção com Arthur.

Foram realizadas seis intervenções. Para efeitos de análise, priorizei apenas nessas sessões aspectos relevantes para o aluno. Buscando com formas estratégicas, alternativas multidisciplinares e motivacionais para a contribuição da aprendizagem do aluno. Em cada encontro, tem uma proposta diferenciada a cerca dos aspectos subjetivos

do aluno. Mediante isso, tem como objetivo esses acompanhamentos analisar a aprendizagem do aluno propondo várias intervenções, verificar o tipo de estratégia pedagógica a ser utilizado posteriormente, em outros encontros, para fundamentar mais ainda o aprendizado de Arthur, e compreender e identificar se as estratégias abordadas foram realmente eficazes para a aprendizagem desse aluno.

4.3.1 Intervenção 1: Leitura e interpretação de textos e de imagens

No primeiro contato conversei com o aluno e perguntei qual era a matéria que iria cair na prova e ele disse que nem sabia. Então, fui atrás da professora efetiva para lhe perguntar quais os conteúdos que iria cair na prova. A professora anotou para mim no papel e comecei a conversar com ele. Perguntei para Arthur, se ele gostava de ler, e de escrever, e ele disse que não gostava muito. Depois perguntei para Arthur o que ele mais gostava, e ele me respondeu que era de futebol. Então, pedi que desenhasse em seu caderno quatro bolas de futebol, explicando que cada bola desenhada iria significar as duas provas que ele teria que estudar para fazer, e as outras duas bolas os trabalhos que ele deveria entregar. Falei para Arthur, que cada vez que terminasse de fazer uma prova ou um trabalho, ele iria riscando a bola. Percebi que ele tinha gostado e perguntei para ele:- *“Arthur se você não estudar para a prova o que vai acontecer?”* Então ele me respondeu: - *“Eu vou reprovar.”* Com um olhar de tristeza que o aluno estava, eu expliquei a ele que, se ele não estudasse a bola iria murchar, e depois não daria para jogar futebol com uma bola vazia. Arthur ficou pensando sobre isso. E sempre que eu perguntava para ele: - *Se você não estudar o que vai acontecer?* Arthur sempre dizia que iria reprovar. No entanto, o aluno tem a consciência de que se não estudar ele iria reprovar.

O mais impressionante nisso tudo, que observei, foi que se tivesse alguém com o aluno desde o começo do ano para estar orientando a fazer os exercícios, estar orientando a estudar, estar o acompanhando para ajudá-lo a realizar os trabalhos e estudando para as provas, com certeza ele não estaria passando por tanta dificuldade de aprendizagem, e não estaria sendo tão cobrado como ele estava sendo.

Depois peguei o livro de Geografia e notei que o conteúdo que seria passado na prova não estava no livro. Então percebi que o livro que ele continha era da quinta série e não da sexta série. O aluno Arthur só se deu conta disso quando eu vi e comentei. Tive que ir pegar o livro com a professora efetiva, a professora acabou deixando, ele ficar

com o livro para estudar. Quando peguei o livro com a professora para estudar com o aluno notei que o livro tinha muitos textos, mas também tinha muita imagem. Como sabia que depois o aluno iria ficar com preguiça de ler ou até mesmo desviar a atenção, percebi que se fizesse uma intercalação entre a imagem e o texto seria muito mais interessante e ele conseguiria entender. Portanto, Arthur leu o texto em voz baixa e depois pedi para o aluno falar para mim o que ele havia entendido do texto, então ele pegou e respondeu: - “Tudo”. E então acabei dizendo: “mas tudo o quê?”. Visto isso, pedi que ele lesse o texto novamente para que entendesse o que realmente ele tinha lido. Depois pedi que ele lesse a poesia que havia posteriormente o texto. Logo depois que ele leu a poesia, percebi que conseguiu explicar melhor e entender melhor o texto, então vi que a minha teoria de colocar algo inovador e criativo no texto fazia toda a diferença.

A partir daí todo o texto que eu iria lendo com ele, e perguntando se ele havia entendido, articulava o texto com as imagens. Quando chegava nas imagens fazia perguntas para ele sobre o que estava vendo na imagem e o que ele entendeu dela. O aluno conseguia me contar o que realmente o texto estava querendo mostrar. Muitas vezes o aluno conseguia continuar a dizer o que o texto estava querendo dizer. Muitas vezes queria se expressar, mas às vezes parava de raciocinar, tendo que ler novamente até que falasse o que entendeu. Nas próprias leituras, falei para o aluno escrever o que tinha entendido de cada parte do texto, porque quando fosse estudar novamente ele só iria relembrar o que escreveu, e o que aquele texto estava querendo passar. Então, quando perguntava para ele o que o texto queria dizer, logo retornava ao que escreveu para se recordar do texto e falava o que tinha entendido.

Na realização das tarefas o aluno se empenhava muito para realizá-las, somente, quando fazia surgir alternativas diferentes para a leitura do texto. Quando o aluno lia o texto já se mostrava cansado e desanimava de ler o resto do texto, e acabava não entendendo nada quando perguntava para ele. A proximidade e a relação que tive com o aluno foi super importante para dar continuidade nos seus estudos. Mesmo sendo tímido, o aluno se mostrava não ter nenhuma indisciplina, apesar de algumas vezes mostrar ser um pouco preguiçoso e desviava sua atenção por qualquer coisinha. Quando relacionava a imagem com o texto o aluno conseguia entender o texto. Quando perguntava a ele sobre o que entendeu, Arthur respondia de maneira correta do texto. Fazia articulação da imagem com o texto, dessa forma, o aluno tinha vontade de saber a abordagem ou o assunto principal do texto, tendo interesse em continuar lendo o texto, mesmo sendo grande. Essa relação texto-imagem fez trabalhar os aspectos contextuais

do assunto estudado. Quando o aluno olhava para texto, achava muito grande e desistia antes de mesmo de começar a ler, mas ao propor que fizesse essa relação com o texto o aluno tinha vontade de continuar lendo o texto. Com isso fazia perguntas em relação ao texto, sobre o que acabou de entender do que leu.

Quando o aluno olhava as imagens do texto logo respondia interpretando corretamente. Fazia a relação entre o signo escrito (linguagem escrita) com a imagem (linguagem simbólica) do texto, estabelecia a partir de minhas instruções a leitura de ambas as linguagens tanto escrita como simbólica, relativo ao texto. Essa interatividade entre o aluno e eu como educadora foi importante para a sua aquisição de aprendizagem referente a interpretação de texto, e de imagem. Outro ponto a ser colocado sobre essa interatividade é sobre o pensamento e a consciência da própria aprendizagem, através da oralidade. Portanto, o ‘outro’ ou o educador é de suma importância para esse processo e construção de aprendizagem no aluno com Déficit de Atenção. A aprendizagem do aluno se deu mediante não só a proximidade entre professora e aluno na realização da tarefa; como também pelo diálogo aberto e horizontal entre professora e aluno. Estabelecendo uma relação dialógica, em que reuni não só ao conteúdo em si, mas se relaciona com a vida, os sentimentos, as opiniões do aluno. Enfim, valorizando a sua relação subjetiva com o conhecimento objetivo a ser internalizado.

4.3.2 Intervenção 2: Jogo de xadrez e interpretação de texto

No outro dia, continuamos a estudar o mesmo capítulo que iria cair nas provas finais. Mas antes de começar a intervenção, coloquei um jogo de xadrez para mudar um pouco o ritmo da aula. Para que a aula não ficasse entediada somente com a leitura, e podendo adquirir um incentivo a mais na leitura. É impressionante o quanto ele domina bem seu raciocínio para os jogos, Arthur é muito bom nesse jogo, me deu ate um xeque mate. No entanto, Arthur gostou muito de jogar xadrez, e logo depois, passei os exercícios do livro para ele responder e para perceber se ele realmente estava sabendo.

A importância do jogo e do lúdico para o adolescente desperta a curiosidade em aprender novos conceitos de raciocínio e de interpretação, dependendo do jogo em si. Os jogos podem, e são recursos estratégicos para ajudar alunos com dificuldade de aprendizagem. No caso de Arthur foi interessante, pois motivou o aluno a querer aprender e mostrou que gosta de raciocínio, esse jogo tornou uma estratégia para treinar

a sua concentração e principalmente seu raciocínio, tendo a mediação dos objetos na aprendizagem.

Visto que pedi para o Arthur na aula passada estudar em casa. Ao fazer as perguntas do livro, percebi que ele não tinha estudado, e tinha esquecido muita coisa do que nós havíamos estudado. Com isso, pedi que o aluno pegasse o caderno para relembrarmos o que foi estudado. O aluno, lendo cada parte do texto, fui trazendo várias perguntas, juntamente com as figuras do livro. Por exemplo, em umas figuras havia o desenho dos primitivos com o fogo, e na outra figura tinha uma cidade grande, cheio de casas, trens, e etc. Contudo, perguntei ao aluno, o que achava de diferente nas duas figuras, e o que mudou nesse espaço geográfico? Porque mudou? O consumo é o mesmo? Por quê? E diversas perguntas, foram feitas até eu perceber que ele havia entendido o texto. E realmente deu certo, Arthur lembrou através das imagens, muita coisa que havia aprendido na aula anterior. Depois fiz de novo nessa intervenção, novas perguntas para saber se o aluno tinha realmente entendido. Ao responder, o deixava ir ao caderno para relembrar o que tinha escrito, porém, não queria que decorasse a matéria e sim aprendesse.

4.3.3 Intervenção 3: Interpretando a reportagem: esporte

Ao término do ano letivo, fiquei sabendo pelas professoras que Arthur tinha reprovado, e que havia ido para outra escola da Asa Sul. Conversando com a mãe do aluno, a mesma me contou que Arthur tinha reprovado por não ter conseguido média suficiente na matéria de História. Contou-me também que Arthur teve que ir para a escola da Asa Sul porque a escola do Paranoá, não teria mais sexta série, e somente, da sétima em diante. Com uma carta de intenção, pedi a mãe de Arthur que pudesse realizar uma entrevista dialógica e terminar de fazer o acompanhamento com Arthur. Autorizando, logo comecei a fazer novos encontros e propondo novas estratégias com o aluno.

No dia do encontro propus que o aluno escolhesse na parte de esporte de um jornal, um texto que mais lhe agradasse e que ele achasse interessante. Portanto, o aluno escolheu sobre o assunto: 'A vitória do time do Vasco'. Pedi para ler o texto, e falei para Arthur que quando entendesse o texto falei para ele ler até entender o que o texto estava querendo passar. Então Arthur começou a ler, e quando terminou, Arthur falou:

Arthur:- Acabei.

Bruna:- O que você entendeu? [E então acabei perguntando]

Arthur: - Tudo. [Ele desanimado e respondeu]

Bruna: - Mas tudo o quê? [Não sabendo responder e ainda com vergonha de falar, perguntei novamente]

Bruna: - O que você gostou no texto que você acabou de ler? [Ainda sem querer responder, acabou dizendo:]

Arthur: - É que o Vasco ganhou. [Notando que ele estava desmotivado, e que não queria responder, dei-lhe um marcador de texto, e disse a ele:]

Bruna: - Olha vamos fazer assim então, vou te dar uma canetinha e você vai ler novamente e vai marcar no texto o que achou mais interessante e vai me contar, pode ser? [Então, ele concordou com a cabeça, e começou a ler e grifava a parte do texto que achava mais importante. E começou a falar o que tinha entendido, dizendo:]

Arthur: - Eu entendi que o Vasco ganhou, e que derrotou o outro time de dois a zero, e tá falando como ele fez o gol, que o Vasco acabou fazendo um gol bonito por causa do chute de um jogador. E depois não sei mais.

Bruna: - Hum, muito bem, nossa você realmente entendeu o texto. Está de parabéns. [Com um sorrisinho no canto da boca resolveu então fazer sempre o que eu pedia depois.]

Analisando que ele mesmo conseguiu destrinchar interpretando o texto da sua maneira, é importante considerar o que ele entendeu, e ajudando a expor de outra maneira fazendo exercícios. Por essa forma, através dessa estratégia de, o fazer entender e compreender o texto, e sempre estar o elogiando; passei outra atividade para Arthur fazer. Como ele tinha entendido o texto, pedi que desenhasse sobre o que entendeu do texto e que escrevesse o que estava pedindo na atividade. Não tendo muita vontade de desenhar, desenhou bem depressa e quando acabou me disse que depois iria me entregar porque ele não estava inspirado para fazê-lo. Fez o desenho e me mostrou, mas depois o guardou e depois não me entregou mais. Depois, fiz as perguntas⁷ relativo ao texto que tinha acabado de ler. Essas perguntas tinham como objetivo verificar se realmente o aluno entendeu o texto, pois eram perguntas de interpretação. Porém, perguntava sobre o texto lido, sobre seus personagens, o assunto principal, o problema a escolha do texto, e a relação entre o desenho e o texto. Eram perguntas simples, não eram perguntas complexas para complementar o que já tinha entendido.

Analisando as respostas do aluno, nota-se que é muito direto nas suas respostas. Em quase todas as perguntas ele lia, e não sabia o que escrever, não conseguia entender o que o texto estava pedindo. Pedia para ele ler novamente a pergunta, e ele me falava o que tinha entendido então eu perguntava:

Bruna: - O que essa pergunta está querendo? [Então, ele me falava e ao mesmo tempo perguntava]

⁷ Apêndice: **Atividade 1**

Arthur:- Quer saber qual é o título. Mas onde vejo isso?

[Expliquei a ele a diferença de título e subtítulo de um jornal. Ele admirado falou:]

Arthur: - Ah, já sei qual é.

Deixei Arthur mesmo escrever, e quando terminou, falei para ele que sempre em começo de frase se começa com letra maiúscula e não minúscula. Notando isso Arthur pegou a borracha e começou a apagar a primeira letra e escreveu corretamente. Da mesma forma, expliquei para Arthur que os nomes de pessoas ou cidades ou país se iniciavam com a letra maiúscula. Quanto aos erros, Arthur tinha muitos erros de português. No entanto, o fazia ler as palavras novamente e perguntava para o aluno o que estava de errado naquelas palavras, e o que ele tinha que arrumar. Arthur notava as palavras e arrumava as letras. Trocava “c” com “s”, esqueceu do “s” na palavra ‘interessante’. Mas quando não sabia a pergunta eu o fazia ler o texto novamente para assim responder as perguntas. Na quinta questão, Arthur não soube responder a pergunta: Qual é o problema central do texto? Arthur respondeu: “*Porque repete muito*”. No entanto, na escrita o aluno não soube dizer o que repete, se é o jogo do Vasco, ou se é o contexto do texto que acabou achando chato porque repete. Perguntei a ele sobre o que estava repetindo muito, e ele falou que era o texto.

Em virtude disso, a pergunta não foi entendida por ele. Entendeu o problema externo ao texto e não o problema ou a questão principal do texto. Expliquei para ele esta diferença, e ele disse que parecia com a outra pergunta anterior que perguntava sobre: o assunto principal do texto. Não pedi ao aluno que escrevesse de forma correta a resposta, até porque, eu notei que ele tinha compreendido o texto, porque ele mesmo acabou percebendo que era a mesma resposta da anterior. Sobre a interpretação do texto, notei que Arthur sabia o que o texto estava querendo passar, e que tinha entendido o texto, mas na hora de escrever Arthur às vezes não conseguia se expressar. É importante perceber com paciência os seus aprendizados, entender e compreender seu aprendizado e as suas dificuldades, para assim, propor novas estratégias que potencialize o aprendizado do aluno.

4.3.4 Intervenção 4: Produzindo o texto a partir da história em quadrinho

Percebendo que o aluno se expressa pouco quando escreve, procurei passar uma atividade bem divertida, no qual, desenvolve-se no aluno a sua habilidade de ler e de interpretar através da imagem de história em quadrinhos e relacioná-la ao texto escrito, de forma em que, escreve-se expressando sua interpretação. É uma história em

quadrinho da turma da Mônica⁸ sem as fala dos personagens. Através da imagem o aluno vai interpretando de acordo com o que ele vê nas imagens, preenchendo as lacunas. Depois há uma pergunta tratando das imagens, perguntando sobre a relação do não-texto escrito com as imagens, perguntando como é possível compreender. E por último, a atividade pede que ele monte um diálogo criando um texto na própria história em quadrinho. Quando começou a atividade, perguntei ao Arthur o que entendeu da história em quadrinhos e ele respondeu:

- Ah! É porque o Cascão queria tirar a foto do Cebolinha com o negócio pesado, e aí o Cebolinha não conseguiu levantar, daí o Cebolinha ficou cansado, e depois o Cascão tirou a foto de cabeça pra baixo do Cebolinha também de cabeça pra baixo. Explicou Arthur.

- Hum! Como você é esperto. Muito bom. Enfatizei.

De forma correta, o aluno conseguiu interpretar corretamente as imagens, do jeito dele, mas conseguiu. Contudo, depois pedi que ele respondesse as perguntas. Todo interessado, quis logo fazer. Analisando essa primeira parte de interpretação do desenvolvimento de sua atividade o aluno se saiu muito bem respondendo de forma correta as perguntas. Portanto, quando traz um método prazeroso para o aluno, tende a ter mais interesse em realizá-lo, do que um texto enorme cheios de perguntas. Na próxima questão, era tratada assim: Nesta tirinha não há texto escrito. Como foi possível compreender a tirinha? Então ele respondeu: *“Por causa do desenho e das cenas.”* Outra vez, foi possível identificar uma fala muito direta sem aprofundamento, mas foi uma fala conclusiva e fechada corretamente, respondeu corretamente sem erro, interpretando da sua maneira.

A próxima e última pergunta da atividade era para criar um diálogo entre os balões da história em quadrinho. Então ele criou:

Cebolinha - Vem ca Cascão vem levanta este peso.

Cebolinha - Hm, Hm.

Cascão - Tenho uma idéia.

Na escrita, das tirinhas dos balões, o aluno apresentou uns errinhos de português. Sua letra estava um pouco confusa. Um pouco sem concordância e erros de pontuação nas suas primeiras falas. Invés de escrever ‘vem para cá’ ou ‘pega aqui’, ele escreveu: *vem ca*, sem acento. Expliquei cada erro para o aluno, mas ainda tem muitos erros de

⁸ Anexo: **Atividade 2**

português. Portanto, o intuito desta atividade foi explorar a interpretação no aluno e fazê-lo se expressar melhor.

4.3.5 Intervenção 5: Criando um jornal da escola

Logo depois, fiz questão de passar outra atividade, com o intuito de envolver a construção do conhecimento do aluno e a ter consciência e compromisso a cerca dos acontecimentos escolares. A partir do conhecimento que ele tem sobre sua escola, sobre as suas atividades diárias, sobre as provas, sobre as curiosidades da escola, e diversos outros aspectos ao ponto de vista do aluno relacionados a tudo que envolva os acontecimentos na escola. Com isso o aluno aprende a se organizar, e entender e compreender seu contexto escolar, através de uma criação de um jornal por ele mesmo. A atividade consiste em desenvolver esses mecanismos numa tabela contendo um desenho de jornal ⁹, criando um jornal da escola de forma escrita colocando o nome do jornal, e suas particularidades.

Primeiramente expliquei ao aluno como é feito um jornal. Mostrei-lhe um jornal explicando suas particularidades como: títulos, páginas, imagens, anúncios, e as partes das reportagens como esporte, cidades, e etc. Depois, através dessa tabela de desenho de jornal, pedi que o aluno cria-se o jornal colocando o nome do jornal, e expliquei para Arthur o que é para escrever em cada parte de seu jornal de sua escola, como a parte de esporte e lazer, a parte de curiosidades de sua escola, a parte de anúncios e classificados, e o dia a dia que acontece na sua escola, expliquei que era para escrever o que iria ocorrer na escola, na semana que vêm. Fazendo e criando um anúncio sobre os acontecimentos de sua escola. Arthur demorou um pouco para entender o que era para ser escrito, mas o expliquei novamente. A partir daí começou a pensar e repensar o que teria que escrever, demorou um pouco para escrever, mas de forma prática escreveu. Posteriormente, falei para Arthur que, toda vez que, ele escrever um texto era para ele ler e reler novamente até perceber que não tem nenhum erro de português, e acabei dizendo: *“Arthur toda vez que escrever, você lê e nota se não tem nenhum erro de português, você mesmo vai se corrigir, ok?”*. Ele então disse: *“Está bem, pode deixar.”*

Quando terminou de escrever, eu perguntei para o Arthur se tinha algum erro de português no exercício que ele estava fazendo. Meio envergonhado disse que estava tudo certinho. Depois perguntei a ele, se eu podia contar com ele para sempre estar

⁹ Anexo: **Atividade 3**

atualizando seu jornal da sua escola produzindo toda semana para que não se esquecesse de fazer ou realizar algo. Então acabou me respondendo:

Arthur: - Vou tentar.

Bruna: - Você tem que fazer para você mesmo se organizar e não esquecer de fazer algum dever ou alguma atividade.

Arthur: - Está bem.

Bruna: - Coloque em um lugar de seu quarto para que você possa estar sempre vendo e atualizando com as novas tarefas.

Arthur: - Hum... ah tá!

Bruna: - Pensa assim: vou fazer o meu dever e estudar para quando nas minhas férias eu brincar muito e não ter que ficar estudando. Não é? [Falei ao mesmo tempo em que brincava como ele]

Arthur: - É mesmo. [Ele riu do jeito que eu falei]

Portanto, alunos com TDA tendem a serem desorganizados, e não conseguem terminar o que começou. A criação desse jornal teve como objetivo ensinar o Arthur a organizar seus trabalhos, suas atividades e suas provas, fazer com que ele entenda que precisa realizar as tarefas e que tem um prazo a ser entregue e estabelecido.

Nessa tarefa Arthur articulou muito bem a atualização da escola, colocando de forma resumida tantos os fatos da escola, como as atividades e provas a serem realizadas. Através disso, Arthur percebeu que pode se organizar melhor. Através disso, o aluno abriu sua mochila e viu se tinha algum dever ou alguma prova a ser feita, então, percebeu que teria uma prova de Geografia na próxima semana, verificando isso, passou a colocar no seu jornal, tantos os acontecimentos futuros como os acontecimentos presentes.

4.3.6 Intervenção 6: Pesquisa na internet: texto sobre futebol e sua relação com o substantivo comum e o próprio

Uma das coisas que realmente o adolescente gosta, é de internet. É de extrema importância ter a mídia como importante ferramenta de mediação da aprendizagem. E a partir disso, envolver e ampliá-la para o lado da interdisciplinaridade, tornando-se um recurso indispensável em termos de conhecimentos, quando o professor sabe utilizá-lo. O objetivo dessa estratégia de aula é aprender a fazer uma pesquisa através da internet, para assim, aprender a utilizar essa ferramenta. No começo do acompanhamento, perguntei para o Arthur se ele sabia o que era uma internet, então, o aluno disse que sabia o que era esse recurso, mas não tinha como acessar, porque não tinha computador,

e somente acessava na casa de um amigo. No entanto, como já sabia sobre isso levei meu *net book* já com a internet, passei a explicar para ele sobre o site.

Depois de explicar sobre a internet, passei a explicar sobre as Regiões Brasileiras. Perguntei ao Arthur se ele sabia do que se tratava, e ele respondeu que sabia mais ou menos. Comecei explicando através de uma imagem¹⁰ retratando as Regiões Brasileiras, posteriormente, pedi para o aluno entrar no site de jogos e jogar o jogo das regiões brasileiras¹¹. Contudo, essa aula tem como objetivo aprender sobre as regiões brasileiras através do jogo no computador e aprendendo também como acessar e a pesquisar na internet. Esse jogo das Regiões Brasileiras é um jogo no qual o jogador tem que pintar as regiões de acordo com cada estado do Brasil. Então, o participante só conclui o jogo, até o momento em que acertar as regiões com as cores já pré-determinada pelo jogo.

No entanto, o Arthur aprendeu rapidamente o jogo, mas na hora de acertar as imagens de determinada região ele errava, por exemplo, pitou o estado de Tocantins como se fosse do Nordeste. Fez uma pequena confusão, mas ao jogar de novo acabou fazendo tudo certinho. Depois de pintar tudo nesse jogo, ainda nessa imagem, fui perguntando para o aluno, de forma aleatória, qual era a região de determinado estado; então o aluno respondia de forma correta sem errar.

Sobre as explicações e sobre o jogo, percebi um aluno bem motivado, portanto, não queria mais parar de jogar. Logo depois, perguntei para o aluno qual o jogador Brasileiro de futebol que ele mais gostava. Então Arthur respondeu que era o jogador Vagner Love, por que o jogador era muito bom, porém, estava gostando das jogadas dele. Como já havia explicado sobre a internet pedi, então, que ele pesquisasse na internet sobre esse jogador. O aluno leu a matéria, e depois foi formulando um texto de acordo com a sequência de algumas perguntas¹² feitas por mim. Fui fazendo as perguntas oralmente, e logo o aluno procurava no texto do computador a resposta. As perguntas tinham aspectos sobre o jogador, sobre sua cidade, a região brasileira onde desse jogador, e o clima e a vegetação da região no qual ele morava. Na hora de ler o texto da internet que pesquisou, percebi que ele sentiu preguiça em ler, mas depois se interessou e começou a ler e a escrever. Construindo o texto, através das perguntas que

¹⁰ Anexo: **Atividade 4 – Imagem: Região Brasileira**

¹¹ Referência do jogo: <http://www.sogeografia.com.br/Jogos/pintando.html>

¹² Apêndice: **Atividade 5– Roteiro de Pesquisa**

eu fazia, passei a perguntar qual era a idade desse jogador, porém, a única informação que havia no texto era somente a data de nascimento do jogador. O aluno ficou pensando, então, dei um papel para fazer a conta. No entanto, eu disse: *“Quando você quiser saber quantos anos alguém tem é só você diminuir o ano atual como o ano que ele nasceu, e então vai ficar como?”*. Ele pensando rapidamente escreveu no papel:

$$\begin{array}{r} 2012 \\ -1984 \\ \hline 0028 \end{array}$$

Quando foi perguntado ao Arthur: Há quanto tempo ele está jogando? O aluno ficou pensando e foi ao texto para tentar entender. Então eu disse:

- A idade você descobriu através dos anos de seu nascimento, e quanto ao tempo de jogo, como é?

Arthur fez as contas e percebeu rapidamente que era o ano em que ele começou a jogar até os dias de hoje, então fez a conta:

$$\begin{array}{r} 2012 \\ -2002 \\ \hline 0010 \end{array}$$

No texto havia vários quadros mostrando os gols que o jogador fez até hoje. Logo, perguntei ao aluno: Quantos gols esse jogador fez até hoje? O Arthur pensou, e acabei explicando para ele que havia uma tabela de gols. E acabei perguntando: *“Quando eu quero saber a quantidade de gols, eu diminuo ou somo?”* Pensando, respondeu rapidamente: *“Soma”*.

Então, Arthur começou a analisar o quadro e fez a soma de gols que o jogador fez até hoje no papel, calculando:

$$\begin{array}{r} 3 \\ 117 \\ 27 \\ 23 \\ 12 \\ 5 \\ 4 \\ +4 \\ \hline 192 \end{array}$$

A partir da matemática o aluno passou a se interessar mais em ler o texto. Através disso, pode perceber que o aluno se concentra mais nas questões quando envolve a matemática, quando lê um texto. Como havia explicado ao aluno, sobre as Regiões Brasileira, nessas perguntas tinha uma pergunta relacionada a região do jogador. Portanto, o aluno tinha que responder em que Região Brasileira esse jogador mora? Ajudando-o perguntei: *“Se o jogador mora no Rio de Janeiro, então qual Região*

Brasileira em que ele se situa?” O aluno pensou e na mesma hora viu que era da região Sudeste. Quando terminava de fazer a conta, e de responder as perguntas, logo desenvolvia o texto. A medida, em que respondia a todas as perguntas acabava produzindo um texto. Portanto, Arthur criou o texto dessa forma:

Quadro 8 – Produção de texto

A idade de Vagner Lover é 27 anos. Ele nasceu em 11 de Junho de 1984, no Rio de Janeiro na região do Sudeste do Brasil. O time dele atualmente é o flamengo. Ele está jogando a dez meses. Até hoje ele fez 192 gols (cento e noventa e dois). O que eu mais gostei do texto foi de quando ele ganha o apelido de Love.

Depois de produzir o texto, expliquei para Arthur o que era um substantivo e a sua classificação, quanto próprios e como comuns. Perguntei ao aluno se já tinha ouvido falar desse conteúdo, se sabe mais ou menos ou se sabe. O aluno respondeu que sabia, mas que ainda tinha dificuldades. Então falei para o aluno que iria ensiná-lo e nunca mais ele iria esquecer. Então perguntei ao Arthur:

Bruna: Você sabe o que é substantivo?

Arthur: - Eu sei, mas já esqueci, não sei mais.

Bruna: - Olha substantivos é tudo aquilo que dá nome as seres e ao animais. Por exemplo, como você sabe que o você esta apoiando agora é mesa?

Bruna: - Ah, por que é.

Arthur: Ta vendo como a gente deu nome pra a mesa, até você tem um nome não é?

Balançando a cabeça como se quisesse dizer sim, eu disse que nós damos nomes as coisas ou as pessoas, e isso se chamava substantivo. Portanto, temos que classificar esses substantivos para entendermos a fundo a sua definição e a sua classificação, por que não existe um tipo de substantivo, existem vários tipos. Mas expliquei que iria ensinar dois tipos de substantivos, os próprios e os comuns. Então perguntei a ele se sabia o que era substantivo próprio, explicando:

Bruna: - Arthur você tem um nome lindo você sabia? [Ele com vergonha disse que sabia, e começou a rir.

Bruna: Você sabia que o seu nome também é um substantivo próprio?

Arthur: - É?

Bruna: - É, porque substantivo próprio são nomes de pessoas ou nomes de cidades ou país. Entendeu?

Arthur: - Ah, ta entendi.

Bruna: - Por exemplo: Espanha, Bruna, Amanda, Brasília, e outros.

Arthur: - Arthur, São Paulo.

Bruna: - É isso mesmo. Hum! Você entendeu. Muito bem, está de parabéns.

Bruna: - E os substantivos comuns, você sabe o que é?

Arthur: - é a mesa?

Bruna: - Acho que você já está se recordando em!

Bruna: - Então, você está certíssimo, porque o substantivo comum é tudo aquilo que damos nomes as coisas, como cadeira, mesa, caneta e outros. É só você lembrar que é comum, as coisas são comuns. E é só lembrar, das coisas que são comuns pra você, ok?

Arthur: -Ah, entendi.

Bruna: - Então vamos ver se você entendeu mesmo.

Pedi para o aluno procurar através das tiras de palavras cortadas de jornais e revistas, os substantivos próprios e os substantivos comuns. No entanto, pedia para separar as tiras já cortadas, quanto a sua classificação. O aluno separando de forma organizada, logo, não teve dúvidas em separar as tiras. Arthur colocou no papel as tiras, de um lado os substantivos próprios e do outro comum. Acabou desenvolvendo um trabalho bem bonito através dessa atividade. Então, o aluno classificou os substantivos quanto a essas palavras na tabela a baixo:

Quadro 9 – Atividade I: Classificação dos substantivos

Substantivo Próprio	Substantivo Comum
Brasil, Dilma Rousseff, Rodrigo Santoro, Claudia, e Rio de Janeiro.	garrafa, livros, mulher, cartão, diários.

Então, começou a separar as palavrinhas de cada substantivo correspondente. Alegre por ter conseguido preencher o papel, o aluno, começo a colar. Depois dessa atividade pedi que o aluno voltasse no texto anterior que ele leu na internet, e detectasse os substantivos que eu tinha acabado de explicar e o classificasse-os, escrevendo no papel. Arthur empolgado foi ao *net book*, e lendo o texto começou novamente a procurar as palavras. No entanto, o aluno disse: *“Ah, já sei como é. É porque tem palavras diferentes neste texto”*.

Portanto, vemos que o aluno sentiu dificuldades no começo a partir do momento que percebeu que havia palavras diferentes. Então, resolvi ajudá-lo relembrando e explicando sobre os substantivos próprios e os substantivos comuns. Explicando, na mesma hora, o aluno disse que já sabia como fazer, e depois começou a escrever as palavras de acordo com cada substantivo. Na tabela abaixo, mostra como classificou os substantivos tirados do texto da internet:

Quadro 10 – Atividade II: Classificação dos substantivos

Substantivo Próprio	Substantivo Comum
Vagner Lover, Rio de Janeiro, Campo Grande, e Rússia.	Bola, estádio, apito, chuteira, e bandeiras.

Logo depois, pedi que Arthur lê-se para mim as palavras de todos os substantivos. As palavras estavam de forma correta, o aluno, sentiu dificuldades no começo, mas depois conseguiu desenvolver a tarefa. A letra estava de forma legível, todos os substantivos próprios estavam escritos de letra maiúscula. Como havia ensinado a ele, somente, as palavras ‘Rússia’ e ‘estádio’, estavam sem acento. Pedi que colocasse, explicando, que eram palavras que tinham sílabas fortes e que necessitavam de acento.

De forma interdisciplinar, o aluno se aprofundou mais no texto e nas questões teóricas norteadoras, conseguindo, entender e interpretar o texto produzindo seu próprio texto através das perguntas feitas.

4.4 Análises

A partir dos resultados das entrevistas feitas com os professores e com o aluno, e das observações dentro da escola, algumas críticas se delinearam referentes ao trabalho pedagógico com o Arthur. Percebi um distanciamento dos professores com ele antes de começar as minhas intervenções. Os professores passaram a ter um olhar mais cuidadoso para com o aluno depois que eu passei a acompanhá-lo. Outro ponto crucial foi que, se eu tivesse começado com as intervenções pedagógicas desde o início do ano, quando iniciei o estágio supervisionado, talvez hoje o aluno não estivesse defasado de ano.

A meu ver, acredito que todo aluno que tenha TDA precisa de um acompanhamento pedagógico individualizado coordenado com as atividades de sala de aula. Só com a atuação dos professores de sala, que em geral estão sozinhos com uma turma numerosa, não irá resolver o caso dele. Ter alguém o ajudando não se restringe a ter sempre uma ‘bengala’ para o aluno se apoiar, mas fazer o aluno andar com suas próprias pernas até conseguir caminhar sozinho. Não só no caso do Arthur, mas com todos. Dessa forma, muitas dessas questões são apresentadas, com o intuito de analisar sistematicamente os fatores pedagógicos envolvidos com esse aluno em relação aos objetivos que guiaram este trabalho.

4.4.1 Demandas escolares e dificuldades de aprendizagem de um aluno com déficit de atenção

A importância da família na escola é imprescindível visto que é a base de formação do aluno, sem a família a escola fica refém de seus poucos recursos. Na maioria das vezes, embora haja uma preocupação da família, nem sempre há compromisso ou competência no apoio escolar que o filho precisa. As maiores dificuldades enfrentadas pela orientadora é a falta da presença da família, mesmo que tenha projetos voltados para isso na escola. Permanece uma carência na escola quanto a esse problema. Ao contrário da mãe do Arthur, muitos pais não participam e não tem uma presença ativa na escola. No caso do aluno Arthur, sua mãe demonstra ser muito participativa e preocupada com os estudos dele na escola, todavia, deixa de estabelecer sua relação em casa, ajudando o aluno a realizar as atividades e o ensinando.

A escola, por um lado, contribui significativamente na vida escolar do estudante, a partir das aulas ministradas pelo professor, pelos projetos interdisciplinares, pela interação professor e aluno, e pelas práticas vivenciadas pelo aluno na escola. Mas um aluno com TDA precisa de uma demanda de recursos físicos e pedagógicos muito maiores do que a maioria tem. A escola precisa de uma estreita parceria com associações psicopedagógicas ou equipes de apoio. De acordo com os resultados, até mesmo a parceria com as Redes Sociais, alternativa de sistema da Secretaria de Estado de Educação do DF, vimos o quanto o atendimento para esses alunos ainda é escasso. É necessário que a equipe, mediante um acompanhamento pedagógico efetivo voltado para casos como o do Arthur, são necessárias. Além da escola é necessário pensar em políticas públicas capazes de efetivar programas e parcerias que integre uma educação devidamente voltada para o desenvolvimento do aluno, e para as reais demandas relacionadas às dificuldades de aprendizagem existentes.

A formação dos profissionais, entretanto, também é fundamental. Pois, muitas vezes as dificuldades de aprendizagem de um aluno é resultante de um conjunto de transtornos, adicionada de questões relacionadas à subjetividade que se constitui a partir do outro. Tudo isso contribui para experiências difíceis na escolarização que interferem na aprendizagem, na disposição para aprender e, conseqüentemente, no seu desenvolvimento.

No caso do aluno Arthur, a partir das intervenções, das entrevistas dialógicas com o próprio aluno e das entrevistas com as profissionais, percebi que as suas maiores dificuldades de aprendizagem são referentes à ausência de leitura e interpretação de texto. O aluno, não tem vontade de ler um texto, mas se mostra totalmente voltado para as questões que envolvem a matemática, gosta de fazer contas, faz cálculos rápidos, e pensa rápido quando se trata de efetuar uma conta de subtração ou soma, por exemplo. Por outro lado, não gosta de ler e nem de fazer exercícios e/ou atividades escritas, realiza poucas leituras ou às vezes nem as realiza. Na hora de fazer as atividades que envolvam a leitura sente muita dificuldade. Acaba não conseguindo interpretar um texto, nem articular as ideias ali contidas.

A leitura carece de qualquer significância para ele. Se ele não tiver uma atividade que lhe agrade, ou uma atividade que integre as questões do seu dia-a-dia, ou seja, que cumpra seu papel de mediadora, interativa, e multidisciplinar, agregando e utilizando fontes transdisciplinares e interdisciplinares para envolver o aluno nas leituras e nas interpretações de textos, será impossível trabalhar o cognitivo desse aluno, e resolver todos os seus problemas de aprendizagem.

Como confirmado pelas professoras entrevistadas, o grande problema da aprendizagem de Arthur é a falta de concentração e desatenção nas aulas, e principalmente nas realizações de exercícios, provas, e trabalhos (que estão geralmente inacabados). O aluno tem certa dificuldade para se atentar para esses problemas cotidianos de sala de aula, acabando não concluindo, nem fazendo as atividades, ou seja, às vezes a esquece de realizá-los, contudo, tem muita dificuldade para concluir as atividades pedidas pelas professoras. Entretanto, não há uma compreensão de que ele precisa aprender estratégias que possam servir de mediação para que ele regular sua própria concentração e trabalhar sua atenção voluntária. É algo que ele só pode desenvolver dentro da sua zona de desenvolvimento proximal e com a ajuda de alguém competente nessa mediação.

4.4.2 O trabalho pedagógico que é desenvolvido com o aluno com Transtornos de Déficit de Atenção nas séries finais da Educação Fundamental

O trabalho desenvolvido com o aluno, por professoras e pela orientadora, nos mostra o quanto os profissionais da educação precisam estar mais atento para as

questões intrínsecas de cada aluno. Portanto, os profissionais acabam desenvolvendo métodos, no qual, nem todos esses métodos são adotados e efetivados para ser trabalhado com esse aluno. Por exemplo, quando a professora F. (efetiva) reflete sobre o trabalho que é desenvolvido com esse aluno, a professora mesmo nota o quanto se precipitou em dar uma nota zero para o aluno e o quanto a sua forma metodológica estava errada por ter facilitado as provas e os exercícios para o aluno fazer, porém, não sabia a respeito do aluno sobre a aquisição de seu transtorno de atenção. A partir do momento que ficou sabendo desse distúrbio no aluno, passou a tomar outro posicionamento, mudando as suas estratégias. Propondo em estar mais próximo do aluno, perguntando se o aluno estava entendendo, e fazendo o aluno a participar das aulas, e o ajudando nas tarefas e exercícios de sala de aula.

Portanto, as estratégias dos professores devem ser de forma em que se reconheça e compreenda o porquê daquele aluno ter a devida dificuldade de aprendizagem, e entender os seus processos intrínsecos quanto às possibilidades para aprender. Além do mais, devem propor estratégias que envolvam todos os alunos, e não restringindo ao aluno com o déficit de atenção, sem esquecer os demais alunos de sala.

Todavia, o professor deve estar ajudando todos os alunos com estratégias relevantes para o processo de aprendizagem de todos os alunos, e isso implica em uma postura autorreflexiva. Colomina e Onrubia (2004) caracterizam como deve ser a análise metodológica do professor a respeito da interatividade em dois níveis: “A primeira é a escolha, como unidade básica de observação, registro, de análise e de interpretação de processos complexos de ensino e aprendizagem que denominam sequência didática.” (p.301). Em outras palavras, a atuação didática do professor deve ser bem criteriosa e planejada, buscando uma intensa análise de seus processos de ensino, métodos e procedimentos aplicados em sala de aula, uma reflexão atenta sobre as características e significados que emergem das aulas, para dar continuidade (ou modificação) das suas estratégias pedagógicas.

No segundo nível, “mais específico e mais encaixado que o anterior, centra-se nos significados que os participantes negociam e constroem graças à sua atividade discursiva,” (p.301). Ou seja, é importante estar atento para as aprendizagens ocorridas. A partir disso, torna-se necessário um planejamento coordenado em várias instâncias a ser desenvolvido em sala e/ou em encontros pedagógicos especializados. A partir dessa organização o professor consegue compartilhar com o aluno a construção de

significados em virtude de suas abordagens didáticas significativas aliadas a um processo criterioso.

Dessa forma, o trabalho das professoras somente despertou interesse no aluno e o fez aprender quando houve interação. Porém, significa que a proposta de ensino dessa professora, ou seja, de seu planejamento e de seu método tornou em um conjunto de procedimentos válidos e significativos para esse aluno. Cada professora, ao seu modo, promoveu condições para que Arthur participasse da aula. Portanto, o professor não deve “transmitir” um conteúdo, ou uma aula meramente expositiva e desmotivante, mas dotar-se de estratégias que envolvam os alunos e os façam querer aprender a partir de uma mediação ousada e eficaz.

4.4.3 Estratégias pedagógicas individualizadas: entre a aprendizagem dos conteúdos escolares e o desenvolvimento da subjetividade do aluno

As estratégias e os trabalhos desenvolvidos em sala de aula pelas professoras passaram por uma transformação a partir das informações sobre Arthur construídas ao longo da pesquisa. A partir do momento em que começou a se discutir os atributos subjetivos referentes ao seu Déficit de Atenção e as especificidades da sua aprendizagem e ao buscar informações a respeito, as professoras tomaram outra postura. Passaram a ser mais observadoras e atentas à desatenção do Arthur. Mudaram algumas de suas atitudes em relação a ele e a suas formas de ensinar e seus métodos.

A partir da mudança das professoras, houve uma aproximação e mais interesse em compreender se o aluno estava prestando a devida atenção na sua aula, além do mais, permitiram interagir com esse aluno fazendo-o a se interessar pela aula, incentivando sua participação. Passaram verificar se ele estava realmente acompanhando a aula e se estava fazendo os deveres. Passaram a interagir mais ainda com ele na hora da explicação da matéria de maneira em que pudesse tirar algumas dúvidas e orientar a tarefa. Percebe-se um ponto positivo dessas professoras quando passaram a dar devida e exclusiva atenção esse aluno e o resultado foi visível. Contudo, Colomina e Onrubia (2004) ainda refletem sobre a interatividade afirmando sua importância no processo de aprendizagem:

A interatividade inclui tanto trocas comunicativas face a face entre professor e alunos como o conjunto mais amplo de atuações de um e outro que, não obstante sua aparência individual, na realidade

assumem seu significado educacional no contexto mais amplo da atividade conjunta. (p. 299 – 300)

Dessa forma, a partir do momento que o professor e o aluno traçam diálogos, ensina e ao mesmo tempo tira dúvidas, fazendo o aluno a participar da aula de forma ativa, são estratégias de “resgate” o aluno. Permitem que o aluno, não só se concentre na aula, mas instigam a motivação e o interesse. No plano subjetivo, isso é fundamental, pois é o apoio e a direção que ele precisa, por ter alguém mostrando que ele é capaz e acreditando em seu potencial.

No caso da orientadora educacional, é de uma dimensão em nível de gestão. Embora um pouco mais distante da sala de aula, ela é a responsável por canalizar as falas das professoras nas reuniões, orientá-las sobre as especificidades e possibilidades de aprendizagem de alunos como o Arthur. É também de sua função, a intermediação com o atendimento em Redes Sociais fora da escola e com a ambientação de espaços destinados ao trabalho específico com alunos em atendimento. Outra atuação importante é junto às famílias. É o contato, a orientação, no plano ideal, um trabalho de educação com famílias cujos filhos tem algum tipo de “transtorno”. Somente uma aula de reforço por semana, definitivamente não caracteriza um aprendizado efetivo. É necessária uma mobilização institucional e formadora da escola como um todo.

Quanto ao acompanhamento individualizado realizado com o Arthur no contexto desta pesquisa, mediante uma abordagem dialógica, foi possível constatar o efeito positivo das estratégias no desenvolvimento desse aluno. Houve um avanço na compreensão dos conteúdos das disciplinas; um maior interesse em aprender mais sobre os diferentes assuntos; uma canalização da atenção e concentração para com as atividades em função das diferentes mídias e mediações; ênfase na importância da conclusão das tarefas; nas formas de expressão, tanto oralmente e quanto na escrita; acima de tudo, Arthur teve um espaço para compartilhar os significados dos assuntos e dar sentido às explicações, matérias e atividades de sala de aula.

As estratégias usadas para essa efetivação foram os significados atribuídos as tarefas, a valorização das tarefas mediante o gosto e a realidade educacional do aluno aliado às questões de conteúdo como a interpretação, a leitura, o raciocínio matemático, a linguagem tanto escrito como simbólico, e outros conteúdos abordados mediante o contexto educacional vivenciado em sala de aula pelo aluno. Todos esses atributos relacionados ao diálogo reflexivo entre eu, como educadora e Arthur, como aluno,

possibilitou a aquisição de subsídios interdisciplinares para a construção de conhecimento de forma diferenciada e relacionado à sua realidade e interesses. Luck (2010) caracteriza a importância da *interdisciplinaridade* como:

O indivíduo entra, necessariamente, no circuito, de modo que ele pense sobre seu modo de pensar os conhecimentos, estabelecendo o sentido de integração consigo mesmo e dele para com a realidade, constituindo-se, esse processo, em vista disso, numa verdadeira ciranda de conscientização. (p.51)

Ao longo das sessões de acompanhamento individualizado, Arthur pode associar vários conhecimentos de diferentes disciplinas sob a ótica do esporte escolhido, por exemplo. Além do mais, aprendeu como criar um jornal da escola, que o permitiu se atualizar nas tarefas e atividades a serem entregue, e a se informar sobre os acontecimentos escolares. De acordo com essas tarefas interdisciplinares, o aluno pode compreender melhor o seu espaço escolar, e ainda teve motivação para produzir seu texto e realizar as diferentes atividades. Por meio da abordagem interdisciplinar, ao longo das sessões, percebi no Arthur motivação e interesse em realizar as tarefas solicitadas, sem interferência de nenhum tipo de desvio de atenção e nem desinteresse como havia tido nas primeiras sessões. Pelo contrário, o aluno conseguiu construir desenvolver seu cognitivo a partir dos múltiplos conhecimentos disciplinares, e de sua realidade escolar.

Levando em conta o momento desenvolvimental, Arthur está em plena emergência da adolescência. Nesse sentido, é possível aproveitar o momento de construção da identidade e certificar-se de que um resgate desse aluno como sujeito de sua aprendizagem é necessária e desejável. Se a escola não foi uma experiência efetiva, é pouco provável que será posteriormente, em que muitos processos de busca por identificações e inserções sociais emergem de forma mais premente. A busca por uma autonomia, identidade e independência são marcas da adolescência, portanto, é importante que ele desenvolva recursos e estratégias que o permitam desenvolver essa autonomia com relação à aprendizagem escolar.

É nesse sentido que uma análise transdisciplinar vem a ser significativa. O processo de socialização é fundamentalmente importante no processo de desenvolvimento do ser humano. Inclusive, na escolarização. A aprendizagem passa por construções relacionais. Foi o que tentei construir na intervenção. O conhecimento é construído externamente entre as pessoas e internalizado de forma singular pelo sujeito

através de significados atribuídos mediante as tarefas e o diálogo com o outro. Nicolescu (2000) reflete sobre essa relação *transdisciplinar* como:

Novos laços sociais podem ser descobertos quando procurarmos pontes entre as diferentes áreas do conhecimento e entre as diferentes pessoas, pois o espaço exterior e o espaço interior são duas facetas de um único e mesmo mundo. (p.144)

Portanto, a ajuda do outro e desse lado social é de extrema importância para adquirir no sujeito, novos e diferentes conhecimentos a serem estabelecidos entre o seu mundo e os conhecimentos disciplinares. Tornando e construindo um espaço de relações e significados nesse sujeito.

4.4.4 Sobre as possibilidades de aprendizagem e as possibilidades de um trabalho pedagógico que potencialize o sucesso escolar e as perspectivas de futuro de sujeitos com Transtornos de Déficit de Atenção

Todos nós temos a capacidade de aprender e construir novos conhecimentos. Um aluno com Déficit de Atenção não é diferente, tem as suas limitações devido ao seu transtorno de atenção quando em aulas totalmente convencionais, sem mediações ou interações. Todavia, quando exploramos as possibilidades de aprendizagem desses alunos, percebemos o quanto eles podem aprender e se desenvolver. Através de uma estratégia multidimensional, dialógica, inter e transdisciplinar, o aluno terá a vontade, a motivação, e o interesse para continuar a realizar seus estudos e a fazer as tarefas com mais autonomia. Isso, desde que o mediador estabilize e integre estratégias mediáticas e um trabalho diferenciado.

Todas as intervenções eu sentia que as “dificuldades” de aprendizagem do Arthur eram por falta de concentração e desinteresse. Algo já parte da história da escolarização inadequada dele. Mas, devido às estratégias propostas e mostradas, percebi e pude comprovar o quanto esse aluno se desenvolveu em termos de realizar as tarefas e as concluí-las, aprendeu a se expressar melhor em relação a realização de suas atividades, como também se mostrou mais participativo e aprendeu a se expressar melhor oralmente ao responder minhas perguntas ou até mesmo a contar algo de seu cotidiano.

Diante de todas essas análises, é possível que o aluno Arthur ou até mesmo outro aluno com Déficit de Atenção tenha sucesso escolar desde que o professor de sala de aula ou o mediador pedagógico consiga estabelecer uma estratégia que atenda às capacidades, as individualidades, e as possibilidades de aprendizagem desses alunos. Mas, sobretudo, que haja um acompanhamento pedagógico individualizado coordenado com diversas ações de sala de aula e da escola como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O processo de ensino-aprendizagem deve ser algo prazeroso que nos de vontade de continuar”.

Maria Clara Fraga Lopes

Em virtude de tudo o que foi colocado é importante ressaltar o objetivo proposto deste estudo no sentido de compreender os aspectos envolvidos no trabalho pedagógico e no processo de aprendizagem e desenvolvimento de um aluno com Transtornos de Déficit de Atenção nas séries finais da Educação Fundamental, priorizando divisar estratégias pedagógicas que potencializem o sucesso escolar desse sujeito. Em virtude das dificuldades de aprendizagem do aluno resultantes do seu Déficit de Atenção do sujeito do estudo de caso aqui apresentado, este trabalho propôs estratégias pedagógicas para promover o desenvolvimento cognitivo desse aluno. Nas intervenções de acompanhamento pedagógico individualizado, foram priorizadas estratégias e mediações que favorecessem motivação para a aprendizagem. Observamos que ao longo das intervenções o aluno despertou interesse pelas devidas atividades que foram desenvolvidas.

Através da compreensão das práticas pedagógicas dos professores, do trabalho da orientadora educacional, dos processos institucionais da escola, e principalmente, das intervenções individualizadas construídas e realizadas com um aluno com TDA, foi possível verificar o quanto é necessário um acompanhamento pedagógico diferenciado para com esse aluno. Existe na escola uma carência estrutural quanto à oferta de um atendimento pedagógico especializado. As estratégias e as mediações trabalhadas nas intervenções demonstram a importância de uma aula que tenha um espaço dinâmico e interativo entre professor-aluno, para conseguir assim, a construção de significados necessária para as aprendizagens do aluno de forma que isso contribua para sua formação como um todo. Além de ser essa uma abordagem importante em toda a sala de aula, seria importante ter na escola também um espaço específico para esse atendimento pedagógico, como prática dentro do componente curricular.

Também é importante considerar que um acompanhamento pedagógico requer educadores capacitados para lidar com as especificidades do aluno com TDA entre tantas outras especificidades que se apresentam na escolarização. A didática é extremamente estratégica e pedagógica no sentido de promover mudanças no aluno

tanto de forma intrínseca quanto extrínseca. -se a didática de forma interdisciplinar, que enfatize relações entre conteúdos, habilidades, interesses e diversas mídias, e a importância de uma abordagem transdisciplinar, que considere a vida escolar e pessoal do sujeito como um todo, marcado pela subjetividade.

A partir das conclusões, apresento alguns apontamentos sobre questões referentes ao trabalho das profissionais que participaram do estudo. A principal diferenciação entre as estratégias pedagógicas utilizadas no acompanhamento individualizado e as utilizadas pelas professoras em sala de aula recai na dimensão disciplinar versus dimensão interdisciplinar. Em sala de aula, o conteúdo é trabalhado exclusivamente de forma disciplinar. Enquanto que, no acompanhamento pedagógico, priorizou-se uma abordagem interdisciplinar mediada pelo diálogo e pela interação. As professoras também sinalizam práticas mediadas pelo diálogo, estabelecendo pontes a partir de saberes construídos e aprendidos pelo aluno. Aparentemente, o aluno pode participar e desenvolver interesse nas aulas na medida em que essa interação professor-aluno foi sendo constituído e garantindo a ele o lugar de respeito na turma.

Contudo, as minhas estratégias pedagógicas, mostraram o quanto o aluno pode se desenvolver e aprender ainda mais quando há uma integração entre os diversos recursos materiais e simbólicos de diferentes disciplinas. Através de subsídios tanto de leituras, interpretações de texto e imagens, as construções matemáticas e outras formas multidimensionais é possível promover a concretização dos quatro pilares da educação na formação educacional desse aluno. Também pude perceber o quanto as mediações no acompanhamento pedagógico *individualizado* foram importantes para promover a construção de valores, respeito, conhecimento de seu mundo escolar, e principalmente a internalização de aprendizagens em favorecimento do desenvolvimento escolar e global.

Quando se ensina a algum aluno, todo educador deve inserir estratégias pedagógicas como forma de incentivar, motivar, favorecer a concentração, contribuir para a sua autoestima, aprender a ter autonomia, ter interesse em aprender a aprender e a conhecer, a ser, e a aprender e conviver com outros de maneira harmônica. Mas para essa efetivação é preciso, antes de tudo, o olhar e o planejamento cauteloso das estratégias a serem implementadas. Mais uma vez, reitero a necessidade de educadores que desenvolvam estratégias pensadas e construídas para o sujeito em desenvolvimento, contemplando o caráter mediático, envolvendo todo o conjunto multidimensional e a interatividade entre o professor e o aluno. Buscando assim, significados necessários para aprendizagem e o desenvolvimento desse sujeito em processo.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Aprendendo com a pedagogia: subsídios para um futuro melhor...

No decorrer do curso de pedagogia sempre tive vontade de seguir profissionalmente para o lado da psicopedagogia. Para mim a psicologia e a educação precisam estar em dependência e em constante construção, seja em um aluno, seja na sala de aula, seja em um planejamento, seja com os professores e com todos envolvidos em prol da educação. Quero assim dizer que em tudo que envolva a educação, a psicologia deve estar, portanto, entender o ser humano e todas as suas particularidades é um requisito insubstituível no processo de desenvolvimento humano e intelectual.

Todavia, por mais que eu tenha seguido outro caminho que é de ter trabalhado em uma Universidade Corporativa que trata sobre a educação à Distância, penso ainda que a base alicerce da educação é a psicologia. Muitas das lições realizadas no meu ex-espço de trabalho e no meu curso de pedagogia, trouxe para mim muito aprendizado. Acredito que os ensinamentos, e os problemas que enfrentei, foi um grande passo para saber o que quero na minha vida profissional, e acabei entendendo que educar numa universidade corporativa é muito mais do que uma simples “avaliação de reação” convencional de trabalho. O que estou querendo dizer é que todos nós somos pedagogos, seja a partir da chefia até os outros empregados de uma determinada empresa ou em uma sala de aula comum. Acabamos ensinando a alguém o que nos foi passado anteriormente, e sempre estamos aprendendo com alguém em cada ambiente escolar, empresarial, e todos os outros ambientes de trabalho que estamos inseridos.

A pedagogia nos ensina que aprender é algo indispensável ao ser humano, e aprender com o outro em qualquer espaço de trabalho é ainda mais importante. Aprender pedagogicamente é conhecer, investigar, praticar, e principalmente administrar o seu espaço e o problema em questão, criando assim estratégias eficazes para o melhoramento e a harmonia onde estamos atuando.

Solucionar uma dificuldade de aprendizagem torna o interior de uma pessoa num estado puramente potente. Essa monografia foi construída por determinada vivencia que marcou muito minha vida, ou seja, através dos meus desvios de atenção em sala de aula acabei tendo diversas dificuldades de aprendizagem. No entanto, a partir da constituição deste trabalho, não signífico dizer que terei que seguir profissionalmente e somente o

lado psicopedagógico. Posso ter inúmeras opções quando ao meu curso, mas em detrimento do que vivi e aprendi em conjunto com todas as afirmações ditas anteriormente, hoje tenho o claro objetivo de alinhar todas essas alternativas e conseguir construir um caminho profissional que atrela a pedagogia, a psicologia, e principalmente o desejo de trabalhar em uma corporação que envolva a pedagogia empresarial. A pedagogia me ensinou, e me guiou para mostrar para mim e para as pessoas ao meu redor que tudo na vida a gente consegue com muito esforço e muita dedicação. E por uma dificuldade seja ela qual for é possível superá-la, seja com a ajuda de alguém ou seja correndo atrás; o mais importante é aprender com os erros e seguir em frente.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. Gaiolas e asas. **Folha de São Paulo**, Tendências e Debates, 05 dez. 2001. Disponível em: <<http://www.rubemalves.com.br/gaiolaseasas.htm>>.
- AMEN, D.G. **Distúrbio de Déficit de Atenção (DDA)**. Disponível em:<<http://www.orientacoesmedicas.com.br/hiperatividadedda.asp>>. Acesso em: 28 out. 2011.
- BORUCHOVITCH, E. Dificuldades de aprendizagem, problemas motivacionais e estratégia de aprendizagem. Em: F.F. SISTO; E. BORUCHOVITC; L.D.T. FINI, **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 40-55.
- BZUNECK, J. A. (2010). Como motivar alunos: sugestões práticas. Em: E. BORUCHOVITCH; A. BZUNECK; S.E.R. GUIMARÃES (Org.), **Motivação para aprender**: aplicações no contexto educativo. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 13 – 37.
- CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da Adolescência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CASTRO, C. A. A.; NASCIMENTO, L. **TDAH: inclusão nas escolas**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda, 2009, p. 41- 43.
- COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COLOMINA, R.; ONRUBIA, J. Interatividade, mecanismos de influência educacional e construção do conhecimento na sala de aula. Em: C. COLL; A. MARCHESI; J. PALACIOS (Orgs.), **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 297 – 301.
- CUBERO, R.; LUQUE, A. Desenvolvimento, educação e educação escolar: a teoria sociocultural do desenvolvimento e da aprendizagem. Em: C. COLL; A. MARCHESI; J. PALACIOS (Orgs.), **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação Escolar**. Porto Alegre: Artmed. 2004, p. 94 – 104.
- ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise**. Tradução de Álvaro Cabral. Zahar Editores, 1972.
- GARCIA, J. N. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Tradução Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2006.
- LIBANEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor).
- LUCK, H. **Pedagogia Interdisciplinar: fundamentos teórico–metodológicos**. 17. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- MATTOS, P. **No mundo da lua: Perguntas e respostas sobre o transtorno do déficit de atenção com hiperatividade em crianças, adolescentes e adultos**. São Paulo: Lemos Editorial, 2003.
- MONERO, P.; CASTELLÓ, M. O ensino de estratégia de aprendizagem no contexto escolar. Em: C. COLL; A. MARCHESI; J. PALACIOS (Orgs.), **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 161 – 175.
- NICOLUESCU, B. **Educação e transdisciplinaridade**. (Tradução de Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman). Brasília: UNESCO, 2000.
- OLIVEIRA, G. de C. Dificuldades subjacentes ao não-aprender. Em: F.F. SISTO; E. BORUCHOVITC; L.D.T. FINI (Orgs.), **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ2 Vozes, 2007, p. 79-94.

- OLIVEIRA, M. C. S. Lopes de. Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 2, Maringá: 2006, p. 427-436.
- REGO, T.C. **Vygotsky: Uma perspectiva Histórico-Cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Educação e Conhecimento).
- REY, F. G.; MARTINEZ, A. M. Sujeito que Aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. Em: M.C. V. R. TACCA. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Alínea, 2006.
- SILVA, A. B. **Mentes Inquietas: entendendo melhor o mundo das pessoas distraídas, impulsivas e hiperativas**. São Paulo: Gente, 2003.
- SISTO, F.F. Dificuldades de aprendizagem. Em: F.F. SISTO; E. BORUCHOVITC; L.D.T. FINI, **Dificuldades de Aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 19-35.
- SISTO, F.F.; BORUCHOVITCH, E.; FINI, L.D.T. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- SZYMANSKI, H. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002, p. 10 – 15.
- TAPIA, E.; MONTERO, M. Orientação motivacional e estratégias motivadoras na aprendizagem escolar. Em: C. COLL; A. MARCHESIA; J. PALACIOS (Orgs.), **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação Escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 177 - 191.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1997.
- VIGOTSKI, L.V. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. Em: **Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE I: Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Professoras e Orientadora Educacional)

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa sobre *o trabalho pedagógico com estudantes com déficit de atenção* realizado por Bruna Monteiro de Oliveira¹³, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB no. 09/0141822, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire¹⁴.

O trabalho consiste em entrevistas com o(a) orientador(a) educacional ou coordenador(a), com professores (as) e alunos(as) da escola sobre o tema. As entrevistas serão individuais e ocorrerão em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola. As entrevistas serão gravadas em áudio por duas razões: para facilitar a interação da pesquisadora com os/as entrevistados/as e para que informações importantes não se percam.

Minha participação é totalmente voluntária e será garantido o sigilo de meu nome e de todos os sujeitos participantes das entrevistas, como forma de preservar a identidade de cada um. Os benefícios recebidos serão em termos de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico com estudantes com déficit de atenção e compreender as singularidades de como esses estudantes aprendem e se desenvolvem no contexto da escola.

() concordo em participar deste estudo

Local e data: _____

Nome do(a) participante: _____

CPF ou RG do(a) participante: _____

Endereço do(a) participante: _____

Telefone do(a) participante: _____

E-mail do(a) participante: _____

Assinatura do(a) participante: _____

¹³ Endereços para contato: Bruna Monteiro de Oliveira – E-mail: brunamontyol@gmail.com;

¹⁴ Prof^a Dr^a Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com.

APÊNDICE II: Termo de Consentimento: entrevista com o aluno



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos
Área: Psicologia da Educação

PESQUISA: Estratégias de Aprendizagens para o Trabalho Pedagógico com o Estudante com Distúrbio de Déficit de Atenção

TERMO DE CONSENTIMENTO

Meu nome é Bruna Monteiro de Oliveira¹⁵ aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB no. 09141822, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire¹⁶. Estou realizando uma pesquisa sobre as estratégias de aprendizagens para o trabalho pedagógico com o estudante com Distúrbio de Déficit de Atenção. Desta forma, a pesquisa tem como objetivo identificar as dificuldades do estudante com déficit de atenção, e analisar e propor estratégias para a promoção da aprendizagem efetiva desse aluno.

Para isso, gostaria de solicitar sua autorização para realizar uma entrevista individual de duração aproximada de 1 hora gravada em áudio com seu (sua) filho (a).

Esclareço que a entrevista individual ocorrerá em horário escolhido em comum acordo entre as partes no espaço da escola; as informações pessoais de seu (sua) filho (a) serão preservadas, ele (a) não será identificado(a) no trabalho; não existe nenhum risco potencial para ele(a); qualquer dúvida em relação ao estudo você pode me contatar por meio do e-mail brunamontyol@gmail.com e pelo telefone celular (61)91086256.

A participação de seu (sua) filho (a) é muito importante para o desenvolvimento da pesquisa. Desde já, agradeço sua inestimável contribuição.

() **autorizo meu (minha) filho (a) a participar deste estudo**

Local e data: _____

Nome do(a) aluno (a): _____

Endereço do(a) aluno (a): _____

Nome do(a) responsável pelo(a) aluno (a): _____

CPF ou RG do(a) responsável: _____

Telefone do(a) responsável: _____

E-mail do(a) responsável: _____

Assinatura do(a) responsável: _____

¹⁵ Contato: (61)91086256 – E-mail: brunamontyol@gmail.com

¹⁶ Contato: Prof^a Dr^a Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com.

APÊNDICE III: Carta de intenção – Intervenção Pedagógica



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que fui informado(a) do objetivo geral da pesquisa sobre *o trabalho pedagógico com estudantes com déficit de atenção* realizado por Bruna Monteiro¹⁷, aluna do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, matrícula UnB no. 090141822, sob a orientação da Prof^a Dr^a Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire¹⁸.

A presente fase do projeto de pesquisa consiste na realização de quatro sessões de trabalho com um aluno sujeito do estudo de caso com fins à implementação de estratégias específicas de acompanhamento escolar individualizado. As sessões ocorrerão em horário e espaço escolhidos em comum acordo entre as partes e serão gravadas em áudio.

A participação do meu filho é totalmente voluntária e lhe será garantido o sigilo como forma de preservar sua identidade.

Os benefícios recebidos serão em termos de produção de conhecimento, uma vez que possibilita refletir sobre os processos envolvidos no trabalho pedagógico com estudantes com déficit de atenção e compreender as singularidades de como esses estudantes aprendem e se desenvolvem no contexto da escola.

() concordo em participar deste estudo

Local e data: _____
 Nome do(a) participante: _____
 Nome do(a) responsável: _____
 CPF ou RG do(a) responsável: _____
 Endereço do(a) responsável: _____
 Telefone do(a) responsável: _____
 E-mail do(a) responsável: _____
 Assinatura do(a) participante ou responsável: _____

¹⁷ Endereços para contato: brunamontyol@gmail.com;

¹⁸ Prof^a Dr^a Sandra Ferraz – E-mail: sandra.ferraz@gmail.com.

APÊNDICE IV: Roteiro de entrevista com as professoras do Ensino Fundamental



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação
Departamento de Teoria e Fundamentos
Área: Psicologia da Educação

Pesquisa: O trabalho pedagógico com estudante com déficit de atenção

Estudante: Bruna Monteiro de Oliveira

Professora Orientadora: Sandra Ferraz

Objetivo Geral

Identificar aspectos envolvidos no trabalho pedagógico e no processo de aprendizagem e desenvolvimento de um aluno com Transtornos de Déficit de Atenção nas séries finais da Educação Fundamental, priorizando divisar possibilidades de ensino e de aprendizagem que potencializem o sucesso escolar de sujeitos com Transtornos de Déficit de Atenção.

Objetivos Específicos

- Conhecer o trabalho pedagógico que é desenvolvido com um aluno com Transtornos de Déficit de Atenção nas séries finais da Educação Fundamental.
- Analisar as especificidades do desenvolvimento do aluno com Déficit de Atenção e os processos de aprendizagem envolvidos no trabalho pedagógico.
- Identificar as dificuldades e as possibilidades do processo de aprendizagem do aluno em decorrência das especificidades Distúrbio de Atenção.
- Refletir sobre as possibilidades de aprendizagem e as possibilidades de um trabalho pedagógico que potencialize o sucesso escolar e as perspectivas de futuro de sujeitos com Transtornos de Déficit de Atenção

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

1 – Informações Pessoais e profissionais

2 – Aspectos relacionados ao aluno com Transtorno do Déficit de Atenção.

Sobre o Transtorno de Déficit de Atenção

1. Como você caracterizaria o Transtorno de Déficit de Atenção e como você vê essa questão nesta escola?
2. Como é o desenvolvimento escolar de um estudante com déficit de atenção? É possível “tratá-lo”?
3. Como você aprendeu sobre déficit de atenção?
4. Ao longo da sua experiência profissional, já conheceu muitos casos?

5. Quais são os casos de alunos com déficit de atenção que a escola tem atualmente? Já houve outros casos na escola?
6. O aluno Arthur tem um diagnóstico médico?

Sobre o aluno Arthur

7. Como você descreve esse aluno como pessoa (sua personalidade, temperamento, subjetividade etc)?
8. Como é a relação desses alunos com a escola? E com os professores?
9. Como é a relação desse aluno com sua família?
10. Qual é a postura da família diante do transtorno?
11. Como são as relações sociais desse aluno com os colegas?
12. De que forma ele é diferente dos demais aqui na escola? Porque, explique e exemplifique.
13. Você acha que o aluno tem problemas de comunicação (distúrbios da fala e da linguagem), ou problemas físicos, de visão e de audição, ou problemas múltiplos (presença simultânea de mais de um dos problemas anteriormente mencionados)? Porque, explique e exemplifique.
14. Esses “problemas” tem alguma relação com o Transtorno de Déficit de Aprendizagem?
15. O aluno aparenta em sala ter problemas emocionais? De que tipo? Se sim, tem conversado com os familiares, colegas de sala, e etc?

Sobre o desenvolvimento escolar do aluno Arthur

16. No caso específico do aluno Arthur, como é o trabalho pedagógico realizado com ele?
17. Há adaptação pedagógica para esse aluno na sala de aula e/ou fora da sala de aula? Como é?
18. Como a aprendizagem desse aluno é diferente da aprendizagem dos outros?
19. Como é o seu rendimento nas tarefas e trabalhos de sala e de casa, e nas provas?
20. Quais são as dificuldades que você sente no trabalho com esse aluno aqui na escola?
21. Quais estratégias de aprendizagem são mais eficazes com esse aluno em especial?
22. No plano ideal, o que você acha que deveria ser feito na escola como um todo para garantir a aprendizagem desse aluno e o sucesso acadêmico dele?
23. De que forma o déficit de atenção pode interferir na perspectiva de futuro dele?
24. Como o aluno se comporta em sala? Já teve algum problema com a direção, ou com algum aluno, ou com você?

Sobre a aprendizagem do aluno em uma área disciplinar

25. Qual é a maior dificuldade do aluno na sua matéria?
26. Como você lida com essa dificuldade?
27. E quais as possibilidades de aprendizagem desse aluno, de que forma ele aprende melhor na sua matéria?
28. Como o aluno é nas outras disciplinas? Em qual disciplina você considera ser mais desafiadora para ele?

APÊNDICE V: Roteiro de entrevista com a Orientadora Educacional



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Educação

Departamento de Teoria e Fundamentos

Área: Psicologia da Educação

Pesquisa: O trabalho pedagógico com estudantes com déficit de atenção

Estudante: Bruna Monteiro

Professora Orientadora: Sandra Ferraz

Roteiro entrevista com a Orientadora Educacional

Aspectos profissionais

1. Trajetória de formação
2. Trajetória profissional na área
3. Trajetória na escola

Características gerais da escola e dos alunos

4. Qual é o seu papel como orientadora na escola e quais as principais dificuldades que você enfrenta?
5. Há uma diferenciação entre as tarefas de orientadora, coordenadora e supervisora?
6. Caracterize os aspectos positivos e negativos da escola.
7. Sobre os professores: quais são as características do quadro docente da escola?
8. Como são os professores em relação aos alunos?
9. Quais são as principais dificuldades enfrentadas por eles?
10. E com relação aos alunos, há alguma reclamação mais significativa ou generalizada?
11. Como você define o “Distúrbio de Déficit de Atenção”, e como você vê essa questão nesta escola?
12. Há algum projeto na escola direcionado para este tema?
13. Qual é o seu papel como orientadora na escola e quais as principais dificuldades que você enfrenta?

Aspectos relacionados ao trabalho com alunos com os alunos e, especificamente com os alunos com déficit de atenção.

14. O que caracteriza o seu trabalho com os alunos aqui nesta escola?
15. Quem são os alunos desta escola? (caracterização da comunidade discente)
16. Quais são os casos de alunos com déficit de atenção que a escola tem?
17. Os alunos com déficit de atenção possuem um diagnóstico clínico? Como é o processo de identificação e encaminhamento desses alunos?
18. Quantos e quais alunos com déficit de atenção estão em atendimento com você atualmente?
19. Você conhece outros trabalhos realizados com alunos com déficit de atenção (ou em escola, espaço psico-pedagógico etc.)? Caso afirmativo, através desses casos, houve alguma influência no seu trabalho aqui?
20. Você chegou a trabalhar com alunos com déficit de atenção em outras escolas? Em que medida o trabalho realizado com esses alunos era diferente?

Aspectos relacionados ao trabalho com aluno Arthur

21. O que você sabe sobre esse aluno?
22. Qual a especificidade do trabalho pedagógico com esses aluno (da orientação educacional e dos professores)?
23. Como é o desenvolvimento desse aluno com déficit de atenção? É possível “tratá-lo”? Que outros meios ajudariam a esses alunos por parte da escola?
24. Como você aprendeu sobre déficit de atenção?
25. Como é a relação desse aluno com a escola? E com os professores?
26. Como é a relação desses alunos com suas famílias?
27. Qual é a postura da família com Arthur?
28. Como a aprendizagem desse aluno é diferente da aprendizagem dos outros?
29. Há adaptação pedagógica para esse aluno na sala de aula e/ou fora da sala de aula? Como é?
30. Como está sendo o desenvolvimento pedagógico deste aluno nas tarefas e trabalhos de sala e de casa, e nas provas?
31. Como são as relações sociais desse aluno com os colegas?
32. Quais são as dificuldades que você sente no trabalho com esse aluno aqui na escola?
33. O que você acha que deveria ser feito na escola para garantir a aprendizagem desse aluno e o sucesso acadêmico dele?
34. De que forma o déficit de atenção pode interferir na perspectiva de futuro dele?

APÊNDICE VI: Roteiro de entrevista individual com o aluno



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
 Faculdade de Educação
 Departamento de Teoria e Fundamentos
 Área: Psicologia da Educação

Pesquisa: O trabalho pedagógico com estudante com déficit de atenção

Estudante: Bruna Monteiro de Oliveira

Professora Orientadora: Sandra Ferraz

ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL COM O ALUNO

Eixos organizadores da entrevista:

- A. Sobre o trabalho pedagógico desenvolvido nas séries finais da Educação Fundamental
- B. Sobre as especificidades do desenvolvimento da pessoa com Transtorno de Déficit de Atenção
- C. Sobre as dificuldades e as possibilidades do processo de aprendizagem do aluno com Déficit de Atenção.
- D. Sobre um trabalho pedagógico que potencialize o sucesso escolar e as perspectivas de futuro de sujeitos com Transtornos de Déficit de Atenção.

I – Informações pessoais e escolares

1. Arthur, o que você mais gosta de fazer? Por quê? (Solicitar exemplos)
2. O que você menos gosta de fazer? Por quê? (Solicitar exemplos)
3. E o que você gostaria de fazer que ainda nunca fez? Por quê? (Solicitar exemplos)
4. Arthur, conta para mim sobre a sua rotina, o que você faz todos os dias?
5. O que você acha das coisas que você faz?

Arthur, conta para mim a história da sua vida:

1. Quais são as primeiras lembranças que você tem de criança? (explorar lembranças mais marcantes e as razões porque elas foram marcantes)
2. Agora, conta para mim da sua vida escolar.
3. Você lembra de quando você entrou para a escola? Como foi?
4. E depois, como foi cada ano? (explorar o que ele achava, como ele se sentia)
5. Qual foi seu professor preferido? Por quê?
6. E qual professor você menos gostou? Por quê?
7. Arthur, me fale dos seus amigos, você tem amigos?

8. Quem são, de onde, o que fazem, você gosta dele(a), já brigou com ele(a), o que mais gosta de fazer juntos, o que a mãe acha desse amigo(a)?
9. Quando você era criança, como eram suas amizades?
10. O que é ser amigo para você? E como você é com seus amigos?
11. Como você era quando era criança?
12. E, agora como você é como pessoa?
13. Que coisas mudaram em você? Por que você mudou?

II – Aspectos relacionados ao aluno com Transtorno do Déficit de Atenção.

Sobre o TDA e aprendizagem

Agora, você vai me falar sobre sua aprendizagem.

1. Conta para mim, como você aprendeu a ler e a contar na escola?
2. E hoje, como é sua aprendizagem, o que você tem que fazer para conseguir aprender na escola?
3. E que coisas você aprende fora da escola? É diferente o que você aprende na escola e fora da escola? Como?
4. Você sabe que você tem um transtorno, me conta sobre ele.
5. O que é? Como vocês descobriram isso? E como você se sente? O que os professores acham? O que sua mãe acha? E os colegas? Você chegou a ir ao médico fazer exames, e daí? O que diz no seu laudo médico?
6. Em que coisas você acha que aprende diferente dos seus colegas que não tem isso?
7. Você conhece outras pessoas com esse transtorno? E daí, como elas são e como elas aprendem?

Sobre o trabalho pedagógico

1. Como são suas relações na escola? (professores, colegas, orientadora, outros)
2. Como foram as aulas neste ano? Em que matéria você aprendeu mais? Por que você acha que aprendeu mais nessa matéria?
3. Explica para mim quais as principais dificuldades que você teve neste ano.
4. Que coisas atrapalham a sua aprendizagem?
5. Qual professor ensina melhor? Por que?
6. Como deveria ser uma boa aula para você aprender?
7. Agora, me fale como são o que você acha do dever de casa, dos trabalhos, das provas, e das tarefas de sala?
8. Que tipo de tarefas você acha mais interessante e que a escola poderia passar mais para você?
9. O que você achou das aulas que você esteve comigo?
10. De que forma essa aula foi diferente das outras? O que você aprendeu?
11. Você continuaria tendo aulas assim? Por quê?

Sobre as relações familiares

1. Como é a sua relação com a família?
2. De quem você gosta mais? Por que?
3. De quem você não gosta? Por que?
4. Quando você fica feliz na sua casa e que coisas te deixam triste?
5. O que sua mãe acha do transtorno que você tem?
6. E as outras pessoas da sua família?
7. O que você quer ser quando for adulto?
8. O que você tem que fazer para chegar lá?
9. Quem pode te ajudar?

10.O que a escola pode fazer para ajudar?

11.E a sua mãe, o que ela quer para você? O que você acha disso?

APENDICE VII

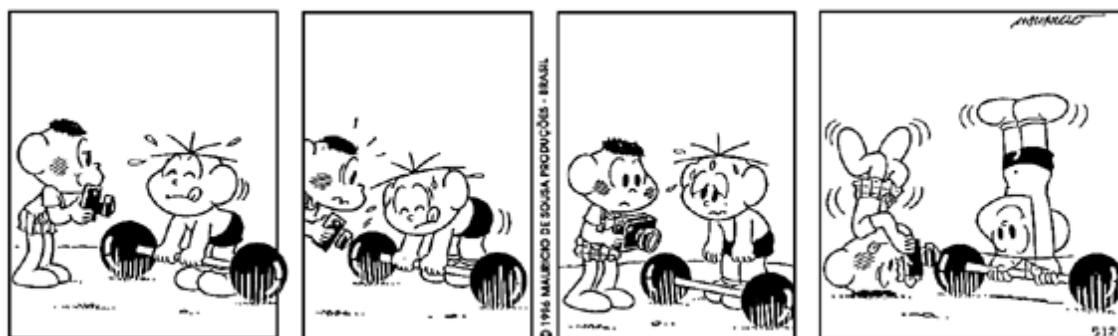
Atividades 1 – Interpretação de texto
<p>Questões</p> <ol style="list-style-type: none"> 1) Qual é o título do texto? 2) Quem são os personagens do texto? 3) Qual é o assunto principal deste texto? 4) A partir do texto escolhido, o que mais chamou a sua atenção? 5) Porque escolheu este texto? 6) Qual é o problema central do texto? 7) Seu desenho diz tudo sobre o texto? O que gostaria de ter acrescentado no desenho?

APENDICE VIII

Atividade 5 – Roteiro de Pesquisa
<ol style="list-style-type: none"> 1) Em que data esse jogador nasceu? 2) Qual é o time que ele joga? 3) Qual é a idade do jogador? 4) A quanto tempo ele está jogando? Quantos gols esse jogador fez ate hoje? 5) O que mais gostou no texto? 6) Onde esse jogador mora? Então, em qual região Brasileira esse jogador mora?

ANEXO I

Atividade 2 – História em quadrinho



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5122

1 - Vamos interpretar a tirinha juntos. Para isso preencha as lacunas a seguir:

O Cebolinha queria mesmo provar que é um garoto forte. Para isso, convidou o _____ para tirar algumas _____. O desafio era levantar uma barra com pesos, mas o _____ não estava conseguindo e por isso ficou _____. O Cascão na tentativa de ajudar, teve uma idéia muito engraçada de modo que os dois _____ e a foto foi feita!

2- Nesta tirinha não há texto escrito. Como foi possível compreender a tirinha?

3- Crie os balões com e monte um diálogo para esta tirinha. Lembre-se de que as tirinhas são textos que buscam divertir o leitor.

ANEXO II

Atividade 3 - Criando um jornal da escola



ESPORTE E LAZER	CURIOSIDADES	ANÚNCIOS OU CLASSIFICADOS	O DIA A DIA
Divulgar notícias sobre competições, jogos que ocorrem na escola.	Fatos curiosos que acontecem na escola.	Dias de provas, entregas de trabalhos, vendas de algum material, objetos perdidos ou encontrados por alunos e professores.	O que está acontecendo na escola, nos conteúdos, projetos que estão acontecendo e outros.

ANEXO III

Atividade 4 – Imagem: Regiões Brasileira

